

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**Francisca das Chagas Viana Vale dos Santos**

**Colaboradores da seção Meu Jornal da revista O Tico-Tico: forjando  
*um ideal de criança* (1935-1940)**

Juiz de Fora

2025

Orgão dos leitores  
d'O TICO-TICO

# MEU JORNAL

A criança diz no  
jornal o que quer

DIRECTOR: — Chiquinho — Collaboradores: — Todos que quiserem  
**Francisca das Chagas Vale Viana dos Santos**

## A morte do Barão do Rio Branco

No dia 10 de Fevereiro de 1912, a cidade amanheceu na mais completa tristeza!

Morria o filho do celebre Visconde do Rio Branco.

No palacio Mourão arvoraram a bandeira nacional a meio pino.

O Rio de Janeiro acabava de perder um dos seus mais afamados filhos, que tantos serviços prestou durante sua vida.

Triste manhã!...

*Assinada de Carolina*

## No proximo Natal

Aquella criança, magra, amarella, e com physionomia sempre triste, espera o mês de Dezembro como um principe espera ser coroado rei.

Passam os onze meses e um pouco de alegria vem aquelle anno.

Dezembro. Todas as noites o pobre menino reza pedindo ao velhinho tão falado, ao Papae Noel, que traga um carrinho, um tambor, uma corneta, qualquer coisa que sirva para distribuir. Na oração elle faz notar que não se esqueça como o anno anterior. E aquella reza feita com todo respeito já é de praxe.

Na noite que o bom velhinho costuma colocar nos sapatinhos das crianças seu agrado, aquelle menino põe sobre a janela um chinellinho que achára.

Antes de adormecer, os seus olhos voltam para o chinellinho debaixo da cama pois parecia que o Papae Noel não enxergava e esquecia-se delle como todos os annos.

E aquella encantadora alma, adormece e sonha nas mil maravilhas do Papae Noel. No somno, vê o velhinho de barba branca e comorrida, manda no chinellinho o desejo do brinquedo.

Oh! tristeza, oh! esperanças perdidas. Soluços, lagrimas correm pelo rosto da physionomia soffrega.

O chinello só contém pingos de agua da neblina de uma noite tão esperada.

A criança chora, chora e continua aquella mesma oração de todo anno, esperanças de ganhar alguma coisa no proximo Natal...

## MENTIRAS

Sou um grande avestatureiro, E tenho muitas grandes mentiras;

Por não ter o que fazer Vou contar umas mentiras.

Cesta vez fui passear; E encontrei o Lampeão, Elle olhou pra mim e disse: — Você parece um leão.

Por eu ser muito corajoso, Minha e pingorda garante Que esta vez numa festa Eu sou um elephante.

Noutro dia, na floresta, Reparei com o meu olhar, Deixei um tiro com o fuzil.

Eu puz o dedo no trilho, Fiz o trem descarrilhá Quem quizer que acredite Me chama Mãe Corá.

*Osvaldo da Purificação* (12 annos).

## AVE MARIA!...

Ave Maria!... lentamente bate o sino da capela annunciando o cair da tarde e ecôa na longinqua montanha... E' nesta hora que o adeu procura decifrar o temor.

Ave Maria!... vem cantando a brisa da face limpida da lagôa polida. E agora as aves cadam a sua voz sonora e melodiosa... Chora tristemente

Ave Maria!... balbuceta a rosa recurvando a fronte e uma bella nuvem, inclina-se do céu e beija a clina da azulada serra...

Ave Maria!... murmura docemente o vento que passa lento e suave...

Ave Maria!... vem dizendo a lua, a despojar acriciclorá... As aves fogem procurando abrigo e um pobre mendigo chora no caminho...

Ave Maria!... por ultimo enbô o monge do deserto distante... Todas as almasoram reverentes, enclaram-se ao Creador e os ecos passam murmurando — Anem.

*Wanda Maria de Foz* nelle (13 annos).

## CORNELIA, MÃE DOS GRACCHOS

Havia em Roma, na antiguidade, um homem chamado Lúpio, que tinha uma filha de nome Cornelia.

Cornelia casou-se com Tiberto Sempronio Graccho e teve 2 filhos: Cato e Tiberto.

Um dia, estando Cornelia em palestra com uma amiga, esta perguntou-lhe se tinha muitas jóias. Cornelia respondeu-lhe:

— Muitas jóias são estas, e representam-me os filhos.

*Anna Bucke Soares* (11 annos).

## TRISTE NATAL

Naquella misera cabana, que parecia dormir esquecida, um garoto pedia a sua mamãe, uma historia, e a mãe para satisfazer a vontade do filho, começou:

Naquella misera cabana, que parecia dormir esquecida, um garoto pedia a sua mamãe, uma historia, e a mãe para satisfazer a vontade do filho, começou: Naquella misera cabana, que parecia dormir esquecida, um garoto pedia a sua mamãe, uma historia, e a mãe para satisfazer a vontade do filho, começou: Naquella misera cabana, que parecia dormir esquecida, um garoto pedia a sua mamãe, uma historia, e a mãe para satisfazer a vontade do filho, começou:

— Não! veio mais triste; veio pensando como viveria sua mãe sem escola.

Chegando em casa levou a soluçar:

— Que triste sorte tenho, que alegria poderia combater meu coração triste? Sim! só um Natal alegre. Mas isso nunca; é triste ver as crianças ricas, brincando e as pobres a pensar nesta sorte, que Deus te ajude, digo eu para pessoas mais felizes. Sou um pobre, sou de má sorte, na infancia, na melhor parte da vida, esolar, e na juventude? talvez morrer de fome, de frio.

E a bondosa mãe só disse uma phrase:

— Contenta-te com a sorte que Deus te deu.

*Osvaldo Rodrigues Moir* (12 annos).

## MÃE E FILHO

A pobre mãe e o seu filho, disse:

— Não chora meu filho, cria coragem, já sei que tens fome e eu te dei tudo que tinha, mas espera... tenho ali o chule que nos abriga, e irei ver se consigo vendê-lo.

Encontrando-se com uma senhora mostrou-lhe o chule, que conseguiu vendê-lo por pouco dinheiro, comprando com elle pão, para que logo deu um pedigo para seu filho, ficando com a restante; e começaram a comer, com os olhos cheios de lagrimas.

Chora a pobre mãe, de alegria e de tristeza; de alegria por ter mitigado a fome de seu filho; e de tristeza por ver a miseria dentro de seu lar.

Porém, tendo salido de casa, sem destino, á procura da felicidade, que não encontrava, quiz o destino que mãos caridosas recolhessem a mãe e o filho sem par a um abrigo de caridade.

Mi tudo era novo, tudo era bom, e a mãe e o filho, com o exemplo, para mais tarde vir a ser o director daquelle hospital de caridade, que em horas amargas encontraram o lenitivo da sua vida.

*Osvaldo da Purificação* (14 annos).

## PEDIDO DE NATAL

Em 10 horas da noite Em sua casa todo dormiam Mas, quem não dormia ainda

Era a pequena Lúzia.

Com um lapis na mão E na outra um papel, Ella fazia um pedido Ao querido Papae Noel.

Não imaginam voces Qual era o pedido (Que divertia, instruo) O Almanach do querido

*Mirta Romanzine* (13 annos).

Colaboradores da seção Meu Jornal da revista O Tico-Tico: forjando um ideal de criança (1935-1940)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação brasileira; gestão e práticas pedagógicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Zélia Maia de Souza

Juiz de Fora

2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pela autora

Viana Vale dos Santos, Francisca das Chagas.

Colaboradores da seção Meu Jornal da revista O Tico-Tico: forjando um ideal de criança (1935-1940) / Francisca das Chagas Viana Vale dos Santos. -- 2025. 163 p.

Orientadora: Maria Zélia Maia de Souza

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2025.

1. Literatura Infantil. 2. Revista O Tico-Tico. 3. Crianças. 4. Jovens. I. Maia de Souza, Maria Zélia, orient. II. Título.

**Francisca das Chagas Viana Vale dos Santos**

**Colaboradores da seção Meu Jornal da Revista O Tico-Tico: forjando um *ideal de criança* (1935-1940)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação. Área de concentração: Educação brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Aprovada em 20 de outubro de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Dra. Maria Zélia Maia de Souza - Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dr. Jader Janer Moreira Lopes  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dra. Solyane Silveira Lima  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Juiz de Fora, 25/09/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Zelia Maia de Souza, Professor(a)**, em 01/11/2023, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SOLYANE SILVEIRA LIMA, Usuário Externo**, em 01/11/2023, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jader Janer Moreira Lopes, Professor(a)**, em 10/11/2023, às 12:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---

A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1491767** e o código CRC **3B3B3ECC**.

SEI/UFJF - 1491767 - PROPP 01.5: Termo de Aprovação

14/11/2023 08:53



Dedico este trabalho ao meu amado esposo Jurandir, ao meu filho Jordan (*in memoriam*) e a minha mãe Teresinha (dona Tetê) (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Quando sonhamos em sermos melhores, seja no campo profissional ou não, traçamos objetivos e expectativas para conseguir o que almejamos. No meio do caminho, somos fortalecidos em nossas convicções por amigos, familiares, colegas de profissão ou por situações que nos fortalecem e nos impulsionam a acreditar que o nosso caminhar em direção ao que desejamos terá sempre o apoio de quem amamos e nos amam.

Nesse sentido, gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, pois sou um ser humano incompleto e precisei ter muita fé e coragem para seguir adiante para concluir o Mestrado e foi Ele que me deu tudo isso em meus momentos mais difíceis que precisei atravessar ao longo do Programa de Pós-Graduação. Gratidão, esse é o meu sentimento ao finalizar mais uma etapa da minha vida acadêmica.

Não podia deixar de agradecer, também, às pessoas que contribuíram de forma indireta e nunca souberam o quanto elas foram essenciais para que eu traçasse as minhas reflexões para constituir este texto final. Essas pessoas são minhas colegas Sandra Lia, Renata, Luma e o meu professor de espanhol, Rafael Bellozi.

À minha família, meu alicerce e que me aceita do jeito que eu sou, ela que está tão bem representada nas figuras do meu tio-irmão Birreco, minha prima-irmã Ana Lúcia, os meus agradecimentos.

Olhando para trás, o Mestrado foi um tempo difícil e me lembro, nitidamente, quando estava na sala de espera para defender meu Anteprojeto e dizia para mim mesma, bem baixinho: “Vá lá, você consegue”. Já se passaram dois anos. Hoje o tempo mudou, o espaço mudou e as pessoas que fizeram parte do meu processo inicial para iniciar nos estudos do Mestrado não são mais as mesmas.

Passado o sufoco da Defesa do Anteprojeto, veio a aprovação no Mestrado, fiquei muito feliz em ter meu Anteprojeto aceito pela Professora Doutora Maria Zélia Maia de Souza, por quem tenho profundo respeito e admiração tanto por ela ser uma grande Pesquisadora com P maiúsculo quanto por ela ser um ser humano com muitas qualidades como generosidade, prestativa e equilibrada emocionalmente diante de tantos textos que eu lhe enviava. Seu equilíbrio emocional ao sempre me dizer: “Calma, Francisca, deixe a leitura respirar”, mostravam que eu estava em mãos certas e acolhedoras diante da minha total falta de experiência com leituras mais

profundas sobre o tema da minha pesquisa. Agradeço-lhe, imensamente, a oportunidade que me foi dada. Esse acolhimento enriquecedor, levarei-o para vida toda. Obrigada por me permitir fazer parte do processo do Mestrado, pela sabedoria compartilhada através de leituras que eu, sequer, sabia que existiam e que contribuíram para a minha escrita e por acreditar em meu trabalho em que até eu mesma tinha muitas dúvidas. Obrigada por segurar a minha mão nesse tão árduo trabalho, ou seja, escrever uma Dissertação de Mestrado. Doutora Maria Zélia, saiba que é uma honra muito grande a oportunidade de ter tido a senhora como minha Orientadora. Então, à minha Orientadora, o meu muito obrigada!

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pois carrego um pouco dos ensinamentos que adquiri durante as aulas que cada um me apresentou.

Agradeço, também, à Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), representada pelo Rafael, Everton e Carla, sempre prontamente tão atenciosos em esclarecer as dúvidas que tive durante o processo em que ocorreu o Mestrado.

Hoje, encerra-se mais um capítulo da minha vida, mesmo que as minhas experiências não estejam todas aqui registradas, e, sem elas, essas páginas finais jamais terem sido escritas. Agora, aquele ser humano, assustado, com as mãos tremendo naquela sala de espera para defender o seu Anteprojeto de Mestrado, galga mais um degrau em busca de um presente melhor!



## RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo compreender a revista **O Tico-Tico** enquanto parte de uma teia de relações políticas e culturais, mas também como uma unidade da Literatura. Para atingir esse objetivo geral, foram analisadas as publicações atribuídas às crianças e aos jovens na seção “Meu Jornal”, no período compreendido entre os anos de 1935 a 1940. Essa seção foi parte integrante da revista **O Tico-Tico**, primeira revista em quadrinhos a circular no Brasil entre os anos de 1905 a 1961. Os editores da revista **O Tico-Tico** estabeleciam o formato das seções, decidindo e definindo os signos que estariam presentes no cabeçalho, no rodapé, os textos a serem publicados naquele espaço. O projeto editorial da revista **O Tico-Tico** teve como objetivo a difusão de um tipo específico de Literatura Infantil nacional alinhada a uma determinada cultura circulante à época, ou seja, uma Literatura Infantil nacional que marcou não apenas presenças temáticas como o civismo, a ética, a moralidade, a educação, mas também o entretenimento como uma constante nas publicações atribuídas às crianças e aos jovens na seção “Meu Jornal”.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil; Revista **O Tico-Tico**; Crianças e jovens.

## ABSTRACT

The aim of this research paper is to understand the magazine **O Tico-Tico** as part of a web of political and cultural relations, but also as a unit of literature. In order to achieve this general objective, we analyzed the publications attributed to children and young people in the section “Meu Jornal” between 1935 and 1940. This section was an integral part of **O Tico-Tico** magazine, the first comic book to circulate in Brazil between 1905 and 1961. The editors of **O Tico-Tico** established the format of the sections, deciding and defining the signs that would be present in the header, the footer and the texts to be published in that space. The editorial project of the magazine **O Tico-Tico** aimed to disseminate a specific type of national Children's Literature aligned with a particular culture circulating at the time, that is, a national Children's Literature in which themes such as civility, ethics, morality, education were present, but also entertainment as a constant in the publications assigned to children and young people in the section “Meu Jornal”.

Keywords: Children's Literature; **O Tico-Tico** Magazine; Children and young people.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Balanço de estudos sobre a revista <b>O Tico-Tico</b> (1999-2020).....	25
Figura 1 – Personagem Lamparina.....	65
Quadro 2 – Publicação do encarte “Meu Jornal” – 1935-1940.....	68
Figura 2 – O primeiro cabeçalho da seção “Meu Jornal” .....	70
Figura 3 – O segundo cabeçalho da seção “Meu Jornal” .....	71
Figura 4 – O terceiro cabeçalho da seção “Meu Jornal” .....	72
Figura 5 – Rodapé composto por desenhos.....	74
Quadro 3 – Idade e total de textos publicados na seção Meu Jornal – 1935-1940.....	79
Quadro 4 – Textos publicados na seção “Meu Jornal” de acordo com o sexo – 1935-1940.....	81
Quadro 5 – Temáticas das publicações no encarte “Meu Jornal” – 1935-1940.....	82
Quadro 6 – Mapeamento de temáticas – 1935-1940.....	87
Quadro 7 – Mapeamento das temáticas civismo e educação – 1935-1940.....	87
Quadro 8 – Mapeamento dos principais títulos com a temática civismo – 1935-1940.....	90
Quadro 9 – Mapeamento dos principais títulos com a temática educação – 1935-1940.....	90
Quadro 10 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1935.....	119
Quadro 11 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1936.....	125
Quadro 12 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1937.....	135
Quadro 13 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1938.....	145
Quadro 14 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1939.....	149
Quadro 15 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1940.....	155

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBHE	Congresso Brasileiro de História da Educação
DESP	Delegacia Especial de Segurança Política e Social
DESP	Delegacia Especial de Segurança Política e Social
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
FACED	Faculdade de Educação
GPEHE	Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação e Sociedade
HQs	História em Quadrinhos
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
SEMIC	Seminário de Iniciação Científica
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UDC	Universidade Dinâmica das Cataratas
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO: A HISTORICIDADE DA PESQUISADORA ENQUANTO SER NO MUNDO</b> .....	13
1.1	EU COMO UM SER HISTÓRICO.....	14
1.2	NAVEGANDO NA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	19
1.3	AS PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	23
2	<b>EM CENA: A POLÍTICA, A EDUCAÇÃO E A LITERATURA INFANTIL (1930-1940)</b> .....	32
2.1	O CENÁRIO POLÍTICO DAS DÉCADAS DE 1930 E 1940.....	32
2.2	O CENÁRIO EDUCACIONAL: DÉCADAS DE 1930 E 1940.....	46
2.3	COM A PALAVRA, A LITERATURA INFANTIL NA HISTÓRIA.....	50
2.3.1	<b>A revista O Tico-Tico como parte da Literatura Infantil brasileira</b> .....	62
3	<b>MATERIALIDADE DA REVISTA O TICO-TICO: A SEÇÃO “MEU JORNAL”</b> .....	67
3.1	A SEÇÃO DA REVISTA TICO-TICO “MEU JORNAL” .....	68
3.2	O CABEÇALHO.....	70
3.3	O RODAPÉ DA SEÇÃO “MEU JORNAL”.....	74
3.4	OUTROS ELEMENTOS QUE COMPUNHAM A SEÇÃO “MEU JORNAL” .....	76
3.5	OS TEXTOS PUBLICADOS NA SEÇÃO “MEU JORNAL”.....	78
3.6	OS COLABORADORES DA SEÇÃO “MEU JORNAL”: TEMAS E FAIXAS ETÁRIAS.....	79
4	<b>OS COLABORADORES DA SEÇÃO “MEU JORNAL”: PRESENÇA DA EDUCAÇÃO E DO CIVISMO (1935-1940)</b> .....	84
4.1	OS COLABORADORES DA SEÇÃO “MEU JORNAL”: PRESENÇA DA EDUCAÇÃO E DO CIVISMO (1935-1940).....	86
4.2	TRINFOU NO CÉU DA PÁTRIA NESSE INSTANTE.....	91
4.3	FÉ PARA QUE POSSAMOS BEBER RESIGNADAMENTE O CÁLICE DA AMARGURA.....	95
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	113
	<b>APÊNDICE A – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” – 1935-1940</b> .....	119
	<b>ANEXO A – Amostras dos textos das crianças publicados na seção “Meu Jornal”</b> .....	157

## 1 INTRODUÇÃO: A HISTORICIDADE DA PESQUISADORA ENQUANTO SER NO MUNDO

Ali a gente brincava de brincar com palavras  
 Nosso conhecimento não era de estudar em livros. Era  
 de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.  
 Seria um saber primordial?  
 Nossas palavras se ajuntavam uma na outra por amor  
 e não por sintaxe. A  
 gente queria o arpejo. O canto. O gorjeio das palavra.  
 (Manuel de Barros, 2015, p. 116-117).

Esta pesquisa foi desenvolvida no campo da História da Educação à luz da História cultural<sup>1</sup> e teve por objetivo central analisar a escrita das crianças publicada na revista **O Tico-Tico** (1930-1940), na seção “Meu Jornal”, no período compreendido entre os anos de 1935 a 1940, quando essa seção era encartada na revista **O Tico-Tico**.

Interessou à presente investigação pensar a educação em seu sentido amplo no período em exame e, para essa compreensão, Brandão (2007) defende que a educação contribui para que ocorra a produção de crenças e ideias, sendo que essas, juntas, em parte, são responsáveis pela construção de uma sociedade. Outra característica relevante da educação é que ela também dissemina interesses políticos em sua intenção de ensinar, mas, segundo Brandão, essa intenção é a de modelar a criança para conduzi-la a ser um modelo social do que seria o jovem e o adulto no futuro.

Pensar a escrita das crianças em uma revista de quadrinhos emerge três elementos: o discurso, o enunciado e as práticas discursivas. Isso ocorre devido ao fato de todo discurso criar versões da realidade. Já o enunciado é sempre voltado para alguém que expressa por meio dele sua visão de mundo e, por fim, a prática a prática discursiva, que é uma forma encontrada pelo homem de produzir uma determinada realidade, seja ela psicológica, econômica ou social. A composição desses elementos ajuda a compreender as narrativas das crianças que foram

---

<sup>1</sup> “A História Cultural é um campo historiográfico que possibilita estudos dos mais variados objetos, como, por exemplo, sujeitos e agências. Nesse caso, estão os intelectuais (produtores e mediadores culturais), a indústria cultural, os meios de comunicação, a educação e os sistemas educativos, dentre outros. O estudo das práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais. É importante frisar que agências de produção e difusão cultural também se encontram no âmbito institucional, como a Imprensa, por exemplo” (Barros, 2004, p. 61).

produzidas na forma de textos escritos.

É mister mencionar que as três seções, a seguir, fazem parte da Introdução deste texto desta Dissertação de Mestrado: “Eu como um ser histórico”, que descreve a trajetória acadêmica da pesquisadora; “Navegando na construção do objeto da pesquisa”, motivo da investigação; e “As perspectivas metodológicas”, utilizadas para realizar o estudo.

## 1.1 EU COMO UM SER HISTÓRICO

Sou uma piauiense, que, todos os domingos, coloca à mesa uma comida “especial”, nada de arroz, feijão, salada, mas uma moqueca de camarão, uma bacalhoadá, um salmão ou um pernil regado ao vinho. Conteí essa história, porque ela me faz lembrar do tempo em que comer farinha com água para matar a fome era artigo de luxo em minha casa. Não sinto vergonha de minhas raízes, pois elas me fortaleceram e ajudaram-me a ser a pessoa que sou hoje, forte e sempre procurando ser alguém melhor em tudo que faço. Por isso, trago, nas linhas desta Introdução, além de minha formação acadêmica, as minhas experiências de vida enquanto sujeito histórico que foi se constituindo ao longo do tempo e que me afetaram, causaram indignações e perplexidades. Foi pegando a linha e a agulha do passado que preguei no tecido da vida os botões de minha existência, costurando, um a um, pedaços de mim que iriam, no futuro, entrelaçar-se com o meu “eu pesquisadora” e com os caminhos da pesquisa.

Ao compartilhar minhas vivências, rerepresentarei meu passado como as mãos de um oleiro, que, do barro, faz seus jarros, os quais, pouco a pouco, ganham vida e beleza para enfeitar o lar de alguém. Passado é como um poema de Gilberto F. Coelho que li na Internet e que apresento, a seguir, apenas por achá-lo bonito:

Passado. Aquilo que já se foi, mas persiste em  
 estar presente nas lembranças guardadas em  
 nossa mente, desde a mais remota infância.  
 Época que desperta saudades, de poder  
 eviver detalhes, encontros e casualidades  
 e grande felicidade.  
 Para outros, que a borracha apague as  
 tristezas e frustrações que esse tempo  
 produziu, mas, por favor, eu peço, não  
 permita que se esqueçam das lições  
 que ele deixou.

Passado, são raízes fincadas no da  
existência, espaço livre e inabalável para  
quem nasceu, cresceu e alegria ofereceu.  
Não fosse o passado eu jamais seria, não  
fosse ele eu jamais teria do que falar,  
do que sentir e do que compartilhar.  
Meu passado, minha escola, meu mestre  
e minha história<sup>2</sup>.

Iniciei minha vida acadêmica no Curso de Magistério, que, na época, concedia ao portador do diploma dar aulas nas escolas públicas até o 5º ano, mas, hoje, raramente, os professores estão dentro das salas de aula das Redes Públicas com essa formação, já que lhes é exigido um Curso Superior de Licenciatura.

Desde que me formei, sempre estiveram presentes em minha conjuntura de vida acadêmica o mundo das Letras, da Literatura Infantil, dos Poemas, enfim, um mundo de sonhos que iriam me possibilitar um dia ser professora e alfabetizaria a minha mãe. Esta era uma humilde lavadeira de roupa das margens do rio Parnaíba e, tal como tantas outras crianças, que, por causa de políticas governamentais, ficaram analfabetas em um mundo no qual a educação ainda é inacessível a muitos.

Nunca me tornei professora concursada, tampouco consegui alfabetizar minha mãe, que faleceu sem saber assinar o seu nome, o qual só era reconhecido quando ela colocava seu polegar nas folhas documentais. Ficava envergonhada quando lhe davam a caneta para assinar algum documento e ela dizia: “Sou analfabeta, não sei escrever”. Agora, traçando nessas linhas a minha historicidade, com lágrimas nos olhos, lembro-me de uma frase da minha mãe: “Filha, seja gente, não seja uma analfabeta como eu”. Assim, tracei um horizonte: serei alguém com Curso Superior, capaz de contar histórias de conhecimento para outras pessoas e também vou me constiuir como um *ser histórico* que dirá aos alunos: “Estude, você é capaz, a educação muda o mundo das pessoas”. Engraçado como as memórias sabem mais de nós mesmos do que a gente e nos faz lembrar de fatos tão precisos que pensávamos ter esquecido.

No artigo intitulado “O sentido da memória”, Donatelli (1996) afirma que a memória não pode ser entendida como um relicário, mas como lugar do imaginário e de reconstrução da nossa condição de seres históricos. Aguçando o interesse pelo que foi, podemos construir a memória daquilo que será.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com>. Acesso em: 13 jun. 2022.



De posse da promessa que fiz a minha mãe, ingressei no meu primeiro Curso Superior: Letras Português com habilitação em Inglês, pela Universidade Dinâmica das Cataratas (UDC). Ao fazer esse curso, cresci além do meu 1,60 (um metro e sessenta de altura), comecei a busca de mim mesma e iniciei meu processo de autoconhecimento. Nele, pude experimentar estudar em grupo, fazer provas dissertativas, seminários, compreender que tenho limites e que devo respeitar não a eles (os meus limites), mas a mim por tê-los. Conheci e reconheci sentimentos que não admitia como meus e compreendi que não tenho um jato invisível para voar e fazer milagres.

Nesse sentido, percebi as minhas fragilidades acadêmicas à medida que tinha acesso às leituras universitárias e não conseguia promover uma oficina, pois ainda continuava trabalhando bastante e não sobrava tempo para fazer leituras. Confesso que senti um desespero por não me apoderar dos discursos teóricos e transmiti-los; tive vontade de “jogar tudo para o alto e ir embora sem olhar para trás”. Pensava que, com o Magistério, iria compreender toda a teoria de um Curso Superior. Embora a dificuldade fosse grande, tive apoio dos professores, e muitos me deram orientação em suas salas após o término das aulas. Guardo, com muito carinho, a lembrança desses mestres que me ajudaram a vencer tantas dificuldades e, por falta de experiência com as leituras, eu poderia ter deixado de ter acesso a uma faculdade.

Anos depois, já aposentada, ingressei na segunda Graduação, Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Tudo mudou academicamente para mim, porquanto, ministrei palestras sobre Educação Indígena, ofereci minicursos sobre o Método Montessoriano, participei de cursos de extensão e de diversos seminários e clubes de conversação em idiomas, tais como o Espanhol e o Italiano. Nesse tempo, percebi que precisava oferecer ao público alguma oficina na área de Literatura Infantil e, assim que ocorreu a Semana da Faculdade de Educação (FACED), comecei a desenvolver, na prática, esse tema. Ao todo, ofereci 3 oficinas na Semana da FACED voltada para a Literatura Infantil e Histórias em Quadrinhos (HQs): uma sobre incesto, a segunda foi a respeito de obras da Literatura Brasileira que haviam sido confeccionadas para os quadrinhos, como as obras de José de Alencar e Machado de Assis, e a última foi a utilização dos quadrinhos no formato de cordel.

Depois de cursar a disciplina intitulada “História da Educação”, comecei analisar a possibilidade de fazer uma pesquisa nessa área, mas não sabia nem tinha

domínio teórico de juntar a ela a Literatura Infantil e a História em Quadrinhos, sendo que esta última já começava a ocupar um lugar em meu coração. Resolvi esquecer esse projeto, porém mal sabia que ele iria retornar novamente.

Então, durante o tempo em que escrevia o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC 1), ao pesquisar sobre as Histórias em Quadrinhos, buscando saber qual foi a primeira no Brasil, encontrei a revista **O Tico-Tico**. Esse periódico trazia toda uma história sobre como a educação de um determinado governo brasileiro foi constituída com o auxílio dela. Ao ler um pouco do contexto histórico dessa revista para o TCC 1, alguns questionamentos e incômodos começaram a surgir, e um deles foi desvendar quais são os esforços que estão sendo feitos para se estabelecer o uso das HQs como uma ferramenta que deve fazer parte do currículo escolar, haja vista, embora elas sejam consideradas um gênero textual, nada garante seu uso prático dentro das salas de aula para que o aluno desenvolva o letramento. Paiva (2011, p. 60) enfatiza que “Professores e professoras e gestores e gestoras, que conviveram com o preconceito e falta de reconhecimento das HQs, em muitas situações, reproduzem o mesmo comportamento e desconsideram essa e outras formas de atuar de maneira significativa”.

Nesse sentido, no contexto escolar, é fundamental que as HQs sejam incorporadas ao processo ensino-aprendizagem, pois, além de o docente vivenciar a autenticidade desse gênero junto a seus alunos por meio da prática de ensinar-aprender, tanto professor quanto aluno participam de: “[...] uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (Freire, 1996, p. 13). Por isso, quando são utilizadas práticas pedagógicas que usam as HQs, por intermédio de uma forma crítica, temos práticas que ajudam os alunos a absorverem e a internalizarem construtos socioculturais, a desenvolverem sua autonomia, relações éticas, levando-se em consideração um contexto que envolve a interação.

O TCC 2 foi a continuidade do TCC 1, sendo que, nele, foi mais uma oportunidade que tive de ter acesso a novos conceitos que me levassem a estudar mais profundamente a revista **O Tico-Tico**. Somado a isso, tive o privilégio de participar do Projeto de Iniciação Científica sobre a revista em epígrafe, desenvolvendo esse projeto com a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Zélia Maia de Souza. Assim, posso afirmar que os momentos de vivência durante esse projeto me

permitiram socializar uma gama infinita de conhecimento sobre a revista **O Tico-Tico**. Na Iniciação Científica, fiz muitas leituras e participei do Seminário de Iniciação Científica (SEMIC) 2021, em que eu e a Prof<sup>a</sup>. Zélia ganhamos o Prêmio de Menção Honrosa do vídeo mais visualizado das Ciências Humanas. Na sequência, escrevemos um artigo para o XI Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) e, em seguida, ingressei no Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação e Sociedade (GPEHE), que tem como coordenadores os professores Drs. Daniel Cavalcante e Maria Zélia. Nas reuniões do Grupo de Estudos, realizamos pesquisas sobre a Educação e a História da Educação, entrelaçadas com a sociedade em sua constituição política, cultural e socioeconômica, o que, posteriormente, contribuiu para que o Grupo promovesse trabalhos científicos que foram referências nas áreas citadas.

Vale enfatizar que o GPEHE, além de ser um espaço de produção e leitura de pesquisas científicas, é um ambiente de diversas aprendizagens, no qual, a cada encontro, as relações entre os participantes são construídas e reconstruídas por meio das reflexões que cada um compartilha uns com os outros.

A cada reflexão compartilhada, senti que crescia dentro de mim a vontade de fazer um Mestrado, porém, quando refleti sobre minha base teórica e metodológica, deparei-me com a mesma sensação de minha primeira Graduação e questionei: “Não sei de nada, então, como vou fazer um Mestrado?” Acreditei que seria difícil até mesmo ter meu Anteprojeto aprovado. Essa sensação se agravava quando conversava com as pessoas do Grupo de Estudos, pois, quando abordavam algum assunto, mostravam grande conhecimento.

Na Iniciação Científica, realizamos pesquisas na revista **O Tico-Tico**, observando sua relação com a educação. O projeto tinha um recorte de 1930 até 1962. Havia mais de mil exemplares de assuntos que abordam desde atividades de montar, anúncios, moda até remédios. Lendo o periódico, cada vez mais, comecei a observar nas revistas uma lacuna quando a Prof<sup>a</sup>. Zélia fez a contextualização histórica do periódico e informou que a revista recebia textos escritos das crianças.

Assim, decidi verificar a escrita das crianças por curiosidade mesmo, apenas para me aprofundar mais no que a revista oferecia e ter oportunidade de debater nas reuniões do Grupo de Estudos o que eu ia descobrindo nas páginas dela. Para conhecer melhor o conteúdo desse periódico, comecei a baixar na Internet artigos, Dissertações e Teses sobre tudo que estava relacionado com a revista e a escrita das

crianças. Nesse momento, foi finalizada a Iniciação Científica, porém fiquei com a sensação de apego pelo material com o qual tive contato durante 10 meses, visto que fazer pesquisa em uma revista não é só olhar as imagens ou os sujeitos, mas também tentar compreender o contexto político e social em que se deu a criação da revista **O Tico-Tico** e os sujeitos que tiveram acesso a ela.

Inspirada nessa ideia, decidi participar do Processo de Seleção do Mestrado em Educação da UFJF, na linha de pesquisa intitulada “Linguagens, Culturas e Saberes”. Nessa linha, pretendia investigar, na revista **O Tico-Tico**, na seção “Meu Jornal”, entre 1935 e 1940, com vistas a compreender como se deu a devolutiva das crianças quando lhes foi apresentado um modelo educacional por intermédio do periódico infantil, na seção citada anteriormente.

Consegui ser aprovada no Processo Seletivo do Mestrado e reconheço que não foi fácil, uma vez que passei 10 horas estudando com a ajuda da mistura de café com coca-cola e do energético Monster, sendo que *Red bull* ou pó de guaraná não me mantinham mais acordada. No decorrer do curso, dia a dia, durante as aulas, busquei superar meus conflitos, procurando ser uma melhor pesquisadora e tornar meu estudo relevante para a sociedade. Estar matriculada no Mestrado em Educação é vivenciar uma pesquisa dentro de um espaço acadêmico, é ser grata por essa oportunidade, pois, apesar de o conhecimento ser para todos, na prática, isso não acontece.

Ao relatar uma parte importante de minha trajetória acadêmica, fiquei muito contente, pois revivi momentos importantes e inesquecíveis, visto que foi nesse percurso que desenvolvi uma imensa vontade de um dia me tornar uma profissional bem qualificada. Sei que ainda não atingi o que desejo, faltam muitas leituras, muito preparo teórico-metodológico, mas vou caminhar para que ocorra o que pretendo fazer no futuro. Isso acontece porque estou sempre buscando aprender mais e aproveitando cada oportunidade e ensinamento que meus professores me dão. A eles, meu eterno agradecimento e a certeza de que esses mestres têm um lugar especial em meu coração.

## 1.2 NAVEGANDO NA CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Acreditamos em uma concepção de educação enquanto um processo que priorize discentes como sendo seres únicos e integrais. Não se trata apenas de

promover um ensino voltado para a capacitação do aluno para o mercado de trabalho, mas também propiciar aos alunos um currículo inovador que não perpetue os sistemas de dominação, é ensinar, conforme ilustra hooks (2013):

[...] de um jeito que respeitar e proteger as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do mais profundo para o mais íntimo, buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo (hooks, 2013, p. 25-27).

Sabemos que os processos de escolarização não ocorrem somente nos espaços escolares, porque as famílias, as classes sociais e a religião são partes integrantes na preparação dos seres humanos, não ficando a responsabilidade de ensinar apenas a cargo dos professores. Elas desenvolvem a chamada educação informal, ou seja, um ensino que não envolve preparação de escolarização e está baseado somente na relação entre as pessoas quando elas transmitem umas às outras os seus modos de vida, cultura, entre outros. No entanto, a educação escolar ainda é uma parte significativa na vida de um contingente considerável da população em idade escolar que a ela deveria ter acesso democrático.

Teixeira (1956) já defendia, na década de 1950, que a escola já não era, naquele cenário, uma instituição para assegurar apenas, como se pensava no século XIX, o "progresso", mas a instituição fundamental para garantir a estabilidade, a paz social e a própria sobrevivência dos seres humanos. Desse modo, para o autor, não seria mais uma instituição voluntária e benevolente, mas uma instituição obrigatória e necessária, sem a qual não subsistirão as condições de vida social, ordenada e tranquila.

Veiga (2007) afirma, a partir da criação do Ministério da Educação e Saúde, que, mais tarde, passou a ser o Ministério de Educação e Cultura (MEC), e, já nos anos de 1953, é que, efetivamente, é possível afirmar que houve intenção das autoridades constituídas em traçar um projeto nacional de educação.

Nesse sentido, diversas expectativas surgiram em relação ao futuro da Nação brasileira em se tratando da educação, ainda com fortes marcas de altos índices de analfabetismo (população constituída de 75% de analfabetos). Nessa direção, Teixeira (1956) defendia que nenhum outro dever era maior do que o da reconstrução educacional e nenhuma necessidade seria mais urgente do que a de traçar os rumos dessa reconstrução e a de estudar os meios de promovê-la.

Assim, o estudo é recortado no período de 1935 a 1940, tempo em que a seção “Meu Jornal” esteve presente na revista **O Tico-Tico**.

Gonçalves (2019, p. 28) demonstra, em seus estudos, que a educação, no período eleito para esta investigação, grande parte dele conhecido com a Era Vargas, que a noção de formação penetrasse, profundamente, em todos os setores da vida pública e privada. A noção de formação, ultrapassando a ideia de um simples letramento ou instrução, era entendida como o fio condutor de modernização em curso, abrangendo a educação cívica, moral e patriótica.

Já Freitag (1980, p. 15) defende que a educação sempre expressa uma doutrina pedagógica, a qual, implícita ou explicitamente, baseia-se em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade. Era comum ouvirmos propostas políticas, em se tratando de educação, que se queria educar o Brasil, livrá-lo de crianças que não sabiam ler e escrever, mas hoje são as pessoas que exigem ser educadas, exigem acesso ao Ensino Superior, exigem vagas nas creches para as crianças começarem o processo de socialização escolar e depois galgar os anos iniciais do Ensino Fundamental, entre outros.

Como nos soam atual as palavras de Anísio Teixeira!

Toda essa população [...] começa a exigir educação, como necessidade absoluta, idêntica à da alimentação. Não é mais uma questão de paternalismo [...], a educação escolar é condição essencial para ganhar a vida. Os habitantes [...] estão passando a exigir a criação, cada vez mais numerosa, de escolas públicas [...] em boas ou más condições, — contanto que se lhes dê alguma educação, pois dela precisam para que possam encontrar trabalho (Teixeira, 1956, p. 168).

A “denúncia” de Anísio Teixeira sinaliza que, há tempos, havia demandas por educação escolar. No entanto, como estamos operando com o conceito de educação em seu sentido amplo, consideramos que a imprensa, na figura dos jornais, já vinha promovendo, junto à parcela da população alfabetizada, um discurso civilizatório e, desse modo, procurando educar as crianças por meio de histórias de cunho moral, cívico e patriótico (Hansen, 2007).

Nesse contexto, no dia 11 de outubro 1905, foi fundada a revista **O Tico-Tico**, que se manteve em circulação até 1961<sup>3</sup>. Os estudos de Gonçalves (2011)

---

<sup>3</sup> Não há consenso em relação ao momento em que a revista **O Tico-Tico** deixou de circular. Há estudos que afirmam ter circulado até 1970; já outros afirmam que seria até 1961.

demonstram que a revista em tela foi identificada com os ideais da Escola Nova, tendo, inclusive, estabelecido um diálogo intenso com a cultura e a intelectualidade da sua época e que teria deixado marcas profundas no imaginário social de seus leitores.

Diante de minha trajetória acadêmica, que sempre fora voltada para a Literatura Infantil, bem como o trajeto que está se desenvolvendo no decorrer do desenvolvimento do trabalho de pesquisa, venho refletindo sobre os seguintes problemas: que histórias as crianças liam na revista **O Tico-Tico**? As crianças autoras escreviam sobre quais temas? Havia presença de discurso cívico e patriótico nas Histórias em Quadrinhos e/ou nas escritas das crianças que também tinham seu espaço de publicação na revista em exame? Quais marcas estão presentes nas publicações das crianças? Essas foram algumas das questões que me levaram a ler parte do acervo de 1930 a 1961 da revista **O Tico-Tico**, disponível no *site* da Biblioteca Nacional, totalizando 702 exemplares, com objetivo de encontrar respostas para as minhas inquietações e poder começar a desenvolver minha pesquisa. Encontrei, no acervo pesquisado, não só textos com função pedagógica direcionados às crianças nas áreas de alfabetização, como também textos voltados para a coordenação motora e conteúdo curricular das disciplinas de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, entre outras. Vale assinalar que a seção da revista que apresentou mais textos educacionais é intitulada “Meu Jornal”. Essa seção estimulou a publicação de gêneros literários, cujas poesias eram escritas tanto pelos editores quanto pelos leitores infantis, estes últimos enviavam as suas histórias, versos e anedotas fazendo uso de fotografias, textos e ilustrações para representá-las na seção em epígrafe.

Assim, com a experiência na Iniciação Científica, comecei a visualizar a educação dentro de uma revista de Histórias em Quadrinhos com um outro olhar e que, futuramente, foi o palco que originou minhas inquietações no Projeto de Pesquisa do Mestrado. A partir do momento em que fui me envolvendo com a revista **O Tico-Tico**, pude perceber, mais profundamente, que os quadrinhos possuem uma gama muito vasta e numerosa com relação às temáticas que abordam. Temas envolvendo super-heróis, fábulas, contos de fada, fatos históricos, tais como a seca do Nordeste e a Guerra de Canudos, estão entre os exemplos que são retratados e contados de

---

forma simples dentro desse gênero textual.

As Histórias em Quadrinhos proporcionam uma interação diferenciada, com palavras e ilustrações, em uma dinâmica que permite comunicar desde elementos mais simples aos mais complexos, fazendo uso de situações, personagens e narrativas que fazem parte do patrimônio cultural humano e compondo, de forma única, o desenvolvimento educacional da criança. Essa experiência de perceber as Histórias em Quadrinhos não mais como uma leitura deleite me forçou a distanciar o meu olhar, que estava acostumado a somente lê-las para descansar e, com isso, visualizar que, por trás das histórias que abordavam, havia um potencial de análise dos discursos presentes naquelas publicações.

Delineado e introdutoriamente descrito o objeto da pesquisa, bem como as indagações que surgiram diante do tema a ser investigado, entendemos a importância de trabalhar com a análise do discurso nesta pesquisa.

Nesse sentido, elegemos os seguintes objetivos:

#### Objetivo Geral

a) Compreender a revista **O Tico-Tico** não apenas como parte de uma teia de relações políticas e culturais, mas também como uma unidade da Literatura.

#### Objetivos Específicos

a) Identificar as faixas etárias das crianças que publicaram textos no encarte “Meu Jornal”;

b) Apontar os recursos (poemas, rimas, entre outros) que as crianças e os jovens usaram para enviar suas escritas para a seção “Meu Jornal”;

c) Identificar e analisar as temáticas presentes nas publicações das crianças.

### 1.3 AS PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Como já visto anteriormente, a pesquisa está ancorada nos procedimentos teórico-metodológicos da História da Educação à luz da História Cultural. Não é nosso objetivo desenvolver um debate acerca desses procedimentos, pois consideramos que a própria operação historiográfica presente nos capítulos indicará a presença de pensadores que transitam e/ou transitaram por essas duas searas. O diálogo com Michel Foucault (2009) e sua relação com a História, presente no livro **Arqueologia**



**do saber**, complementa a ancoragem das reflexões propostas no presente estudo.

Delimitado o objeto da pesquisa e as indagações que estão relacionadas ao tema a ser investigado, dois são os principais desafios a serem vencidos: a) pesquisa na revista **O Tico-Tico** das publicações das crianças no encarte “Meu Jornal”, entre os anos de 1935 a 1940; b) analisar parte das narrativas das crianças que foram escritas para a revista **O Tico-Tico**.

Para a realização do estudo, foi feito um estudo minucioso que busca explorar, de forma qualitativa, aspectos que considero relevantes sobre a revista em exame enquanto uma agência produtora e difusora de cultura. O *corpus* documental que sustenta a investigação foi constituído por meio do acesso aos encartes da revista **O Tico-Tico** de 1935 e 1940 da seção “Meu Jornal”, como modo de contribuir para tecer as informações sobre o objeto de estudo investigado. Foram tomadas por base as narrativas das crianças enviadas para o encarte citado com a finalidade de analisar desde o tipo de texto, as imagens, até a faixa etária do público infantil.

A investigação foi realizada em quatro fases: a primeira, por meio da Revisão da Literatura, foi possível identificar estudos que percorrem todo o período em que a revista **O Tico-Tico** esteve em circulação (1905 a 1961). Nesse caso, enquadra a investigação de Roberto Elísio dos Santos e Waldomiro Ramos Vergueiro (2005); Ezequiel de Azevedo (2005), intituladas, respectivamente, **O Tico-Tico: Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil**; **O Tico-Tico: cem anos de revista**, e também Teses de Doutorado, Dissertações de Mestrado e artigos diversos publicados entre 1999 e 2020. O levantamento foi realizado nos *sites* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), *Google Acadêmico*, Biblioteca da Universidade de São Paulo (USP), Anais de eventos, *Scielo*, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), entre outros, a fim de produzir um balanço sobre pesquisas, cujo objeto foi a revista **O Tico-Tico**. Esse balanço contribui para o entendimento do contexto político, histórico e cultural dos quais esse periódico é parte. Para encontrar os estudos nos *sites*, usamos o descritor “O Tico-Tico”, o que nos permitiu chegar aos estudos que foram realizados sobre o periódico descrito, conforme o Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Balanço de estudos sobre a revista **O Tico-Tico** (1999- 2020)

TÍTULO	TIPO	AUTOR	ANO	FONTE
A construção de uma infância escolarizada: a escola na Literatura Infantil (1900-1935)	Artigo	Maria Cristina Soares Gouvêa	1999	SCIELO
<b>O Tico-Tico</b> , um marco nas Histórias em Quadrinhos no Brasil (1905-1962)	Artigo	Maria Cristina Melo	2003	USP
A postura educativa de <b>O Tico-Tico</b> : uma análise da primeira revista brasileira de Histórias em Quadrinhos	Artigo	Waldomiro Vergueiro	2008	Google Acadêmico
<b>Le Petit Journal Illustré de la Jeunesse</b> A verdadeira origem francesa d' <b>O Tico-Tico</b>	Artigo	Athos Eichler Cardoso	2008	NP Produção Editorial VIII Nupecom Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2008
A Literatura Infantil fora do livro: jornal <b>O Senhor Doutor</b> e a revista <b>O Tico-Tico</b>	Artigo	Lígia Regina Máximo Cavalari Menna	2009	Google Acadêmico
A importância das revistas <b>O Tico-Tico</b> e <b>Recreio</b> para a história da Literatura Infantil e a formação de novos dos leitores	Artigo	Lígia Regina Máximo Cavalari Menna	2012	<b>Letras em Revista</b> , Teresina, v. 3, n. 1, jan./jun. 2012.
A defesa da educação escolarizada na seção “Pelos Escolas” de <b>O Tico Tico</b>	Artigo	Patrícia Maria Garcia Alencar; Elaine Rodrigues	2013	Anais da Semana de Pedagogia da UEM, v. 2, n. 1, Maringá.
Entre laços, rendas e fitas, onde estão os botões? As roupas de crianças e a educação do corpo (década de 1950)	Artigo	Carmem Lúcia Soares; Fernanda Theodoro Raveri	2013	Google Acadêmico
As ciências naturais em revista: o caso do periódico <b>O Tico Tico</b> (1905-1934)	Artigo	Mariana Melo Burlamarqui; Luisa Medeiros Massarani; Ildeu de Castro Moreira	2014	Anais Eletrônicos do 14º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia – 14º SNHCT

Para a <i>petizada inocente</i> : encanto, diversão e lições de conduta na revista <b>O Tico Tico</b> (1905-1910)	Artigo	Cíntia Borges de Almeida; Aline Santos Costa	2015	Google Acadêmico
Corpo e educação no escotismo a partir da revista <b>O Tico-Tico</b> (1921-1933)	Artigo	Carlos Herold Junior	2015	Google Acadêmico
Imagens de uma República infantil: Angelo Agostini nas revistas <b>O Malho</b> e <b>O Tico-Tico</b>	Artigo	Roberta Ferreira Gonçalves; Ivan Lima Gomes	2016	Google Acadêmico
Um tico para formar adultos	Artigo	Edson Wilson Mendes de Almeida	2017	Google Acadêmico
A Literatura Infantil nas revistas da década de 1950: notas sobre o discurso recreativo	Artigo	Fernanda Theodoro Roveri	2017	Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação João Pessoa – Universidade Federal da Paraíba – 15 a 18 de agosto de 2017
<i>Dingbats</i> da revista <b>O Tico-Tico</b> : revisitando a infância brasileira nas décadas de 1900 e 1910	Artigo	Rafael M. Bressan; Edna C. Lima	2018	Google Acadêmico
<b>O Tico-tico</b> viu a guerra	Artigo	Miguel Mendes	2018	Google Acadêmico
Graciliano Ramos e o grande concurso Brasil: a revista <b>O Tico-Tico</b> e a educação das crianças	Artigo	Ângela Maria dos Santos	2019	Google Acadêmico
“Parecendo que somos dois mundos, quando afinal somos um só”: Contos de Ana de Castro Osório n’ <b>O Tico-Tico</b>	Artigo	Eduardo da Cruz	2019	Google Acadêmico
<b>O Malho</b> , a imprensa empresarial e a criação da revista <b>O Tico-Tico</b>	Artigo	Roberta Ferreira Gonçalves	2020	Google Acadêmico
A revista <b>O Tico-Tico</b> e o Bello Sexo: as meninas e suas representações nas narrativas em quadrinhos do semanário infantil	Artigo	Luciana Borges Patroclo	2020	Google Acadêmico

Áfricas em quadrinhos: <b>O Tico-Tico</b> e <b>A Gazetinha</b> nos anos 1930	Artigo	Lucas Mello Neiva	2020	Google Acadêmico
A África nos quadrinhos de <b>O Tico-Tico</b> , dos anos 1900 à década de 1930	Artigo	Solange Ferraz de Lima; Lucas Mello Neiva	2021	Google Acadêmico
De <b>O Tico-Tico</b> a Lacan: a viagem de Érico Veríssimo pelo mundo da leitura	Dissertação de Mestrado	Carin Simone WottrichThies	2007	CAPES
A escola disfarçada em brincadeiras: intelectuais e ideias na criação da revista <b>O Tico-Tico</b>	Dissertação de Mestrado	Roberta Ferreira Gonçalves	2011	Google Acadêmico
A revista <b>O Tico-Tico</b> e a escrita infantil em circulação no encarte “Meu Jornal”: seus autores e leitores (1935-1940)	Dissertação de Mestrado	Patrícia Maria Garcia Alencar	2015	CAPES
A construção da identidade em periódicos infantis no Brasil de Vargas e na Alemanha nazista	Dissertação de Mestrado	Leticia Fernandes de Britto-Costa	2017	Biblioteca Digital de Tese e Dissertações (BDTD)
Os homens do Futuro – as Crianças de Hoje! Debates sobre infância nos quadrinhos de Luís Loureiro (1907-1919)	Dissertação de Mestrado	Alexandre Rocha da Silva	2019	Biblioteca Digital de Tese e Dissertações (BDTD)
Para ler e ver: Narrativas sobre a amazônia na revista <b>O Tico-Tico</b> (1914-1945)	Dissertação de Mestrado	Isadora Bastos de Moraes	2019	Disponível em: <a href="https://pphist.propesp.ufpa.br">https://pphist.propesp.ufpa.br</a> Acesso em: 10 out. 2022.
Batalha contra Gaudério: representações das masculinidades infantis nos primeiros anos de publicações da revista <b>O Tico-Tico</b> (1905 -1906)	Dissertação de Mestrado	Carlos Gabriel Ferreira da Silva	2020	Google Acadêmico
Entre saias e calções: vestindo crianças em revistas no século XX (1905-1958)	Dissertação de Mestrado	Isabela Brasil Magno	2021	Google Acadêmico
Brasil: um país novo – Literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República	Tese de Doutorado	Patrícia Santos Hansen	2007	Biblioteca Digital de Tese e Dissertações (BDTD)

A Literatura Infantil além do livro: as contribuições do jornal português <b>O Senhor Doutor</b> e a revista <b>OTico-Tico</b>	Tese de Doutorado	Lígia Regina Máximo Cavalari Menna	2012	Biblioteca Digital de Tese e Dissertações (BDTD)
Conhecei o Brasil, crianças: representações do território brasileiro na Primeira República	Tese de Doutorado	Guilherme Mendes Tenório	2014	CAPES
As mães de famílias futuras: a revista <b>O Tico-Tico</b> na formação das meninas brasileiras (1905-1921)	Tese de Doutorado	Luciana Borges Patroclo	2015	Biblioteca Digital de Tese e Dissertações (BDTD)
Um país de poucas letras? Experiências de educabilidade, instrução obrigatória e analfabetismo na “Cidade Maravilhosa” (1900-1922)	Tese de Doutorado	Cintia Borges de Almeida	2018	CAPES
As aventuras do <b>Tico-Tico</b> : formação infantil no Período Republicano (1905-1962)	Tese de Doutorado	Roberta Ferreira Gonçalves	2019	CAPES
Alfredo Storni e seu Zé Macaco: a pedagogia da subjetividade moderna nas historietas de <b>O Tico-Tico</b>	Tese de Doutorado	Miguel Geraldo Mendes Reis	2021	Google Acadêmico
A Representação da Criança no Frontispício da revista <b>O Tico-Tico</b> (1905-1909)	Monografia de TCC	Sinthia de Abreu Vitor	2020	Google Acadêmico
A importância das Histórias em Quadrinhos para a educação	Monografia de TCC	Mauro César Bandeira de Oliveira	2007	Biblioteca Digital de Tese e Dissertações (BDTD)
O ensino de História do Brasil na revista <b>O Tico-Tico</b>	Monografia de TCC	Conrado Jenevain Braga	2016	Disponível em: <a href="https://www.ufjf.br/historia/files/2020/04">https://www.ufjf.br/historia/files/2020/04</a> . Acesso em: 10 out. 2022.
Teatro Infantil na revista <b>O Tico-Tico</b>	Monografia de TCC	Paula Vitória Lima de Carvalho	2020	Disponível em: <a href="https://bdm.unb.br/handle">https://bdm.unb.br/handle</a> . Acesso em: 10 out. 2022.
Memórias d’ <b>O Tico-Tico</b> , Juquinha, Giby e Miss Shocking	Livro	Athos Eichler Cardoso	2013	Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013.
<b>O Tico-Tico</b> : espaço de entretenimento e representação da prática escolar republicana	Livro	Aline Santos Costa; Cintia Borges de Almeida	2017	SCIELO

A revista <b>O Tico-Tico</b> : potencialidades de leitura no início do século XX	Capítulo do livro: <b>Literatura, Linguagem e ensino</b>	Helena Azevedo; Paulo de Almeida e Clayton José Ferreira	2019	São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.321p.
<b>O Tico-Tico</b> e as diferentes interpretações do nacional durante a Primeira República (1905-1910)	Capítulo do livro: <b>História e Patrimônio em diálogo</b>	Luciana Gomes Lopes	2020	1. ed. ANPUH-RI O PPGPACS. Rio de Janeiro

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Após realizarmos a consulta dos documentos com objetivo de entender o processo da origem da revista **O Tico-Tico**, bem como as pesquisas que versam sobre ela, a segunda fase se constituiu em pesquisar autores que abordam, especificamente, o tema da presente pesquisa na revista **O Tico-Tico**. Encontramos contribuições de Roberta Ferreira Gonçalves, com sua Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado, intituladas, respectivamente, **A escola disfarçada em brincadeiras**: intelectuais e ideias na criação da revista **O Tico-Tico** (2011); **As aventuras do Tico-Tico**: formação infantil no Período Republicano (1905-1962) (2019). A leitura da pesquisa dessa autora funcionou como inspiração para pensar sobre o modelo de formação educacional dirigido para as crianças e contido na revista. Segundo Gonçalves (2019), no período da Era Vargas, as crianças, por meio da escola baseada na educação humanística, moral e cívica, levariam o Brasil a ser uma Nação próspera. Por conseguinte, continua a autora supracitada, caberia à escola proporcionar à criança, por intermédio do “saber”, contato com os elementos formadores da identidade nacional patriótica. Para disseminar o tipo de educação em epígrafe, a autora trabalhou a revista **O Tico-Tico** como fonte e objeto de seu estudo. Esse periódico, além de ser voltado para o público infantil, ensinava, brincando, conteúdos sobre conhecimentos morais, cívicos, históricos e científicos.

Já Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling (2015) nos auxiliaram a compreender a conjuntura política do Brasil em tempos da Era Vargas e, assim, foi possível entender parte do discurso ideológico de seu governo.

A terceira fase desta pesquisa está dividida em 6 subseções, que versam sobre a materialidade da seção “Meu Jornal”: a) A seção “Meu Jornal”; b) O cabeçalho; c) O rodapé da seção “Meu Jornal”; d) Outros elementos que compunham a seção “Meu Jornal”; e) Os textos publicados na seção “Meu Jornal”; e, por último, f) Os colaboradores da seção “Meu Jornal”: temas e faixas etárias.

A quarta fase contemplou as produções que foram escritas deixadas pelas crianças na seção “Meu Jornal”. Nesse caso, entendemos que analisar as produções de um determinado tipo de público, as crianças, é ter a sensibilidade de ler, minuciosamente, o que elas quiseram dizer por meio de sua escrita, sobretudo, para o pesquisador encontrar, nessas práticas discursivas, as representações sociais presentes na revista **O Tico-Tico** e que, porventura, possam estar presentes também nos textos infantis.

Dessa forma, a investigação está organizada em 4 capítulos. Antes de apresentá-los, destaco aspectos da Introdução, na qual teço considerações sobre minha trajetória acadêmica, buscando mostrar como essa foi se constituindo e tecendo seus fios para me fazer “engatinhar” na carreira de futura pesquisadora, pois ainda não sabia me levantar e começar a caminhar com meus próprios pés nessa tão árdua tarefa de produzir conhecimento relacionado com a pesquisa. Aprendo, mas tenho muito a aprender. É também na Introdução que apresento o objeto de pesquisa e como ele foi sendo construído. Além disso, apresento os principais referenciais teóricos utilizados, os quais foram a base para o desenvolvimento da pesquisa juntamente com os objetivos e a metodologia utilizada no estudo.

No capítulo 2, intitulado “Em cena: a política, a educação e a Literatura Infantil (1935-1940)”, são apresentadas as reflexões sobre o contexto político e educacional de uma fração expressiva da Era Vargas, localizando a revista **O Tico-Tico** nesse cenário, bem como os discursos circulantes que versam sobre Literatura Infantil. A intenção é possibilitar maior compreensão das singularidades do momento político e educacional presentes a partir das forças que operaram naquele momento histórico que propiciaram a presença desse periódico.

O capítulo 3, intitulado “Materialidade da revista **O Tico-Tico**: a seção “Meu Jornal”, é de natureza descritiva e tem por objetivo apresentar a materialidade da revista por meio de um exaustivo levantamento, no qual está presente o balanço de mais de 400 publicações com temáticas variadas atribuídas às crianças.

No capítulo 4, “Os colaboradores da seção ‘Meu Jornal’: presença da educação e do civismo (1935-1940)”, trato das publicações presentes na seção “Meu Jornal” no esforço de dar visibilidade ao imenso formigamento de vestígios verbais, que, supostamente, as crianças e os jovens deixaram publicados na seção “Meu Jornal” (uma fração apresentada no capítulo 3), e que “falam” tantas linguagens e determinações históricas diferentes. Não se trata de flagrar o discurso em busca do

não dito, mas espreitá-lo no momento de sua irrupção, ou seja, tratá-lo no jogo de sua instância.



## 2 EM CENA: A POLÍTICA, A EDUCAÇÃO E A LITERATURA INFANTIL (1935-1940)

Neste capítulo, abordamos, em dois movimentos, os cenários político e educacional das décadas de 1935 e 1940. O terceiro movimento deste capítulo, que é mais um fio desta tessitura, foi composto pelos debates acerca da Literatura Infantil: uma literatura que viaja pelo tempo e pelo espaço, mostrando um conhecimento que permite imaginar uma outra história que fora vivida por pessoas em um outro lugar.

### 2.1 O CENÁRIO POLÍTICO DAS DÉCADAS DE 1935 E 1940

Segundo Hannah Arent (2002, p. 17), “[...] a política, assim aprendemos, é algo como uma necessidade imperiosa para a vida humana e, na verdade, tanto para a vida do indivíduo como da sociedade”. Sendo assim, a República emerge permeada de promessas e com a intenção de criar possibilidades de se ter:

[...] Um novo Brasil, em tudo oposto à herança colonial; um país industrializado, moderno e democrático, enfim, que realizasse plenamente o sentido inerente à palavra ‘república’ com um governo de homens comuns voltado para o interesse de todos, liderando em nome do bem universal e fiel às liberdades públicas (Napolitano, 2020, p. 8).

Napolitano (2020) nos leva a acreditar que o Brasil iria constituir uma nova política que rompesse, totalmente, com o modelo que fora instituído no Império, mas o que, antes, era uma promessa única de um modelo político se tornou o que podemos chamar de “variações da República”. Isso significa, de acordo com o autor, que, em distintos momentos da História do Brasil, ela deve ter se sentido traída pelo que se fez em seu nome: golpes de Estado, ditaduras, negociatas, exclusão da maior parte da população da vida política, entre outros.

Apesar de o governo prometer que combateria as oligarquias, isso não aconteceu, haja vista essas eram representadas pela figura dos fazendeiros, que beneficiavam a República. Neste estudo, um exemplo que pode ser citado é o governo de Washington Luís (1926-1930), em que as oligarquias presentes em seu governo eram as paulistas e mineiras, sendo que São Paulo representava o café e Minas Gerais, o leite. Era a chamada “Política do Café com Leite”, um jogo político nacional, em que esses dois estados gigantes, ao não se contentarem somente em se

revezarem no poder, submetiam as outras oligarquias dos demais estados brasileiros a se articularem em torno de São Paulo e Minas Gerais.

Esclarecemos que, até 1950, o café era o principal grão alimentício que fazia a ponte do Brasil com o mercado mundial, o que tornava os “barões do café” não só a base da oligarquia paulista, como também, segundo Napolitano (2020, p. 33), “[...] o grupo econômico e politicamente mais importante e poderoso da Primeira República”.

Naquela época, existia uma teia de complexidade que fazia São Paulo e Minas Gerais serem os atores políticos que nunca saíam do poder de exercerem o cargo de Presidente da República; além disso, as oligarquias que não faziam parte desse eixo buscavam aliança de outras elites poderosas em outros estados, na busca de se inserirem também na política, pois ficavam de fora do poder. Enfatizamos que esse modelo político que se instalou no Brasil enfraquecia o país, impedindo-o de se desenvolver tanto economicamente quanto socialmente, causando a insatisfação de algumas categorias, como, por exemplo, os militares. Na concepção desse grupo, o Brasil havia se tornado, segundo Napolitano (2020, p. 72), um “condomínio de fazendeiros”.

Os militares não tinham nenhum projeto político consistente e delineado para tomarem o poder e, por causa disso, permaneceram por muito tempo apenas esboçando críticas contra as oligarquias e os políticos. Naquela época, era muito comum ocorrer, durante as eleições, as chamadas fraudes eleitorais e as negociações de ocupação de cargos para apoiar algum político. Esses conchavos fizeram com que os militares se sentissem jogados de lado no jogo político que a elite tecia. Para o grupo dos militares, as oligarquias tinham interesse somente em desenvolver seus próprios estados e não tinham como objetivo promover o desenvolvimento do Brasil como um todo.

Retrocedendo um pouco no tempo para entendermos o período do recorte temático (1935-1940) desta Dissertação, voltamos para o contexto político que envolvia o período de 1930, cujo Presidente da República era Washington Luís. O Brasil estava em plena época de campanha eleitoral; todavia, os eleitores, segundo Schwarcz e Starling (2015), que eram alfabetizados e apenas do sexo masculino, correspondiam a 5,6% da população, lembrando que as mulheres, naquele período, ainda não podiam votar.

A escolha do novo Presidente da República seguia seu curso ainda alternando entre São Paulo e Minas Gerais, porém esse jogo político acabou com Washington Luís, que decidiu romper com Minas Gerais, pois, em sua visão, esse estado da Região Sudeste não era tão grande produtor agrícola de grãos de café como São Paulo. Washington Luís não enxergou nenhuma vantagem em submeter São Paulo a um Presidente da República, e sua elite de origem mineira apoiou para ser seu sucessor Júlio Prestes, oriundo de São Paulo.

Os mineiros não sabiam dessa decisão, tudo parecia estar sendo realizado em segredo, que só foi descoberto, conforme apontam Schwarcz e Starling (2015, p. 353), em maio de 1928, na inauguração da estrada de rodagem entre o Rio de Janeiro e São Paulo, quando o candidato à Presidência da República do estado de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andradas, presenciou, durante o discurso, a saudação a Júlio Prestes como o “futuro Presidente da República”.

Antônio Carlos percebeu a situação como um jogo de cartas marcadas, cujo vencedor já estava decidido quem era, pois, a partir do momento em que a união na figura de seu representante, que era o Presidente da República, apoiava um determinado candidato, esse não só receberia seu apoio, como também das outras elites que estavam em outros estados, o que o levaria, portanto, a ser eleito.

Sabemos que, quando alguém rompe um acordo, as consequências são imediatas. Inconformado por não ter a sua candidatura à Presidência “abençoada” por Washington Luís, Antônio Carlos Ribeiro de Andradas estabeleceu uma aliança com outros estados que estavam dispostos a, junto com ele, terem um candidato de oposição. Os estados que aceitaram foram Rio Grande do Sul e Paraíba, cujos candidatos foram, respectivamente, Getúlio Vargas, candidato do Rio Grande do Sul à Presidência da República, e João Pessoa, candidato da Paraíba à Vice-Presidência. Essa chapa de oposição ficou conhecida como Aliança Liberal.

Schwarcz e Starling (2015) afirmam que a pauta da Aliança Liberal era a seguinte: anistia aos tenentes e militares rebelados entre 1922 e 1927, concessão de direitos sociais aos trabalhadores, introdução do voto secreto, compromisso com a realização de obras para combater as secas nordestinas.

A batalha pela Presidência da República foi acirrada; contudo, Washington Luís não comprou uma briga eleitoral com a finalidade de perder, sendo que seu candidato sucessor à Presidência da República, Júlio Prestes, que era da cidade de São Paulo, não só tinha o apoio da elite da cafeicultura de seu próprio estado, como

também contava com o apoio da maioria dos governadores de outros estados brasileiros, cuja influência, em seus estados de origem, angariava muitos votos por meio de subornos e métodos coercitivos.

A vitória do sucessor de Washington Luís estava ganha e tudo voltou ao que era antes: as elites dos outros estados mandando e desmandando na política brasileira por meio de sua influência.

Getúlio Vargas, em 1930, aceitou, pacificamente, sua derrota; todavia, seu partido, a Aliança Liberal, não aceitou e, por intermédio de alguns líderes, tais como Virgílio de Melo Franco, Francisco Campos, João Neves de Fontoura e Oswaldo Aranha, bradaram, de acordo com Schwarcz e Starling (2015, p. 356): “Júlio Prestes até podia ganhar nas urnas, mas Getúlio venceria nas armas”. Estava decretada a luta armada pela Aliança Liberal, que ainda teve o apoio dos militares, mais precisamente dos tenentes.

Ao escolher os tenentes para fazerem parte da luta armada, a Aliança Liberal o fez propositalmente porque:

[...] O grupo de oficiais subalternos, remanescentes das intervenções militares dos anos de 1920, estava ferido em seus brios, buscava o poder que não conseguia desde a Proclamação da República e não se sentia disposto a deixar esse poder escapar sem luta. Os tenentes possuíam experiência militar, eram idealistas [...], gozavam da admiração da tropa e de simpatia entre setores médios da população e a massa de trabalhadores urbanos. Além disso, havia, no grupo, um punhado de jovens oficiais capacitado a aliar a influência dentro e fora dos quartéis (Schwarcz; Starling, 2015, p. 356).

A partir do momento em que os militares supracitados tiveram o apoio de outros líderes influentes da sociedade, a Aliança Liberal ainda estava indecisa se iria começar, efetivamente, a luta armada, mas ela ainda não conseguia encontrar um motivo sólido que a levasse a isso, mesmo tendo o fornecimento por parte dos aliados políticos de outros estados de um arsenal de munição e armas.

Então, no dia 26 de julho de 1930, ocorreu o tão esperado motivo para que a Aliança Liberal começasse a luta armada, ou seja, o candidato a Vice-Presidente junto com Getúlio Vargas, este último a Presidente, João Pessoa, fora assassinado em uma confeitaria. No dia do velório, Maurício de Lacerda clamou pela rebelião com a seguinte frase: “No esquife que aí vedes, não está o corpo de um grande cidadão, mas o cadáver da Nação! [...] Vós, gaúchos e mineiros, vinde cumprir a vossa

promessa! O povo está disposto a morrer pela liberdade!” (Schwarcz; Starling, 2015, p. 359). Assim, em 3 de outubro de 1930, a luta armada começa, primeiramente em Minas e no Rio Grande do Sul e, na sequência, na Paraíba.

A luta foi muito bem arquitetada pelo comandante da operação militar, o tenente-coronel Pedro Aurélio de Góes Monteiro, que tinha como estratégia convencer os oficiais e os sargentos que comandavam tropas a fazerem parte da luta armada e, desse modo, surpreender os comandantes de quartéis que eram fiéis a Washington Luís.

Sabemos que não é só uma estratégia que faz com que uma guerra, uma rebelião, seja a vencedora, é preciso de apoio além de munição, granada, armas, carros-tanques, canhões e, no caso da revolta promovida pela Aliança Liberal, o que sustentou a mesma foram as forças auxiliares do Exército, representadas pela figura das polícias militares estaduais e de um pequeno número de exércitos autônomos, que só recebiam ordens e comandos dos Presidentes de seus próprios estados. Dessa forma, um a um dos estados brasileiros iam se rendendo e, em três semanas, o único estado que ainda se recusava a se render era a Bahia.

A vitória da Aliança Liberal estava cada vez mais próxima. E, diante desse fato, Getúlio Vargas, que estava escondido nas sombras, sem querer arriscar a sua vida, vendo chances de ser Presidente, vestiu seu uniforme e se juntou à luta armada.

Do outro lado, estava Washington Luís, que, até o dia 10 de outubro, não expunha para a sociedade brasileira que o Brasil enfrentava uma rebelião. Orgulhoso, não aceitava que a luta armada estava trazendo efeitos catastróficos para a economia do país e que as medidas adotadas estavam se tornando ineficazes, tais como censura aos jornais; decretação de feriados com a finalidade de a população não se dirigir até as agências bancárias; coibição a circulação de boatos; convocação de militares que estavam na reserva. Cercado por um Exército, que, cada vez mais, tinha desertores os quais deixavam as fileiras militares para se aliarem à Aliança Liberal, o até então Presidente da República Washington Luís bradava, de acordo com os estudos de Schwarcz e Starling (2015, p. 361): “Eu não renuncio! Só aos pedaços sairei daqui”. Nesse ponto, é fato que Washington Luís não precisou morrer ou ser ameaçado com armas em seu gabinete para se render, ele o fez no dia 24 de outubro. Seu fim foi o exílio na Europa.

Como Washington Luís foi deposto, Getúlio Vargas assume a Presidência da República em meio ao caos em que se encontravam grandes setores da sociedade

como a economia, a política e a cultura. Assumiu o Brasil já fazendo mudanças como: deu poder ao Executivo de intervir no sistema político e dissolveu órgãos como o Congresso Nacional e as Assembleias Legislativas. Podemos afirmar que não houve uma democracia no Governo Vargas em se tratando também de eleições quando assumiu o governo, de caráter provisório. Vargas colocou seus apoiadores em cargos considerados de poder sem eles terem sido eleitos pelo povo, sem terem passado pelo processo de eleição.

Vargas era uma caixinha de surpresas e quem adivinharia que aquele homem de estatura baixa e abdome volumoso apresentaria um programa de reformas sociais, administrativas e políticas que contemplava também, em sua maioria, as reivindicações da Aliança Liberal, a qual queria a anistia para a categoria dos tenentes, conforme ilustram Schwarcz e Starling (2015), o remodelamento do Exército; a reforma do ensino e da educação pública; a criação dos Ministérios da Educação, da Saúde Pública, do Trabalho, da Indústria e Comércio. As autoras acrescentam que o novo governante também adotou duas posturas quando o assunto foi a política trabalhista: criou as leis de proteção ao trabalhador e coibiu, *com mãos de ferro*, a autonomia dos trabalhadores de se organizarem sem a influência do poder do Estado sobre essa categoria.

Trata-se de uma política com dois pesos e duas medidas e, no primeiro momento, parecia que o Brasil iria ser um país que seria governado democraticamente, visto que, de um lado, Vargas cria leis que dão direitos aos trabalhadores como férias, aposentadoria, criação da carteira de trabalho, sendo que, antes, os trabalhadores não tinham esse documento, mas, do outro, inibe o direito dos trabalhadores de se organizarem e, para piorar a situação e demonstrar o poder de Vargas na condição de ditador, ele perseguiu os comunistas, excluiu os trabalhadores rurais de qualquer benefício previsto na legislação trabalhista e se recusou a dialogar sobre a implantação de uma nova Assembleia Constituinte e das novas eleições presidenciais.

Vargas não queria demonstrar que era um Presidente ditador nem provocar o descontentamento do povo com seu governo. Assim, para demonstrar sua preocupação com o Brasil, criou, em 1932, o Código Eleitoral:

O novo código criava a justiça eleitoral, adotava o voto secreto que protegia o eleitor das pressões das elites regionais em meio às disputas políticas estaduais, [...] reconhecia uma conquista formidável das mulheres: o direito a votar e de serem votadas (Schwarcz; Starling, 2015, p. 362).

Desse modo, enquanto Vargas seguia com seu programa de governo, os integrantes da Aliança Liberal, no caso os jovens líderes civis, as elites dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba, bem como os militares, divergiam entre si dentro do partido. Nessa direção, os militares queriam um espaço maior, almejavam ter algumas vantagens; afinal, eles compraram uma briga e ajudaram a tirar do poder Washington Luís. Era chegado o momento de serem recompensados por terem ajudado na luta armada e, para tanto, eles queriam o direito de controlar as polícias de todos os estados brasileiros, reestruturar as forças armadas dentro do país e garantir que o Brasil se desenvolvesse no campo da indústria siderúrgica. Do outro lado, estavam os jovens líderes civis, que também queriam um lugar de poder no país e, por fim, as elites dos estados outrora relatados, que exigiam participar dos negócios do governo (Schwarcz; Starling, 2015).

Sabemos que quem participa dos negócios do governo vai se tornando, gradativamente, uma classe dominante, com um poder de mando e desmando em seu estado e em controlar tudo ao seu redor, o que acarreta, posteriormente, que essa mesma classe dominante assumo o governo, como foi o caso da antiga Política do Café com Leite, que alternava no poder os estados de São Paulo e Minas Gerais (Schwarcz; Starling, 2015).

Desse modo, enquanto os membros da Aliança Liberal ainda continuavam insistindo em continuar suas brigas internas, Vargas, astucioso e sempre vendo mais longe, continuava governando o Brasil adotando posturas antiéticas: fazia conchavos políticos de modo que os mesmos lhe garantissem que teria apoio futuramente para se manter na Presidência e, para isso, não sentia remorso ou vergonha de oferecer vantagens ou compensações a quem lhe pudesse ajudar no momento em que, porventura, seu cargo fosse ameaçado.

Vargas, mesmo oferecendo vantagens e compensações para quem pudesse lhe manter no poder, esqueceu-se de um pequeno inimigo que lhe rondava à espreita e esperava o momento propício para lhe tomar o poder: o estado de São Paulo. Esqueceu que, ao criar o Conselho Nacional do Café, excluindo o Instituto do Café do estado de São Paulo, que era o órgão que dava a São Paulo o controle político sobre

os grãos de café, estava criando uma revolta armada que seria promovida por esse estado (Schwarcz; Starling, 2015).

Em sua ambição de quebrar a influência que São Paulo ainda poderia ter na política, Vargas nomeou interventores para ela. “Mexer em vespeiro”, conforme o ditado nordestino, é assinar o atestado de óbito, e São Paulo estava disposto a tudo para retirar Vargas do poder. Então, as forças políticas desse estado se reuniram e, na pauta, decidiram exigir uma Assembleia Constituinte, bem como marchar para a luta armada (Schwarcz; Starling, 2015).

São Paulo acreditava na vitória; afinal, estudantes e imigrantes se voluntariaram para o combate, as mulheres doaram joias para pagar as despesas que a guerra ia fazendo, acrescentando que foram comprados aviões próprios de combate. Tudo levava a crer que Vargas iria ser deposto, haja vista São Paulo tinha tudo: tropa para combater, custos para financiar a guerra e aviões de combate. Mas o fato lamentável é que não foi dessa vez que São Paulo iria sair vencedor (Schwarcz; Starling, 2015).

A derrota de São Paulo se deu por alguns motivos: o primeiro era que o Rio Grande do Sul e Minas, mesmo não gostando de como Vargas estava administrando o Brasil, foram os estados que lhe deram a vitória. Vale lembrar que trocar insultos era uma situação, mas ajudar a tirar do poder um presidente que foi colocado no poder com a ajuda desses estados era outra situação muito diferente. O segundo ponto é que Vargas tinha o apoio do tenente-coronel Pedro Aurélio de Góes Monteiro, o mesmo que elaborou as estratégias militares que fizeram com que a luta armada, a qual levou Vargas ao poder, ganhasse a eleição. As tropas de Góes Monteiro atacaram São Paulo sem nenhuma piedade, foram 80 mil militares e diversos aviões que, pelo ar, bombardearam as trincheiras onde estavam os simpatizantes que lutaram por São Paulo. Diante de um poderio tão grande, São Paulo levantou a bandeira branca de rendição no dia 1º de outubro de 1932 (Schwarcz; Starling, 2015).

Vitorioso, Vargas foi fazer o ajuste de contas com os “cabeças” da luta armada: exilou os líderes políticos e militares do estado de São Paulo; a força pública passou à categoria de ser um simples órgão policial; expulsou militares das fileiras da organização militar; enfim, promoveu uma verdadeira “caça às bruxas”, sendo que todos que participaram da luta contra Vargas foram perseguidos. Quanto ao restante dos rebeldes, fez um acordo com eles: prometeu que o Banco do Brasil iria arcar com os bônus que foram contraídos na guerra pelos bancos de São Paulo e que iria criar



uma nova Assembleia Constituinte (Schwarcz; Starling, 2015).

A nova Assembleia Constituinte foi constituída no dia 15 de novembro de 1933 e era bem diversificada: continha políticos de oposição a Vargas que representavam o estado de São Paulo e eram comprometidos com a Igreja; inúmeros políticos que representavam os partidos regionais; deputados eleitos através de eleições avulsas. Esses parlamentares não só promulgaram a Constituição de 1934, como também elegeram Vargas, por meio do voto indireto, para ser o Presidente da República (Schwarcz; Starling, 2015).

A Assembleia Constituinte colocou alguns limites, o que surpreendeu Vargas, que queria governar livremente:

Submetia o Executivo à fiscalização do Legislativo, acabava com os decretos que permitiam ao chefe do Governo provisório substituir o Congresso na função de elaborar leis e garantia completa independência ao Tribunal de Contas. Os congressistas limitaram em quatro anos o mandato presidencial e ainda vetaram a possibilidade de reeleição (Schwarcz; Starling, 2015, p. 366).

Esta era uma Constituição inovadora, pois nunca se tinha ouvido falar de nenhuma legislação que limitava o mandato de governantes, tampouco vetava a sua reeleição. Mas, mesmo sendo considerada inovadora, ela ficou presa ao passado, uma vez que acatou o que Vargas tinha executado como, por exemplo, a exclusão da categoria dos trabalhadores rurais de qualquer benefício previsto na legislação trabalhista. Outro fator que mostra a nova Carta Magna presa às teias do passado era que os analfabetos ainda permaneciam sem o direito de votar, marca já imposta desde o Período Imperial. Até mesmo os imigrantes ficaram sem direitos garantidos à luz dessa Constituição, a eles ela deu direito ao poder público estadual de lhes expulsar do Brasil caso o estado os achasse perigosos à Nação. Era um documento que deu amplo poder ao Executivo, isso não podemos negar; contudo, ao dar poderes ao Executivo, fez com que este, por meio de sua autoridade, permitisse a censura para as publicações (Schwarcz; Starling, 2015).

Assim, do outro lado do mundo, o que antes era pacífico iria se tornar turbulento e escuro e, posteriormente, iria afetar o Brasil. No ano de 1933, Adolf Hitler e o partido nazista ascenderam ao poder. A Alemanha se tornou um país muito cruel nas mãos desse ditador, sendo que seu partido não só disseminou o genocídio em campos de concentração, como também defendeu, segundo Schwarcz e Starling

(2015, p. 367), “[...] o culto ao militarismo e à guerra, bem como a submissão da sociedade à racionalidade administrativa”. Com Hitler e o seu partido nazista no poder, o fascismo foi implantado em uma Europa bombardeada por guerras.

O fascismo já estava instalado no Brasil há muito tempo; no entanto, na penumbra, sem muitos militantes. Como tudo que está escondido precisa ser exposto, assim o fascismo o fez emergindo com força total na sociedade brasileira a partir de 1932, quando esse regime criou um partido político intitulado Ação Integralista Brasileira (AIB). Seus adeptos eram chamados de integralistas e buscavam apoio nas diversas classes sociais, que iam desde o clero a funcionários públicos, passando por áreas habitadas pelos alemães e italianos. Os integralistas foram se alastrando pelo Brasil de forma muito sutil e, pouco a pouco, foram produzindo um discurso ideológico de cunho fascista e adquirindo, cada vez mais, simpatizantes, chegando, em 1937, com mais de 100 mil adeptos. Vale ressaltar que entre eles estavam integrantes do governo e militares como Pedro Aurélio de Góes Monteiro, que via o fascismo como a melhor opção para que o Brasil se modernizasse (Schwarcz; Starling, 2015).

Vargas compartilhava do mesmo pensamento de Góes Monteiro; todavia, sempre ficava desconfiado com o fascismo porque sentia que esse movimento político tinha intenções de algum dia colocar um ditador para governar o Brasil. Ninguém quer que alguém lhe tome o poder, e o fascismo percebeu a desconfiança de Vargas e começou a elaborar estratégias para tomar o poder, tal como uso de fotografias e propagandas nos meios de comunicação como o rádio e o cinema (Schwarcz; Starling, 2015).

Destacamos que outra preocupação de Vargas, além do fascismo, era com a oposição nas figuras da Aliança Nacional Libertadora (ANL), cujo presidente era Luís Carlos Prestes, e do Partido Comunista. Vargas pretendia usar o fascismo contra essas duas forças de oposição.

Vale lembrar que a ANL foi criada por militares, que, antes, não seguiram Vargas ou que eram seus simpatizantes e ficaram desiludidos com a sua forma de governar o Brasil. Como partido político, a ANL era a favor de propostas de cunho social-reformista e dos direitos de cidadania. Já os comunistas, além de serem um grupo com um quantitativo de pessoas muito pequeno, era clandestino e não era um partido que tinha um “peso”, uma representatividade na sociedade. Sua função como partido político era apoiar as frentes populares em sua luta contra o fascismo, o

nazismo e as guerras. Esse partido recebia diretrizes da Internacional Comunista, órgão localizado em Moscou. Conforme Schwarcz e Starling (2015), essa instituição analisava a realidade política brasileira como um imenso país semicolonial, com governos centrais incapazes de controlar, integralmente, o território nacional, ficando, assim, abertos a insurreições regionais.

A ANL crescia vertiginosamente, mas isso não passou despercebido ao olhar de Vargas, que aguardava o momento certo para intervir, uma vez que também estava acompanhando de perto manifestações na rua e os acirramentos nesses locais entre integrantes da Ação Integralista Brasileira e da Aliança Nacional Libertadora (Schwarcz; Starling, 2015).

Vargas, com intuito de coibir o crescimento da ANL, começou a proibir seus comícios; no entanto, a partir de 1933, os comunistas já começaram a se organizar para promover os levantes armados e incluíram, entre seus membros, profissionais que eram referência em explosivos, sabotagem, decifração de mensagens enviadas por rádios. Nessa época, Prestes já estava morando no Brasil clandestinamente (Schwarcz; Starling, 2015).

Em 1935, os levantes armados começaram e, em novembro desse ano, Vargas conseguiu que o Congresso aprovasse o Estado de Sítio e os deputados, a guerra. Vargas, para conter os levantes armados, criou a Comissão de Repressão ao Comunismo e foi implacável: prendeu todos que eram da ANL, comunistas e simpatizantes, sendo que os condenados foram presos nos presídios de Ilha Grande e Fernando de Noronha. Nesse momento, nem mesmo o escritor Graciliano Ramos foi poupado, pois era simpatizante do Partido Comunista. Foi preso em 1936 e ficou até janeiro de 1937. Sua obra **Memórias do cárcere** registrou os acontecimentos da prisão. Vargas implantou, ainda, no Partido Comunista, um agente duplo, Johnny de Graaf, que passava as informações para Alfred Hutt, agente do serviço secreto britânico no Brasil. Este as selecionava e entregava a Oswald Aranha, Ministro do Exterior, que as enviava para Vargas. Foi assim que o esconderijo onde Prestes estava foi descoberto e ele foi preso (Schwarcz; Starling, 2015).

Com a ANL fechada e os comunistas em cárcere, chegou a vez de Vargas se preocupar com as eleições de 1937. Ele foi reeleito, e o Brasil ficou à mercê de mais 4 anos de ditadura. Sua vitória eleitoral se deu da seguinte forma:

Ele manobrou os parlamentares, controlou milimetricamente a competição política entre seus possíveis sucessores, [...] a aliança com o Exército. Uma dupla de generais foi decisiva: Góes Monteiro e Eurico Gaspar Dutra. Os generais queriam um Exército moderno e indústria; em troca dariam a Getúlio apoio militar para o golpe e sustentariam a ditadura (Schwarcz; Starling, 2015, p. 373).

Mas, naquele momento, faltava convencer a sociedade de que a rebelião armada de 1935 estava levando o Brasil em direção à catástrofe e que o comunismo era o pior inimigo do país. Vargas utilizou o rádio para convencer a opinião pública. Em seus discursos, implantou medo na população ao falar sobre o que fizeram os comunistas. Vargas dizia que eles assassinaram militares do 3º Regimento de Infantaria enquanto dormiam nos alojamentos, saquearam casas e comércios e estupraram mulheres (Schwarcz; Starling, 2015).

Sem limites, Vargas expôs um documento falso como sendo verdadeiro chamado *Plano Cohen*, que detalhava sobre a volta de um outro levante armado, o qual previa incêndios às repartições públicas, fuzilamentos. Esse documento falso foi elaborado pelo coronel do Setor da Inteligência do Exército Brasileiro, Olympio Mourão Filho, e autenticado por Góes Monteiro. O documento circulou por todos os cantos, e os jornais enfatizaram, mais ainda, o perigo da insurreição armada pelos comunistas (Schwarcz; Starling, 2015).

Desse modo, Vargas estava satisfeito e eleito Presidente da República; todavia, é preciso esclarecer que, em 1937, o Brasil passou por um golpe, denominado Estado Novo. Mas o que era esse regime político? Quais eram as suas diretrizes? No nosso entendimento, apesar de o “Estado Novo” estar relacionado com o ditador Salazar, que implantou o seu regime em Portugal, em se tratando do Brasil, o Estado Novo carrega somente alguns traços do fascismo europeu, que não será discutido, pois foge ao escopo desta pesquisa (Schwarcz; Starling, 2015).

Assim como o livro, que é um objeto cultural reconhecido por todos, a revista **O Tico-Tico** segue essa mesma linha de raciocínio. Esse fato justifica adentrarmos no debate das questões culturais no período em que esta investigação se insere. Na Era Vargas, era um sonho antigo do campo cultural se desvincular de aspectos que estavam muito concentrados ao regionalismo e adotar elementos culturais de várias regiões do país, de modo que, ao se mesclarem, iniciaria a construção da nacionalidade brasileira. Foram misturados elementos como a culinária, religião, dança de cada estado brasileiro. Esse processo, que é a marca da nacionalidade

brasileira, teve total apoio de Vargas, que, em 1937, passou também a apreciar o candomblé e a capoeira, que, antes, eram consideradas práticas criminosas previstas no Código Penal desde 1890 (Schwarcz; Starling, 2015).

Essa diversidade cultural que se formou possibilitou ao Brasil investir em elementos da cultura nacional no exterior e, em 1939, levou Carmem Miranda para conhecer Nova York. Em suas apresentações, conforme consideram Schwarcz e Starling (2015), Carmem Miranda tinha reinventado o Brasil. Ela dissolvia em uma brasilidade genérica negros, brancos, índios, e celebrava um país híbrido, alegre e harmônico.

Em 1940, houve uma inversão entre o Brasil e o exterior, pois, antes, o país levava sua cultura para o exterior, mas, agora, são os norte-americanos que lançam seu olhar para os elementos existentes no Brasil. Para manter um bom relacionamento com os países da América Latina, o Presidente americano, Franklin Roosevelt, criou uma política cultural chamada de “Política da Boa Vizinhança”, que escolheu o cinema como prioridade de investimento (Schwarcz; Starling, 2015).

Em 1941, os estúdios Disney decidiram participar do programa “Boa Vizinhança” e vieram ao Brasil para fazer pesquisas e, assim, surgiram dois desenhos infantis: “Alô amigos”, de 1943, e “Você já foi à Bahia”, de 1945. Os dois desenhos animados fizeram o Brasil ser conhecido no meio norte-americano, pois utilizaram a figura do personagem Zé Carioca (Schwarcz; Starling, 2015).

Mas, por que o Zé Carioca? Porque ele foi um animal que representou o Brasil nos relatos das expedições que vieram para as terras brasileiras ainda no século XVI. Esse papagaio representava a nacionalidade brasileira, pelo fato de misturar elementos, tais como samba, jogador de futebol bom de bola. Ele atraiu um grande público americano, que o aceitou prontamente. Essa aceitação da nacionalidade brasileira, por meio de Zé Carioca, deixou Vargas muito feliz (Schwarcz; Starling, 2015).

Não podemos retratar somente bons acontecimentos como se o Brasil não tivesse problemas e que todos aqueles que tentavam mostrar isso, seja na música ou nos livros de literatura, fossem censurados ou presos. O Brasil possui uma capacidade incrível de sorrir de sua própria miséria, e essa condição, muitas vezes, é retratada na música, em livros, em charges, como, por exemplo, na canção de Noel Rosa intitulada “Coisas nossas”:

[...] Malandro que não bebe,  
 Que não come  
 Que não abandona o samba,  
 pois o samba mata a fome [...]  
 E o bonde que parece uma carroça  
 Rapaz casado, com dez filhos, sem tostão  
 Coisa nossa, muito nossa  
 São nossas coisas<sup>4</sup>.

Vejamos a ironia de Noel Rosa quando descreve o bonde parecido com uma carroça. Rosa relacionava o bonde ao progresso; contudo, chamava atenção para o atraso quando ele cita as carroças, estas tão presentes ainda no século XXI. Criticava o desemprego ao falar do rapaz que tinha dez filhos e não tinha dinheiro (Schwarcz; Starling, 2015).

O Brasil passava por problemas como desemprego e o descaso de um governo em gerar políticas que contemplassem o bem-estar da sociedade. Vale lembrar que nada mais do que a literatura para fazer esse discurso circular e mostrar como estava a história política do país no governo Vargas, sobretudo, quando o assunto era a raça, e defendia que a mestiçagem era apontada nos estudos de Schwarcz e Starling (2015) como a melhor resposta do Brasil ao resto do mundo.

Neste estudo, chamamos atenção para 3 obras que apontavam para essa nova reinterpretação do Brasil, levando em consideração a mestiçagem. A primeira, de Gilberto Freyre, de 1933, **Casa-grande e senzala**; a segunda, de Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, **Raízes do Brasil**; e a terceira, de Caio Prado Jr., de 1942, intitulada **Formação do Brasil contemporâneo**. Freyre, no livro, procurou transmitir a mensagem de tirar a figura do negro como o responsável pelas mazelas do Brasil e apontou nas linhas mais discurso que seria essa mesma classe a promessa de um futuro melhor para o Brasil. Já Holanda faz duras observações sobre as soluções que foram adotadas pelos políticos durante o contexto histórico brasileiro, consideradas pelo autor como arbitrárias, e expõe, de forma objetiva e muito clara, os conflitos que ocorreram durante a proposta política de modernizar o Brasil. Segundo Prado Jr., o que torna um país o qual não rompeu os laços de miséria e diversas formas de atraso que o impediram de prosperar não foi a mestiçagem, mas a criação de medidas, sejam da ordem política ou econômica, que almejassem acabar com esses processos,

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br> > Samba. Acesso em: 10 out. 2022.

considerados modelos de atraso para o país.

É possível observar o controle de Vargas na cultura, quando criou cargos para os intelectuais escritores, jornalistas e poetas no Departamento de Imprensa e Propaganda e no Ministério da Educação e Saúde. Esse controle pode ter sido motivador para que a revista **O Tico-Tico** publicasse, em seu encarte “Meu Jornal”, temáticas de cunho nacionalista, como será discutido no quarto capítulo.

Ainda neste capítulo, consideramos relevante tratar das questões educacionais por entender que a educação é parte do cenário no qual as crianças e os jovens são submetidos a processos de educação variados.

## 2.2 O CENÁRIO EDUCACIONAL: DÉCADAS DE 1935 E 1940

Para relembrar as leitoras e os leitores, a ideia de Estado independente foi formalizada em 1822 e consolidada com o reconhecimento de outros países. Em 1824, era outorgada a primeira Constituição e, no artigo 179, Inciso 32, previu-se que a instrução primária era gratuita a “todos os cidadãos”. Excluídos da cidadania e da escola primária, mantida pelo Poder Público, encontravam-se os escravos e os portadores de doenças contagiosas. Já o Inciso 33 prescreveu a abertura de Colégios e Universidades, onde seriam ensinados os elementos de “*Sciência, Bellas Letras e Artes*”. Importante esclarecer que houve lutas e protestos em torno das definições da cidadania imposta pela Constituição do Brasil de 1824, inclusive entre negros e mestiços, assim como houve disputas pela delimitação do público-alvo das escolas e pelo alargamento dos direitos à educação escolar ao longo de todo o Oitocentos, abrangendo propostas para educar e civilizar índios, libertos e rever a educação oferecida às mulheres.

De acordo com a Constituição do Império, os critérios fundamentais para o exercício dos direitos de cidadão, civis e políticos, passavam pela posse dos atributos mais caros do liberalismo clássico: a liberdade e a propriedade. A distinção entre liberdade e escravidão indicava uma das clivagens principais que caracterizavam a sociedade hierarquizada, aristocrática e monárquica. No âmbito local, o primeiro grau das eleições, os libertos podiam votar, mas não podiam se candidatar aos altos cargos políticos do Estado. O dilema entre a ideia liberal de igualdade, natural entre os homens, e a manutenção da escravidão, sob a égide de Constituições livres, não foi específico ao Brasil, mas desenrolou em toda Afro-América (Gondra; Schueler, 2008).

Assim, nesse cenário da história da educação de longa duração, passamos a refletir sobre o processo de escolarização na sociedade brasileira que pode ser observado por meio dos diversos mecanismos articulados: Legislação Escolar e Política Educacional; constituição de um aparato técnico e burocrático de inspeção e controle dos serviços de instrução para recrutar e empregar; produção de dados estatísticos para produzir representações sobre o próprio Estado e a sua população, elementos fundamentais para a governabilidade moderna (Faria Filho; Lopes, 2000).

Há de se destacar a importância das escolas elementares como uma das formas escolares que concorreram para o projeto de organização do Estado Nacional. Nessa modalidade de ensino, a historiografia da educação aponta que não houve rupturas significativas em relação às reformas pombalinas, permanecendo as aulas régias entre 1759-1822 quando passam a denominar aulas públicas. Somente na segunda década do século XIX se intensificaram as discussões, os projetos e as medidas legais direcionados à ampliação da instrução pública, juntamente com o processo de construção do Estado independente e do amadurecimento da ideia de formação de um novo Império – o Império do Brasil (Gondra; Schueler, 2008).

Com o advento da República, Gondra e Schueler (2008) afirmam que a representação da educação do Brasil Imperial, cunhada pelos intelectuais da Escola Nova, principalmente nos anos de 1920, foi a de um “tempo sombrio da educação nacional” e, dessa forma, “nulo do ponto de vista da educação do povo”. Em um esforço conjunto, pesquisadores da história da educação brasileira vêm se debruçando sobre essa problemática, visando a lançar luzes no tempo histórico do Brasil Imperial. Em relação à referida representação, Schueler (1998) desenvolveu sua pesquisa em diálogo com uma extensa bibliografia, chamando a atenção de que as temáticas referentes à instrução e à educação no Brasil Imperial eram pouco enfrentadas pelos historiadores e que a produção historiográfica disponível, em sua grande maioria elaborada por pedagogos e cientistas sociais, privilegiava o período do pós-1930 e analisava, principalmente, a partir da criação do Ministério da Educação e Saúde e das políticas educacionais resultantes da ação dos “tempos de Capanema”, cuja reforma sistematizou e unificou os programas de ensino em todo o território nacional em plena vigência do Estado Novo (Gondra; Schueler, 2008). Como não é nosso objetivo enfrentar esse debate, recortamos o que nos interessa mais de perto, ou seja, o período que vai de 1935 a 1940.



Nesse sentido, entendemos que Vargas se aproxima dessa representação de Brasil Império de “tempo sombrio da educação nacional” quando da atuação do Ministro Capanema<sup>5</sup>. O nacionalismo proposto por Vargas buscava fortalecer o aspecto cultural da Nação e criar um Estado-Nação, haja vista o Brasil ainda tinha a característica de ser uma sociedade atrasada devido a seu passado colonial.

Dessa forma, com objetivo de interromper, cada vez mais, esse ciclo do suposto atraso e, nessas preocupações, a questão da cultura estrangeira. Vargas, por considerá-la uma ameaça ao processo de nacionalização, adotava mais e mais medidas de cunho repressivo, tal como proibição de jornais escritos em língua estrangeira<sup>6</sup>. Na educação, esse tipo de medida foi ainda mais arbitrário, visto que houve fechamento de escolas estrangeiras, bem como a proibição de que, dentro das escolas, fossem ministradas aulas em língua estrangeira. Até mesmo uma Comissão Nacional de Ensino Primário foi criada em 1938, pelo Decreto nº. 868, de 18 de novembro de 1938, como forma de o governo manter seu controle sobre as etnias estrangeiras. Essa Comissão visava a promover a nacionalização do ensino dentro das comunidades onde habitavam os estrangeiros (Bomeny; Costa; Schwartzman, 2000). Essas medidas de nacionalização do ensino estavam restritas, como esclarecem Bomeny, Costa e Schwartzman, apenas às escolas situadas na zona rural.

Outra medida foi adotada contra as escolas estrangeiras no Brasil: a sua desapropriação. Temos conhecimento de que essas escolas tinham como mestres os professores de sua própria nacionalidade, que, aos poucos, foram substituídos por professores brasileiros. Como as escolas estrangeiras estavam localizadas em cidades/municípios distantes, como a Região Sul, por exemplo, onde o clima frio, ainda nos tempos atuais, chega a 2 graus, para convencer os professores brasileiros a darem aulas nesses locais, o governo ofereceu casas funcionais gratuitas, planos de saúde, além de um bom salário (Bomeny; Costa; Schwartzman, 2000).

---

<sup>5</sup> Para um estudo aprofundado das ações de Gustavo Capanema enquanto Ministro da Educação e Saúde, conferir os estudos de Bomeny, Costa e Schwartzman (2000).

<sup>6</sup> No Brasil, havia um Decreto que regularizava a produção e a distribuição de livros, era o Decreto-Lei nº. 1006 de 1938, conseqüentemente, o país podia importar livros didáticos, porém, essa Lei não especificava em qual idioma esses livros poderiam ser comercializados e oferecidos para todas as escolas; portanto, Vargas não podia proibir, nas escolas estrangeiras, o livro didático escrito em sua língua materna. Para manter sua política repressiva contra os estrangeiros na educação, Vargas alterou a Lei, anteriormente citada, e concedeu o direito de importação dos livros, desde que eles fossem escritos em Português (Bomeny; Costa; Schwartzman, 2000).

O fechamento de escolas, a proibição do ensino em língua estrangeira, os decretos relativos à importação do livro didático em língua estrangeira, a proibição de circulação de jornais em língua estrangeira, enfim, as medidas de nacionalização representavam para esses grupos a interrupção de um processo cultural que vinha sendo mantido há quase um século (Bomeny; Costa; Schwartzman, 2000, p. 167).

Diante do exposto, não há uma forma de como tornar um ensino brasileiro “aceitável”, se o espírito educacional do governo tinha apenas como preocupação instruir as crianças nos moldes éticos, morais e cívicos, sempre pensando em prol de um grupo social específico, deixando de lado uma instrução que privilegiasse a vida coletiva e o sentimento de cooperação.

Acreditamos que desapropriar uma escola significa destruir identidades, principalmente, se essa destruição envolver minorias étnicas, os pobres, os negros, os indígenas, esses três últimos são representações sociais que ficaram de fora por muito tempo de processos que envolvem o social, o cultural, entre outros, já que o Brasil ainda engatinha em enxergar um sistema escolar para os menos favorecidos onde a escola seja um espaço mais humano e digno de sujeitos de direitos.

As colônias estrangeiras investiram em ensino de qualidade e, devido a essa condição, muitos brasileiros matricularam seus filhos nas instituições escolares fundadas pelas minorias étnicas. Não é só fechar escolas estrangeiras devido ao fato de as mesmas também serem uma ameaça à nacionalização, é preciso que o governo crie novas escolas brasileiras ou invista na qualidade das que já estavam funcionando.

Vale ressaltar que não adiantou Vargas fechar as escolas estrangeiras; afinal, tudo tem o seu “jeitinho”, e os japoneses, na “surdina”, mantinham em suas colônias:

Cursos-volantes, cujas aulas funcionam, ora numa casa, ora noutra, mas, persistentemente variando e alterando o Mestre-Escola de cada dia, procurando-os dessa forma, substituírem a Escola estrangeira suprimida. – Esses cursos funcionam geralmente à noite e para a organização dos mesmos, congregam-se associados, que contribuem para sua subsistência (Endrica, 2007, p. 144).

Outra ação repressiva de natureza educativa contra minorias étnicas foi adotada, mas, dessa vez, com a ajuda do Exército, ao qual coube fundar escolas militares que permanecem atuantes até hoje no Brasil, e, ainda, nacionalizar os estrangeiros que iriam servir como militares naquela instituição. No caso do Exército, entendemos que a sua política seja mudar a mentalidade do estrangeiro para que fosse respeitada a Bandeira do Brasil.

Getúlio Vargas tinha como propósito reconstruir a educação nacional e rever seus objetivos; para isso, articulou, junto com a educação, uma outra categoria, o mundo do trabalho. A concepção adotada por Vargas sobre o que significava trabalho era de que o mesmo não era uma questão que serviria apenas para o indivíduo prover sua família com alimentação, saúde, vestuário, entre outros, mas desenvolver, nos futuros trabalhadores, uma nova atitude: servir à Pátria.

Segundo o Presidente Getúlio Vargas, a educação era a única saída para alcançar o seu objetivo nacionalista. Formar crianças que internalizassem a cultura nacional brasileira e defendesse o país contra qualquer ideia que colocasse em risco o Brasil. Por conseguinte, a constituição da nacionalidade brasileira seria o ponto chave que iria reger as diretrizes a serem empregadas nela, logo, o espaço da nacionalidade nas fileiras educacionais seria abordado de acordo com três aspectos: o primeiro defendia que devia haver um conteúdo de cunho nacional que seria abordado pelas escolas como, por exemplo, o ufanismo brasileiro, o currículo da disciplina Educação Moral e Cívica devia conter noções de brasilidade etc.; o segundo aspecto era que a educação devia ser padronizada em todo o território brasileiro, os currículos, os livros didáticos, as escolas, incluindo as técnicas, todos deviam obedecer a um padrão que possibilitava que o governo pudesse ter o controle de cada conteúdo que estava sendo ensinado aos alunos; e o terceiro aspecto, a erradicação de diversas etnias que compunham a sociedade brasileira.

O último capítulo do presente estudo direciona as luzes para o primeiro aspecto – conteúdo de cunho nacional presente nas escolas – por meio da análise das publicações atribuídas às crianças no encarte “Meu Jornal”. No entanto, faz-se necessário atender ao objetivo proposto inicialmente, ou seja, apresentar uma discussão articulada entre as referidas publicações e a história da Literatura Infantil.

### 2.3 COM A PALAVRA, A LITERATURA INFANTIL NA HISTÓRIA

A primeira forma de leitura infantil espontânea ocorreu na França, no século XVII, em 1697, quando Jean Baptiste de La Salle fundou o Instituto de Escolas Cristãs, destinadas às crianças pobres e, para ensiná-las nos dogmas do cristianismo, elaborou cartilhas e catecismos. Ainda nesse século, surgiram algumas obras que foram consideradas literaturas destinadas ao público infantil. Salem (1959, p. 26) pondera que essas obras foram as de Madame d’Aulnoy, que adaptou contos de

adultos para crianças, entre eles, destacam-se: “A gata branca”, “O pássaro azul”, “O anão amarelo”; e os de autoria de Fénelon, em 1699: “As aventuras de Telêmaco”, “O diálogo dos mortos”, este último retratava breves noções sobre Filosofia e Mitologia. Já Lajolo e Zilberman (2007) apontam que as Fábulas de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, e as obras de Charles Perrault, tais como **Chapeuzinho Vermelho** e **Cinderela**, fazem também parte do acervo das obras do século XVII.

Em se tratando da origem da Literatura Infantil europeia, ela aconteceu no século XVII, com o padre François Fénelon, cujos textos tinham a finalidade de educar, moralmente, as crianças. Apesar de Fénelon ser reconhecido como o iniciador da Literatura Infantil europeia, podemos afirmar que a literatura já existia com a literatura oral, esta era de cunho popular e explorava os ditos populares e os provérbios.

Perrault, no livro **Contos da Mamã Gansa**, em 1697, apresentou à sociedade os contos de fada que foram considerados uma “febre” entre as crianças, tornando-se o principal gênero textual lido pelo público infantil. Conforme Silva (2009), Perrault editou as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando passagens obscenas de conteúdo incestuoso e canibalismo. O autor também adotou, em suas narrativas, muitos ditos populares, garantindo que seus contos fossem muito consumidos, pois empregava uma linguagem de fácil compreensão para as crianças no momento em que liam as obras.

Apesar de muitas crianças francesas consumirem muito os contos de fada, isso não foi suficiente para que outros escritores franceses dessem a devida importância à Literatura Infantil europeia. Esta nasceu no berço da aristocracia francesa, porém, foi na Inglaterra, no século XVIII, com a industrialização, que ela se firmou. A industrialização trouxe as fábricas e o processo migratório da população, que se desloca do campo para as cidades, formando gigantescos conglomerados urbanos. Não existiam mais as produções artesanais, pois seu lugar foi substituído pela tecnologia (Lajolo; Zilberman, 2007). A industrialização, a nosso ver, não foi algo tão bom, haja vista, na cidade, não havia tantos empregos para a população que vinha da área rural, o que levou a um aumento de criminalidade, porquanto, não havia emprego para todo mundo, e o refúgio dessa população era habitar áreas da periferia.

A urbanização do período industrial gerou duas classes sociais totalmente desiguais: o proletariado, indivíduos que se deslocaram do campo para as cidades, e a burguesia, que é apoiada no capital e atrai as instituições a fim de trabalharem para ela como, por exemplo, a família e a escola.

Em muitos casos, a família desse período sofria a intervenção do Estado Absolutista, que, para possuir poder, estimulou um estilo de vida para a família: esta não participava da sociedade publicamente, era um modelo no qual quem garantia o sustento era apenas o genitor, cabendo à mulher ficar no lar e exercer as atividades domésticas. Para legitimar a família, foi necessário beneficiar o seu elemento mais importante: a criança burguesa e, com ela, surgiu a produção de brinquedos industriais e livros, visto que cabia às crianças pobres o chão da fábrica como forma de contribuir para o sustento da família (Lajolo; Zilberman, 2007).

Com a industrialização e seu aparato tecnológico, a sociedade vai se desenvolvendo, e o público infantil, que já estava inserido através das instituições escolares no mundo das letras, continuava lendo, escrevendo e consumindo cada vez mais os livros de Literatura Infantil, gerando para os autores fonte de renda e fazendo com que a literatura ocupasse o *status* de mercadoria. Com o consumo de livros e o aperfeiçoamento da tipografia, Lajolo e Zilberman (2007, p. 17) salientam que “[...] se expande a produção de livros, facultando a proliferação dos gêneros literários, que, com ela, se adequam à situação recente”.

A Literatura Infantil trabalha, em seus textos, dois aspectos da criança: o afetivo e o emocional. Assim, por meio da ficção, a Literatura Infantil leva a criança a explorar sua imaginação e a extravasar as barreiras do realismo, tal como na música de Toquinho chamada “Aquarela”:

Se um pinguinho de tinta  
Cai num pedacinho azul do papel  
Num instante imagino  
Uma linda gaivota a voar no céu  
Entre as nuvens vem surgindo  
Um lindo avião rosa e grená  
Tudo em volta colorindo  
Com suas luzes a piscar  
Basta imaginar e ele está partindo  
Serenando  
E se a gente quiser

Ele vai pousar<sup>7</sup>.

Entre as obras que foram publicadas no século XVIII, em 1719, podem ser citadas **Robinson Crusoé**, de Daniel Defoe (1726); **Viagens de Gulliver**, de Jonathan Swift; e, em 1757, são publicados os livros de Madame Le Prince du Beaumont, intitulados **Revista das crianças** e **Tesouro de meninas** (Lajolo; Zilberman, 2007).

No século XIX, a criança já deixa de ser considerada a miniatura do adulto, e a Literatura Infantil acompanha essa evolução. Os autores dessa literatura sentiam-se cada vez mais seguros quanto à escolha dos livros que seriam colocados em circulação, certos de que as crianças iriam ser leitores assíduos. Naquele momento, foi dada preferência a alguns gêneros como histórias fantásticas, aventuras e até mesmo narrativas sobre o cotidiano das crianças. Como exemplo de obras com histórias fantásticas, podem ser citadas: **Alice no país das maravilhas**, de Lewis Carroll, em 1863; **Pinóquio**, de Collodi, em 1883; e **Peter Pan**, de James Barrie, em 1911. As histórias de aventura são representadas pelas obras **O último dos moicanos**, de James Fenimore Cooper, datado de 1826; **As aventuras de Tom Sawyer**, de Mark Twain, em 1876; **A ilha do tesouro**, de Robert Louis Stevenson, em 1882. Como obras infantis que representam o cotidiano das crianças, podem ser citadas: **Os ovos de Páscoa**, de Cônego von Schmid, em 1816; **As meninas exemplares**, da Condessa de Ségur, em 1857; **Mulherzinhas**, de Louise M. Allcott, em 1869; **Coração**, de Edmond de Amicis, em 1886, entre outras. Não devemos nos esquecer das obras dos irmãos Grimm em 1812, que, na compreensão de Lajolo e Zilberman (2007), editam a coleção de contos de fadas, que, dado o êxito obtido, converte-se, de certo modo, em sinônimo de literatura para crianças:

Todos os autores da segunda metade do século XIX, são eles que confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista. Dão-lhe consistência e um perfil definido, garantindo sua continuidade e atração (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 20).

Dando sequência no tempo, vale lembrar que, quando a Literatura Infantil desponta no Brasil, a da Europa já estava consolidada e se multiplicava de acordo

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.culturagenial.com>. Acesso em: 10 out. 2022.

com os gêneros que iam aparecendo. Através de seus heróis, que exprimiam modelos de comportamento, as crianças, ao lerem as histórias, iam adquirindo-os. Assim, a Literatura Infantil europeia assim se fez no seio da sociedade. Cada época produziu a Literatura Infantil de acordo com o seu contexto histórico, político, econômico e social. Os valores da sociedade daquele momento atravessavam a Literatura Infantil e podemos observar isso nas histórias para crianças.

Acreditamos que a Literatura Infantil nasceu quando se configurou o que seria infância. Defendemos essa concepção quando a criança era tratada como uma miniatura de adulto e, naquela época, não havia uma Literatura Infantil própria, uma vez que tudo era adaptado dos contos para adultos. A partir do momento em que se configurou a ideia do que seria infância, a Literatura Infantil acompanhou essa ideia.

Com o mundo em constante transformação, há uma concepção de que a Literatura Infantil não era apenas as histórias construídas para as crianças, mas também o que elas leem, pois, se elas não leem uma determinada história, como esse gênero circulará? Como ele ajudará a criança a ter uma concepção de mundo?

É possível perceber que essa visão de mundo, pelo menos para as crianças que tivessem acesso a esse gênero de leitura já no início do século XIX, entre as primeiras aparições de obras de Literatura Infantil brasileira, estão, conforme descrevem Lajolo e Zilberman (2007), a tradução de **As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen**, de 1808; a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, de 1818, com as seguintes obras: **Leitura para meninos**; e **Um diálogo sobre geografia, cronologia**.

Destacamos que, até a primeira metade do século XIX, não havia, ainda, a tradução de contos infantis, o que fez o Brasil não consumir muitos livros de literatura. A Literatura Brasileira era composta de adaptações dos livros de Portugal e de outros países, ou seja, o Brasil importava livros de literatura e isso ocorreu até o surgimento de uma literatura genuinamente nacional:

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregam, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, **Contos seletos das mil e uma noites** (1882), **Robinson Crusóé** (1885), **Viagens de Gulliver** (1888), **As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen** (1891), **Contos para filhos e netos** (1894) e **D. Quixote de la Mancha** (1901) (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 27, grifos nossos).

Defendemos que é um perigo se adotar uma obra para criança de um país que não fala a sua língua materna, em uma linguagem que, muitas vezes, é inacessível para a criança construir conhecimento ou desenvolver a sua imaginação e criatividade. O Brasil importava essas obras e parecia ainda estar apegado a copiar o modelo europeu.

Ao chegar à segunda metade do século XIX, os jornais brasileiros começam a ter alguns textos literários em suas páginas, tais como crônicas, poemas e romances. Entre os autores que se destacam nesse período, podem ser citados Olavo Bilac, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Simões Lopes Neto. Era uma literatura de diversos temas, porém, com um único propósito, discorrer em suas páginas sobre o Brasil. Nas obras, eram descritos os cortiços, o sentimentalismo, as instituições escolares, esta última na obra **O Ateneu**, de Raul Pompéia.

Vale enfatizar que os autores brasileiros, no início do século XX, sentiam uma dificuldade em produzir, em um primeiro momento, uma Literatura Infantil brasileira, até porque eles não sabiam ainda conviver com as realidades culturais do Brasil, como, por exemplo, o folclore. A dificuldade em produzir obras com esse tema foi quebrada com a autora Alexina de Magalhães Pinto, que, em 1907, escreveu obras para as crianças cujo material folclórico continha cantigas, histórias, provérbios e que foram publicados na Coleção Icks de Biblioteca Escolar. De acordo com Lajolo e Zilberman (2007, p. 37), são exemplos de livros escritos por Alexina de Magalhães Pinto: **As nossas histórias** (1907); **Os nossos brinquedos** (1909); **Cantigas das crianças e do povo e Danças populares** (1916); **Provérbios populares, máximas e observações usuais** (1917).

Lajolo e Zilberman (2007), com relação ao folclore, asseveram que a tradição popular oral era muito propagada na sociedade rural e que foi descrita na Literatura Infantil europeia. Em se tratando da Literatura Infantil brasileira, a tradição popular oral não tinha nenhuma obra folclórica; por isso, os autores brasileiros adaptavam as obras da Europa para o Brasil. Enquanto na Europa a tradição popular era oral, no Brasil, era de livro para livro, sem oralidade. A partir do momento em que se desprezam as tradições culturais orais, seja o folclore, sejam danças como o tambor de crioula, deixa-se de lado não só um material rico, mas também elementos que fazem parte da



identidade de um povo e o caracterizam. Quando se deixa de contar a origem de um prato típico, deixa-se de conhecer a cultura de um povo, sendo que um povo deixa de ser povo quando perde a sua identidade, pois esta faz um país ser o que ele é.

Nesta pesquisa, importa assinalar que outro elemento o qual não é explorado na Literatura Infantil no Brasil é a Amazônia e, até a década de 1940, não havia sido produzida nenhuma obra sobre ela, principalmente, sobre seu folclore, ao qual pertencem o Boi Garantido, cujos participantes só vestem a cor vermelha, e o Boi Caprichoso, de cor azul. As apresentações dessas competições ocorrem em Parintins, município do estado Amazonas, na época da festa junina, lembrando que dá até morte entre as torcidas.

A Amazônia fez parte do acervo da Literatura Brasileira não para crianças e, sim, para os jovens e só fez parte do acervo depois dos anos 1940. Sua aparição na Literatura Juvenil se deve à:

[...] Influência da cultura de massas, veiculada, internamente, pelo cinema, nos filmes senados, pelos livros de aventura e detetive, publicados pela Companhia Editora Nacional [...] ou pela Globo, e pelo rádio (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 105-106).

Seguindo no século XX, um autor de destaque na Literatura Infantil é Monteiro Lobato, que aparece mais precisamente em 1921, com a obra **Narizinho arrebitado**. Confessou ter escrito essa obra por estar preocupado com a Literatura Infantil que estava sendo escrita em uma linguagem que precisava atrair a atenção das crianças e, para isso, utilizou uma linguagem menos formal. Preocupação que durou pouco, pois, de escritor, rapidamente, ele se tornou empresário, visando ao lucro com a vendagem de seus livros. Para isso, criou três editoras: Lobato e Cia.; a Companhia Editora Nacional; e a Brasiliense. Mesmo com suas editoras, Monteiro Lobato nunca deixou de escrever seus livros infantis e, mesmo após sua morte, ainda é lembrado por muitas crianças que assistiram na televisão ao **Sítio do Picapau Amarelo** (Lajolo; Zilberman, 2007).

Abrimos um espaço para apontarmos que, de 1920 a 1945, houve um aumento das obras para as crianças e o interesse de outras editoras para publicar livros para esse público, haja vista o mercado consumidor de obras infantis estava gerando muito lucro. As editoras que também tiveram interesse nesse mercado foram a Melhoramentos e a Editora do Brasil.

A Literatura Infantil estava crescendo, e os autores começam a publicar mais temas voltados para o folclore e história de aventuras, mas quase não havia livros do gênero “poesia”. Mesmo com o aumento de obras que continham o folclore e histórias de aventuras, os livros de ficção foram os mais lidos.

Não se pode remeter à Literatura Infantil brasileira sem abordar o discurso político que a circulava; então, vamos conhecer o cenário político da Literatura Infantil brasileira e observarmos como ele estava representado.

Percorrendo o século XX, o cenário do Brasil se encontrava com um governo que valorizava a política do café, e a classe social era formada:

[...] dos rescaldos de uma classe dominante fragmentada pelos sucessivos rearranjos da posse de terras; das levas de imigrantes que não se adaptaram às condições de trabalho da lavoura; e do crescente número de empregados direta ou indiretamente envolvidos na comercialização do café (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 22-23).

O café era o produto que o Brasil mais exportava e, com ele, houve um aumento da malha ferroviária, dos portos, dos bancos e dos estabelecimentos comerciais encarregados de sua exportação. Todos os indivíduos que faziam parte desses segmentos compunham também a sociedade brasileira do Período Republicano. O país precisava crescer e nada mais justo do que o governo brasileiro querer estabelecer relações com a Inglaterra; afinal, ela estava se expandindo com a industrialização, e também buscar alternativas de consolidar o mercado interno.

Diante de tudo isso, podemos afirmar que havia, naquela época, uma grande sociedade composta pelos segmentos acima citados, portanto, eles seriam consumidores de produtos da indústria brasileira e, posteriormente, ávidos leitores. Esse foi o momento propício para a Literatura Infantil brasileira florescer, foi o momento de os intelectuais começarem a buscar alternativas para contemplar a nova camada social do Período Republicano: adaptavam obras destinadas a adultos como, por exemplo, **Robinson Crusóé**, e também traduziam obras estrangeiras de países que as destinavam às crianças.

O Brasil estava em processo de modernização, e o governo mostrava grande preocupação com a educação: não havia nenhum material pedagógico que contribuísse para o desenvolvimento da leitura das crianças, ou seja, para promover a sua formação. O alerta estava dado. Para ajudar as crianças em processo de

escolarização, os escritores começaram a escrever livros infantis para esse público, porém, essa atitude não é tão honrosa assim, sem nenhuma intenção. Os escritores eram pessoas com contatos políticos dentro do governo e sabiam que tudo que eles redigiam seria comprado e adotado nas escolas pelo governo. O livro infantil, como fonte de mercadoria, era vendido não como forma de promover o conhecimento, de erradicar o analfabetismo e, sim, para ganhar muito dinheiro.

Com relação ao governo da República, mais precisamente o de Getúlio Vargas, ele queria formar um modelo de cidadão com base no civismo, no ético, na moral e percebeu, na Literatura Infantil e na escola, os elementos para atingir seu propósito. Algumas obras de épocas anteriores retratavam esses aspectos e influenciaram, tempos depois, autores brasileiros como o livro **Le tour de la France par deux garçons**: dever e Pátria, do autor G. Bruno (1877), e a obra **Cuore**, escrita em 1886, por Edmond de Amicis. O primeiro livro tem como subtítulo “dever e Pátria” e retrata a história de dois irmãos que saem à procura do tio. Trata-se de uma obra que procura enfatizar, em suas páginas, o amor que a pessoa deve ter pelos seus pais. Já o livro **Cuore** tem como mensagem principal enfatizar o patriotismo e também o respeito à família. Em ambos os livros, a criança é o personagem que vai reforçando todo o discurso ético, cívico e moral do governo republicano. Com relação à leitura escolar, que, mesmo não fazendo parte da época do Governo Vargas, já retratava o seu discurso ideológico nas seguintes obras:

[Ano de] 1886 os **Contos infantis**, de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira, 1889, o livro **Pátria**, de João Vieira de Almeida, 1901, **Por que me ufano de meu país**, de Afonso Celso, 1904, os **Contos pátrios**, de Olavo Bilac, [...] 1907, as **Histórias da nossa terra**, de Júlia Lopes de Almeida (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 32-33, grifos nossos).

Em se tratando do discurso político da Literatura Infantil no Período Republicano de Vargas, alguns pontos nos chamaram a atenção, sendo que um deles é a ausência de detalhar a diversidade regional, pois tudo se limita a focar nomes das regiões e dos estados, seu destaque é reforçar a moral, o trabalho, a disciplina. Como missão educativa, os livros também expressam essa realidade.

Defendemos a ideia de que a Literatura Infantil da Era Vargas nunca retratou as diversas faces do Brasil. Trata-se de uma literatura, que, a nosso ver, mascara outras forças de poder que estão presentes no país e que não aparecem na Literatura

Infantil dessa época: a rachadura econômica, social e cultural que fora construída entre a elite e os pobres a qual levou esses últimos a diversos processos de exclusão, introduzidos no Brasil desde o Período Colonial.

Acreditamos que a literatura foi usada com a finalidade de disseminar a política de Vargas, sendo que isso ficou marcado nos poemas que possuem como temas a natureza e a paisagem, muito presentes como identificação da nacionalidade. Como exemplos, podem ser citados poemas do Romantismo, tal como “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias:

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar – sozinho, à noite –  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá<sup>8</sup>.

Portanto, o amor à Pátria, o respeito aos pais e o heroísmo são muito relacionados aos temas que envolvem a natureza, que é muito caracterizada como portadora de riquezas naturais e beleza do Brasil.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www2.senado.leg.br>. Acesso em: 10 out. 2022.

Em se tratando de espaço rural e da natureza, esses temas foram explorados desde a Literatura Infantil europeia e isso se deveu aos diversos tipos de história que exploraram esses assuntos, tais como o folclore, as fábulas e os contos de fada e, para representar o campo e a natureza, os personagens eram tanto seres humanos quanto animais. Esse modelo de literatura europeia é transportado para a Literatura Infantil brasileira, quando esta se adaptou às obras da Literatura Infantil europeia no século XIX. Um exemplo de autor brasileiro, que, em suas obras, retratou histórias envolvendo homens e animais, cujo enredo se desenvolveu no meio rural, foi Viriato Correia (Lajolo; Zilberman, 2007). Não foi apenas o modelo exemplar que as crianças deveriam seguir e estava presente na Literatura Infantil, como já citado anteriormente, a preocupação também era com a linguagem empregada para as crianças nas obras de literatura. Os livros de literatura devem não só apresentar os valores cívicos, morais e éticos, que deveriam ser adotados pelas crianças, como também uma linguagem culta e clara, esta era a que tinha acesso a elite; portanto, os livros para as crianças possuíam a mesma linguagem presente nos livros destinados à classe social burguesa.

Os escritores tinham de adequar seus livros a essa linguagem, e o motivo de eles terem feito isso foi apenas que, se não o fizessem, não vendiam seus livros, uma vez que tudo estava se adequando à linguagem culta dos livros a que a elite tinha acesso. Assim, podemos afirmar que o mercado escolar ditava as regras: ou os autores escreviam páginas empregando a linguagem da elite e vendiam livros e obtinham lucros ou escreviam obras não obedecendo a essa linguagem e ficando sem capital.

Os fatos com relação à Literatura Infantil da época republicana eram: escrever livros de modo que as crianças os consumissem; disseminação em excesso da visão ufanista, ou seja, amor pela Pátria; a escrita de frases, nas partes do livro como no Prefácio, na Contracapa, mostrando o que é essencial para constituir a nacionalidade brasileira. Desse modo, podemos afirmar que não era somente o consumismo das crianças pelas histórias que faziam com que os escritores produzissem textos, a cada momento, e as editoras vendessem novas obras e, assim, aumentarem os lucros financeiros de ambos, havia outros motivos, como afirmam Lajolo e Zilberman (2007), os quais eram: a consolidação da classe média, em decorrência do avanço da industrialização e da modernização econômica e administrativa do país; o aumento da escolarização dos grupos urbanos.

A Literatura Infantil do Período Republicano compactuou com as ideias do governo e trouxe para as suas páginas histórias nacionalistas, cujos personagens e suas respectivas aventuras procuraram retratar o Brasil, seu folclore e a cultura da população dos estados brasileiros.

Como o Governo de Getúlio Vargas queria educar as crianças nos princípios éticos, cívicos, morais, a Literatura Infantil para as crianças teve o caráter educativo e também era desprovida de palavras que não condiziam com um bom comportamento a ser seguido, como palavrões.

Em nosso entendimento e diante de tudo o que foi exposto, em se tratando da Literatura Infantil brasileira, sabemos que ela descreve a sociedade do Brasil e, para tanto, fez uso, em muitas obras, do ambiente rural. Mas é preciso deixar claro que, apesar de a sociedade ter o seu contexto histórico, político, o mundo da criança não foi baseado em sua sociedade, mas no mundo da fantasia, era como se a sociedade não tivesse seus problemas e que esses não pudessem ser expostos nas obras da Literatura Infantil. Vale enfatizar que a criança precisa estar em sintonia com o meio social em que vive, mesmo que ele apresente problemas, para que ela construa um pensamento crítico. A partir do momento em que não é apresentada nos livros uma determinada realidade da sociedade, estamos formando, seja na sala de aula, seja por meio da leitura de livros, sujeitos alienados e, futuramente, dominados por ideologias governamentais.

Assinalamos que um discurso circulante dentro da Literatura Infantil brasileira é a condição do negro, mas, para discorrer sobre ela, será necessário reportar quando a criança, nos anos 1930, tinha contato com as amas de leite e também com as escravas e os escravos. Podemos afirmar que essa condição era de submissão e o mesmo acontece nas obras de Literatura Infantil, tais como as de Monteiro Lobato, em **Histórias de Tia Nastácia** (1937); José Lins do Rego, em **Histórias da velha Totônia** (1936); e Osvaldo Orico, com as obras **Contos da mãe preta** e **Histórias do pai João** (1933). Importa ressaltar que, em nenhuma das obras apresentadas, o negro sai da condição de submissão ao branco e vira protagonista da história. A escravidão já havia acabado há décadas, mas o negro ainda permaneceu retratado e desqualificado socialmente nas obras da Literatura Infantil brasileira no Período Republicano.

A Literatura Infantil aconteceu com o Brasil dualista: buscou um padrão de qualidade para as obras da Literatura Infantil e, para isso, adaptou, em um primeiro

momento, as histórias estrangeiras sem adequá-las à realidade brasileira e, depois, escondia a realidade do país. Enriquecia o mercado da literatura europeia, enquanto o Brasil tinha uma parcela significativa da população analfabeta, logo, excluída do capital cultural que poderia ser adquirido por meio da leitura.

A seguir, apresento a revista **O Tico-Tico** voltada para um público infantojuvenil com potencial de leitura dos diferentes signos (escritos ou imagéticos).

### **2.3.1 A revista O Tico-Tico como parte da Literatura Infantil brasileira**

Nesta investigação, até o presente momento, sobre a Literatura Infantil brasileira, abordamos um pouco o contexto político de sua entrada no Brasil, bem como os discursos das narrativas, tais como a posição do negro, a Amazônia, o folclore, entre outros. Contudo, não destacamos as revistas infantis que circularam no país naquela época e constituem um elemento importante da Literatura Infantil, lembrando que não só os livros são considerados como Literatura Infantil, pois as revistas para crianças também o são. Como exemplo de revista infantil brasileira destinada às crianças, pode ser citada a revista **O Tico-Tico**.

Antes de discorrermos um pouco sobre esse periódico, retornemos ao ufanismo, cujo discurso já estava circulando nos livros para crianças e enfatizava muito a natureza como o maior bem que qualquer país poderia possuir. A natureza e o meio ambiente são as maiores riquezas que um país pode ter, mas questionamos que não adianta ter esses tesouros se não há um público que pudesse tomar conta deles. Por conseguinte, afirmamos que um país que tem suas riquezas respeitadas e bem cuidadas se torna um país próspero.

O Brasil, no período abarcado por esta investigação, encontrou a população com alto índice de analfabetismo, o que gerou uma preocupação muito grande por parte do Presidente Getúlio Vargas: precisavam de pessoas que iriam levar o Brasil a ser um país próspero por meio dos princípios defendidos pelo governo: ético, cívico e moral. A Literatura Infantil nos livros, ao explorar a natureza e o meio ambiente, já contemplava o discurso do governo, mesmo de forma inconsciente; contudo, eram livros, e a linguagem, muitas vezes, não era divertida.

Até aquele momento, o governo buscava uma alternativa para garantir que o Brasil fosse reconhecido como uma sociedade civilizada, próspera, moderna e progressista, desconstruindo, portanto, o mito de ser considerada uma Nação

atrasada, devido ao fato de a sociedade, em sua maioria, ser constituída pela mistura dos povos das etnias formadas pelo português, negro e índio. Esses povos eram considerados os “males”, “os degenerados”, “os imperfeitos” e os responsáveis por todo o atraso em que o Brasil se encontrava; por conseguinte, precisava-se de um outro público que ajudasse o país a se erguer. Então, o governo republicano decidiu que caberia à infância a responsabilidade de levar o Brasil à categoria de Nação civilizada, como se pode verificar a seguir:

São chegados os tempos de prepararmos na infância a cédula de uma mocidade melhor, a gênese de uma humanidade mais perfeita. Por isso, senhores, como recurso supremo eu me volto para a infância – os pequeninos de hoje que serão os grandes de amanhã; é nela que ponho as esperanças da grandeza do atual regime pela regeneração da pátria. Temos uma pátria a reconstruir, uma nação a firmar, um povo a fazer... e, para empreender essa tarefa, que elemento mais útil e moldável a trabalhar do que a infância?!... No momento atual da civilização humana vós convireis que é permitido ao Estado dilatar um pouco mais a sua força de expansão, no nosso país, sobretudo avassalado como vai pelas demasias desaforadas da licença. [Discurso do jurista Lopes Trovão no Senado, em 11 de setembro de 1896] (Hansen, 2007, p. 28).

A Literatura Infantil, por meio dos livros, já difundia o discurso de Vargas, os jornais também o faziam, o público já sabia que eram as crianças que estavam na fase escolar, pois, naquela época, a escolarização já era obrigatória, porém, a forma de como esse discurso iria ser propagado para os pequeninos ainda faltava ser decidido. Os debates começaram a surgir entre políticos, intelectuais, a fim de resolver como se daria esse processo de educação escolarizada, ou seja, qual seria a melhor forma de apresentar os conteúdos pedagógicos para as crianças em fase escolar.

A Imprensa do Rio de Janeiro possuía um maquinário moderno, portanto, o aumento das edições, ilustrações em suas páginas, estava em grande expansão e difundia todo o discurso civilizatório de Vargas. A revista **O Malho** é um exemplo. Criada em 1902, no Rio de Janeiro, teve como Diretor Artístico Crispim do Amaral e como Diretor Geral Luís Bartolomeu de Souza e Silva (Santos; Vergueiro, 2005).

Gonçalves (2011) esclarece que as revistas ilustradas apareciam como um grande atrativo ao público, cada vez mais ávido por novidades. Esses periódicos não funcionavam apenas como fonte de informação, mas também como difusores do estilo de vida burguês e moderno.



Vale enfatizar que, na imprensa, podia se encontrar o maior número de intelectuais comprometidos com a questão nacional e educacional. Escreviam discursos com intuito de ajudar o Brasil a superar seus problemas e criaram espaços para discutir os mesmos, tal como as ligas, e também se reuniam em lugares informais como os bares. Em uma dessas reuniões, estava Luís Bartolomeu de Souza e Silva, que era muito preocupado com a questão da escolarização (Gonçalves, 2019).

Parte dos intelectuais interessados na educação entendia que investir na educação de crianças e de jovens contribuiria para elevar o Brasil à categoria de Nação civilizada. Que saberes escolarizados cumpririam tal intento? A ética, a moral e civismo. Uma revista infantil participaria dessa intenção?

Assim, no dia 11 de outubro de 1905, foi criada a revista infantil **O Tico-Tico**, cujo objetivo era auxiliar a educação para difundir o ideário preconizado pelo idealizador do projeto gráfico da **Tico-Tico**, Angelo Agostini. Segundo o biógrafo de Angelo Agostini, um dos marcos visuais de sua luta foi a prática de um jornalismo ilustrado, no qual denunciou os graves problemas sociais do país (Santos; Vergueiro, 2005).

Outro Editor e Ilustrador da **Tico-Tico** foi José Carlos de Brito Cunha (1884-1950). Por meio de um de seus personagens, Lamparina, por exemplo, o leitor, a leitora tinha acesso a um ilustrador racista. J. Carlos traçava Lamparina com poucos traços, beijos enormes, olhos esbugalhados, assexuada. O retrato de uma época feia da História do Brasil, cujo público leitor era mínimo (Santos; Vergueiro, 2005).

Figura 1 – Personagem Lamparina



Fonte: Revista **O Tico-Tico**, n. 1216, 23 jan. 1929.

A revista publicava, de forma ilustrada, outras temáticas como o exemplo do “civismo”, que, já em 1906, ocupou as páginas da revista **O Tico-Tico** associado ao título de “A arte de formar brasileiros”, ou seja, como deveria ser a educação das crianças. A defesa da escola, o valor ao trabalho e o respeito à família também foram marcas constantes da revista na seção “Lições do Vovô”. Esses são indícios que demonstram as intenções de seu criador.

Tudo era produzido de forma que despertasse a vontade de a criança ler a revista, como as atividades de montar. Já os anúncios visavam aos pais, que eram consumidores, porquanto, os anúncios que a revista editava eram uma fonte de renda para as empresas, pois muitos pais das crianças, ao lerem os anúncios, compravam os produtos.

Nos anos que se seguiram, foi possível identificar a presença do discurso cívico nas páginas da revista **O Tico-Tico** quando o ganhador do primeiro concurso promovido pelo periódico afirmava querer servir a Pátria.

Esse “servir a Pátria” não era somente por meio do militarismo, mas também adotava posturas morais e cívicas por intermédio da língua materna e de disciplinas como Geografia e História. A Geografia se tornou um elemento importante, haja vista iria possibilitar à criança, através da revista, que ela conhecesse mais

profundamente as riquezas que existiam no Brasil. Desse modo, conhecendo o seu território, a fauna e a flora, as crianças, no futuro, tornariam o Brasil próspero e produtivo, sobretudo, por meio da indústria. Já a disciplina História iria ajudar os pequenos a conhecerem os estados e suas dificuldades e, posteriormente, eles podiam propor soluções para os problemas que aconteciam nas diversas regiões brasileiras.

Em se tratando da escola, como a revista em exame servia de apoio para ela, foram publicadas edições como datas comemorativas e catálogos sobre os assuntos das disciplinas História, Geografia e Ciências. Nas páginas das revistas, também era comum aparecer fotos de crianças, especificando a profissão de algum membro da família, todos pertencentes à elite.

A seção “Meu Jornal”, um encarte presente na revista em epígrafe, entre os anos de 1935 a 1940, no qual as crianças seriam as protagonistas, é o tema do próximo capítulo.

### 3 MATERIALIDADE DA REVISTA *O TICO-TICO*: A SEÇÃO “MEU JORNAL”

A revista **O Tico-Tico** é compreendida por um tripé intimamente complementar: i) o entendimento de que a revista em exame é parte de uma rede da qual ela é apenas um nó. Refiro-me ao **Malho**, à **Semaine de La Suzette**, por exemplo; ii) a revista, em sua materialidade, é variável, pois é composta por encartes (Almanach do Tico-Tico e Meu Jornal) e seções; iii) a revista **O Tico-Tico** é Literatura Infantil.

Partindo desse entendimento, neste capítulo, exponho o levantamento das publicações presentes na seção “Meu Jornal” a partir da seguinte questão: como dar visibilidade ao imenso formigamento de vestígios verbais, que, supostamente, as crianças e os jovens deixaram publicados na seção “Meu Jornal”, e que “falam” tantas linguagens e determinações históricas diferentes? Não se trata de flagrar o discurso em busca do não dito, mas espreitá-lo no momento de sua irrupção, ou seja, tratá-lo no jogo de sua instância<sup>9</sup>.

Os editores da revista **O Tico-Tico** estabeleciam o formato das seções, decidindo e definindo os signos<sup>10</sup> que estariam presentes no cabeçalho, no rodapé da seção “Meu Jornal”, bem como a localização dessa seção na revista e o que seria aceito para publicação naquele espaço.

Como pondera Foucault (2009), discursos dão lugar a certos tipos de enunciação que os editores escolheram, repetiram ou, simplesmente, recompuseram esses mesmos signos, como sendo aqueles “ideais” para cada força atuante em um dado momento histórico ou atendiam aos ditames de organização que a própria revista exigia. Em outras palavras, a organização da revista **O Tico-Tico** pode ter sido parte de uma estratégia editorial em que incluiu uma seção, exclusivamente, para receber e publicar as criações de crianças e jovens e que não teve uma localização fixa no interior da própria revista, como será demonstrado nas próximas subseções.

---

<sup>9</sup> A referência é Michel Foucault (2009).

<sup>10</sup> O termo geral que usamos para palavras, sons ou imagens que carregam sentido é *signo* (Hall, 2013, p. 37). A revista **Tico-Tico** é repleta de imagens e palavras carregadas de sentido. Dessa forma, para a análise das publicações da seção “Meu Jornal”, entendemos que o conceito de *signo* é potente.

### 3.1 A SEÇÃO DA REVISTA **TICO-TICO**: “MEU JORNAL”

A seção “Meu Jornal” iniciou na revista **O Tico-Tico**, no dia 25 de março de 1935, e a última edição é de 1940. Se, por um lado, a regularidade do número de edições de publicação da **Tico-Tico** foi mantida no período em exame, por outro, é possível afirmar que não houve regularidade de publicação do encarte “Meu Jornal” nessa revista, especialmente para os anos de 1939 e 1940, conforme demonstrado no Quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Publicação do encarte “Meu Jornal” (1935-1940)

3

<b>ANO</b>	<b>EDIÇÕES DA REVISTA TICO-TICO</b>	<b>ENCARTE “MEU JORNAL”</b>	
1935	39	38	Ausente em uma edição
1936	36	36	Presente em todas as edições
1937	52	36	Presente em todas as edições
1938	52	50	Ausente em duas edições
1939	52	23	Ausente em 29 edições
1940	52	25	Ausente em 27 edições
<b>Total</b>	<b>283</b>	<b>208</b>	

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A partir dos dados apresentados no Quadro 2, questiona-se: por que, nos anos de 1939 e 1940, o encarte “Meu Jornal” teve sua publicação drasticamente variada em relação aos anos anteriores? Essa quase ausência desse encarte teria relação com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) de cunho repressivo em 1939? A historiografia especializada informa que Vargas era um ditador e governava de acordo com a sua vontade, não ouvia conselhos de outros políticos e, para inibir qualquer ato que ele achava uma ameaça a seu poder, instalou a sua própria polícia em 1933: a Delegacia Especial de Segurança Política e Social (DESP).

Trata-se de um órgão extremamente repressivo, atuava em assuntos políticos, recebia denúncias e, quando as apurava, prendia os suspeitos sem averiguar se a atividade deles era considerada um ato tipificado como criminoso ou não (Schwarcz; Starling, 2015).

Neste estudo, não se pode esquecer de que Vargas instituiu muitos sistemas de cunho repressivo antes de 1937, entre eles, podem ser citados: a Lei de Segurança Nacional em 1935, que prescrevia, em seus artigos, os crimes que seriam de ordem sociopolítica; o Tribunal de Segurança Nacional em 1936, cuja função era julgar e enviar para o presídio as pessoas que cometiam atos políticos (Schwarcz; Starling, 2015).

O Estado Novo era totalmente controlado por um único líder, Getúlio Vargas, e impedia qualquer atividade que, porventura, pudesse ser desenvolvida pela oposição. Defendia uma política de colaboração entre empregador e seus funcionários, desde que essa colaboração tivesse a presença do Estado envolvida (Schwarcz; Starling, 2015).

O Estado Novo era um governo centrado na figura de Vargas, que difundia, por meio dele, suas aspirações políticas e coibia tudo que fosse contra a sua autoridade. Mas, para isso, criou um outro órgão, também de cunho repressivo em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda. Esse órgão atuou em todas as áreas ligadas à cultura. Schwarcz e Starling (2015) afirmam que esse Departamento censurou formas de manifestação artística e cultural; instrumentalizou compositores, jornalistas, escritores e artistas

O DIP, observando a grande influência que o rádio tinha, em 1938, utilizou esse meio de comunicação para difundir a imagem de Vargas no programa “Hora do Brasil”. Em 1942, o DIP ampliou a mensagem do discurso político de Vargas e tratou de colocar algum pensamento do governo em programas humorísticos e musicais como, por exemplo, nos tão famosos programas de auditório (Schwarcz; Starling, 2015).

Podemos observar que, em todos os veículos culturais, havia orientações de Vargas, existia algum elemento que ele controlava e que servia de apoio a seu regime, e o Ministério da Educação e da Saúde, sob a direção de Gustavo Capanema, não foi exceção. Sua função era difundir a importância e o “olhar carinhoso” que Vargas tinha pela cultura (Schwarcz; Starling, 2015).

A cultura era formada por um público bastante diversificado como escritores, jornalistas, poetas, e Vargas a entendia como um assunto que precisava ter os “olhos” e a vigilância do Estado sobre ela, mas, para que isso acontecesse, o Presidente precisava se relacionar com o público em epígrafe e “agradá-lo”. Isso se concretizou quando foram criados cargos para esses intelectuais no Departamento de Imprensa e Propaganda e no Ministério da Educação e Saúde. A criação desses cargos aproximou os intelectuais do governo. O estudo das minúcias da seção “Meu Jornal”, como o Cabeçalho desse encarte, será focalizado a seguir.

### 3.2 O CABEÇALHO

A primeira edição da seção “Meu Jornal”, ou seja, a de número 1538 do ano de 1935, possuía as seguintes características: o nome da seção “MeuJornal” aparece centralizado, em negrito e com as letras em formato de caixa alta. Do lado esquerdo, aparece o ano em que a seção foi publicada e, logo abaixo dela, está escrita a frase dentro de um quadrado “órgão dos leitores d’ ‘O TICO-TICO””, em que o nome da revista aparece totalmente em letra maiúscula. Do lado direito, está o número da publicação e, logo abaixo dele, também dentro de um quadrado, a frase “A criança diz no jornal o que quer”. Abaixo da palavra “Meu Jornal”, ainda compondo o cabeçalho, aparece o nome do Diretor em letra maiúscula, bem como o seu nome fictício, que, no caso, seria Chiquinho, junto com o nome dos colaboradores também em letra maiúscula, mas quem seriam? “todos que quisessem”.

Figura 2 – O primeiro cabeçalho da seção “Meu Jornal”



Fonte: Revista **O Tico-Tico** edição 1538, p. 14, 1935.

Essa estrutura, inclusive sem a página numerada, permaneceu por todas as edições da seção “Meu Jornal” até o ano de 1938.

A alteração do cabeçalho ocorreu em 1939, com a edição 1739, tendo a sua página numerada, com o dia, mês e o ano fazendo parte dessa estrutura, mas, nos anos anteriores, esses últimos não estavam contidos na seção narrada. Aqui, o ano e

o número que estavam na parte superior dos lados esquerdo e direito, respectivamente, ficam na parte inferior dos respectivos lados e, no meio deles, estão as frases: “órgão dos leitores d’ ‘O Tico-Tico’” e “A criança diz no jornal o que quer”. Aparecem no cabeçalho, pela primeira vez, duas imagens: do lado esquerdo, uma figura do sexo feminino escrevendo e uma criança observando-a escrever; já do lado direito, há duas crianças lendo, uma, sentada, segurando o objeto de sua leitura e a outra atrás, de pé, também lendo.

Figura 3 – O segundo cabeçalho da seção “Meu Jornal”



Fonte: Revista **O Tico-Tico**, edição 1739, p. 18, 1939.

No segundo cabeçalho da seção “Meu Jornal” (Figura 3), há textos e duas imagens. A imagem da esquerda retrata duas figuras humanas: uma adulta e uma criança, ambas as figuras são do sexo feminino. A imagem, do lado direito, mostra duas figuras humanas do sexo masculino, sendo uma delas o adulto. É importante ressaltar que não podemos afirmar que a figura do sexo feminino se trata de uma professora ou a mãe da criança, tampouco podemos afirmar que ela está escrevendo pela criança. A criança pode, simplesmente, estar observando em sua curiosidade o adulto escrever algo. A figura não mostra a criança escrevendo sendo auxiliada pelo adulto. A imagem da direita parece ser uma cena de leitura. Esses elementos gráficos (*layout*) permanecem até a edição 1756 do ano de 1939, visto que as edições posteriores, que são as 1757 e 1758, não tiveram a seção “Meu Jornal”.

Com a edição 1759 do ano de 1939, o cabeçalho é alterado novamente, deixando de conter a página numerada, dia, mês e ano, bem como o nome dos colaboradores e as frases: “A criança diz no jornal o que quer e “órgão dos leitores do O Tico-Tico”. O destaque é que a palavra “CHIQUINHO” aparece totalmente em maiúscula, o que, nas edições anteriores, isso não aconteceu e também apresentou as imagens que faziam parte do cabeçalho, sendo que as figuras são impressas coloridas, como se pode observar na Figura 4, a seguir:



Figura 4 – O terceiro cabeçalho da seção “Meu Jornal”



Fonte: Revista **O Tico-Tico**, edição 1759, p. 21, 1939.

A próxima edição a sofrer alteração no cabeçalho foi a 1762 do ano 1939. Ela teve as imagens novamente da cor preta, porém o nome do ano, número e diretor coloridos.

Na seção seguinte, ou seja, a 1764, ainda no ano de 1939, pois não teve a seção “Meu Jornal” na edição 1763, o cabeçalho é alterado mais uma vez e passa a ter o ano, o número, o diretor e seu nome fictício, da cor preta; todavia, apresenta uma frase do discurso do Marechal Floriano Peixoto. Na edição 1767 do ano 1939, o cabeçalho volta a ser alterado, já que, na edição 1766, não houve a seção “Meu Jornal”. A alteração foi que se retirou a frase do Marechal Floriano Peixoto. Esse formato de cabeçalho permaneceu até a edição 1779 do ano 1939. A nova alteração ocorreu com a edição 1781 do ano citado, em que as imagens, a palavra diretor, bem como o nome de quem exerce essa função, aparecem coloridos.

Com a edição 1784, já que não houve a seção “Meu Jornal” nas edições de 1782 e 1783, o cabeçalho sofre outra alteração: a escrita volta a ter a cor preta, permanecendo essa característica até a edição 1792 do ano 1940.

A nova alteração do cabeçalho ocorreu na edição 1795, visto que, nas edições 1793 e 1794, não houve a seção “Meu Jornal”. Pela primeira vez, o nome “Meu Jornal” aparece colorido. A próxima alteração no cabeçalho acontece na edição 1798, pois não existiu a seção “Meu Jornal” nas edições 1796 e 1797. Nessa edição, as imagens aparecem coloridas.

Observa-se que o cabeçalho manteve um padrão gráfico entre os anos de 1935 a 1938. A partir de 1939, o padrão gráfico do cabeçalho sofreu variações, inclusive, oscilando entre partes pretas e brancas e imagens coloridas. A última edição da seção “Meu Jornal” foi a 1809, no dia 5 de junho de 1940. Aliás, é importante destacar que a revista **O Tico-Tico** alterna páginas impressas coloridas e outras não coloridas.

A técnica de impressão colorida sobre papel comercializável se faz presente em parte dos cabeçalhos desse periódico, sinalizando que os editores da revista em tela tinham plena intenção de atrair a atenção dos leitores. Como sabemos, a impressão colorida não é uma novidade do início do século XX, pois, segundo os estudos de Liman (2017)<sup>11</sup>, já se observava que os editores de Literatura Infantil e de jogos de tabuleiro já publicavam versões impressas coloridas desses produtos. Dessa forma, esse material tornava-se mais atraente para as camadas médias da população.

Enfatiza-se que uma segunda variação percebida no encarte “Meu Jornal” era a sua localização no interior da revista **O Tico-Tico**. Iluminando essa variação das páginas, após ter sido demonstrado que o projeto gráfico do Cabeçalho da seção “Meu Jornal” foi descontínuo; por isso, é relevante empreender uma pesquisa sobre a localização da seção “Meu Jornal” na paginação da revista **O Tico-Tico**.

Nota-se que é raríssimo ela vir numerada, com exceção das edições 1737 e 1774, ambas do ano de 1939. Como foi detectado esse problema, para identificar em qual página estava localizada a seção em epígrafe, foi necessário contar as páginas uma a uma de cada edição e verificar, também, a página anterior e posterior, a fim de confirmar se, realmente, a seção “Meu Jornal” estava localizada naquela numeração.

No ano de 1935, essa seção teve 39 edições e todas elas estão localizadas na página 11, sendo que o mesmo ocorreu para o ano de 1936, com um total de 36 exemplares do encarte “Meu Jornal”. Em 1937, com um total de 52 edições, houve variações na localização dessa seção entre a página 11 e a página 21. Em 1938, as 50 edições do “Meu Jornal” são localizáveis entre as páginas 13, 18, 19, 21, 22 e 27. No ano de 1939, somente 23 edições do “Meu Jornal” foram publicadas e estão nas páginas 6, 11, 13, 15, 18, 19, 21, 27 e 28. Finalizando, em 1940, apenas 7 edições foram publicadas nas páginas 7, 12, 22, 23 e 28. Portanto, a seção “Meu Jornal”, durante o período em que circulou na revista **O Tico-Tico**, edições e sempre com variações na localização do encarte “Meu Jornal” no interior da revista.

---

<sup>11</sup> LIMAN, Ellen. **Georgian and Victorian Board Games**: The Liman Collection. New York: Pointed Leaf Press, 2017. Para aprofundamento dos estudos da cor, consultar o seguinte *site*: <http://bndigital.bn.gov.br/dossies/ao-encontro-da-cor-os-primeiros-impressos-coloridos-brasileiros-de-carater-ludico-1880-1945/referencias/>. Acesso em: 29 nov. 2022.

### 3.3 O RODAPÉ DA SEÇÃO “MEU JORNAL”

O rodapé também fez parte da seção “Meu Jornal”. O projeto gráfico apresenta singularidades. Às vezes, o texto ocupava todo o espaço da página, já em outras situações, era separado do texto por uma linha e contendo frases como, por exemplo, “Ama tua Pátria”; “Sê justo”; “Nunca te envaideças do teu saber”; “Caráter e Honra”; “Respeita os mais velhos”, entre outras. E também frases como “Não deixem de concorrer ao grande concurso patriótico que o Tico-Tico está publicando”, presente na edição 1597, página 11, de 1936; “Vovô do Tico-Tico - um tesouro para as crianças. À venda. Preço \$ 5000”, encontrada na edição 1609 também de 1936, página 11; “O formidável sucesso do Natal será o Almanaque do Tico-Tico para 1938 - à venda”, essa última frase está presente na edição 1680 de 1937, página 21, ou seja, quando o rodapé continha frases, ela era separada do corpo do texto por uma linha.

O rodapé também era preenchido com desenhos, tal como o da edição 1616 de 1936, página 11, como se pode observar na Figura 5, a seguir:

Figura 5 – Rodapé composto por desenhos



Fonte: Revista **O Tico-Tico**, edição 1616, p. 11, 1936.

As frases que aparecem na seção “Meu Jornal” ou eram duas em cada canto inferior ou uma só. Quando apareciam nos dois cantos, as frases eram da cor preta e totalmente em letras maiúsculas. Quando o rodapé era composto por uma só frase, ele obedecia ao seguinte projeto gráfico (estruturação):

- a) Aparece ocupando de um canto a outro, e a frase era totalmente em letra maiúscula e da cor preta. Como exemplos, temos as edições 1607, 1621 e 1625 do ano 1937;

- b) Aparece ocupando de um canto a outro, tendo apenas as três primeiras palavras da frase escritas em letras maiúsculas e da cor preta. Como exemplo, temos a edição 1609 do ano 1937;
- c) Aparece uma só frase centralizada, totalmente em letra maiúscula na cor preta. Como exemplo, temos as edições 1623, 1624 e 1627 do ano 1936 e 1631 do ano 1937;
- d) Aparece uma só frase centralizada, totalmente em letra maiúscula na cor vermelha. Como exemplo, temos a edição 1680 do ano 1937;
- e) Aparece uma só frase totalmente em letra maiúscula na cor vermelha. Como exemplo, temos as edições 1655, 1656 e 1676 do ano 1937;
- f) Aparece uma só frase na qual as palavras que estavam no meio eram totalmente em letras maiúsculas e estavam na cor preta. Como exemplo, pode ser citada a edição 1632, do ano 1937.

No rodapé do ano de 1936, apenas as edições 1597, 1607, 1609, 1621, 1623, 1624, 1625, 1627, 1628, 1629 e 1630 possuem frases nela, no total, apenas 11 edições das 36 que compunham o ano citado possuem frases no rodapé, as que não possuem, no lugar do rodapé, aparecem fotografias de crianças, textos, anúncios e desenhos após o término da história infantil.

O ano de 1937, com suas 52 edições da seção “Meu Jornal”, em se tratando do rodapé presente nas mesmas, apenas as edições 1631, 1632, 1633, 1634, 1635, 1636, 1642, 1644, 1647, 1650, 1654, 1655, 1656, 1658, 1661, 1668, 1676 e 1680, no total de 18 edições, contêm o rodapé com frases, sendo que este se caracterizava com uma linha separando-o do corpo do texto.

As outras edições, perfazendo um total de 32, não continham o rodapé, mas apresentavam textos, anúncios e desenhos, sendo que os textos faziam parte das histórias, e os desenhos ficavam após a finalização delas. Vale lembrar que nem todas as histórias continham desenhos fazendo parte delas.

Em 1938, nenhuma edição da seção “Meu Jornal” teve o rodapé com frases e, sim, com textos/desenhos que faziam parte do desenho, desenhos que eram apenas feitos vinculados à criança. No ano de 1939, apenas a edição 1781 apresentou o rodapé com frases, nas outras seções predominaram textos, histórias quadrinizadas, fotografias de crianças e desenhos que foram produzidos e vinculados a crianças. Em 1940, não foi apresentado o rodapé com frases e sim com anúncios, desenhos ou com textos.

Como saber que regras presidiam a supressão ou a presença desses registros nos rodapés da revista **O Tico-Tico**? Poderíamos estabelecer essas regras? O que inferimos é que esses rodapés formavam um campo discursivo composto por signos retalhados no qual os objetos do discurso, às vezes, aproximavam o leitor ora do civismo, ora de mensagens de natureza moral.

### 3.4 OUTROS ELEMENTOS QUE COMPUNHAM A SEÇÃO “MEU JORNAL”

Frases curtas, uma palavra, desenhos, esses são signos que constituem o cabeçalho, o rodapé, os textos atribuídos a crianças e jovens que estão, em grande maioria, publicados na parte central do “Meu Jornal”. Por conseguinte, esses elementos são parte de “[...] uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral” (Foucault, 2009, p. 30).

Nesse sentido, esse item é dedicado ao trabalho descritivo dos acontecimentos discursivos que têm por objetivo ser preparatório para que a busca dos jogos das relações possíveis entre os enunciados das publicações das crianças e jovens seja possível. Em outras palavras, estabelecer relações entre vários enunciados, mas que podem estar ligados, e, dessa forma, perseguir a possibilidade de trazer para a superfície o que há de singular nesse formigamento de vestígios eternizados na escrita e nos desenhos infantojuvenis. Entretanto, uma questão emerge, imediatamente, na proposição de estabelecer os jogos de relações entre os enunciados. Como, no universo de 582 enunciados (publicações), estabelecer todos os jogos de relações possíveis? Seria necessário um recorte? Como circunscrever esse recorte?

Assim, entre os desenhos que ilustravam as histórias atribuídas às crianças, muitos não representavam o que a história estava narrando. Um exemplo é a edição 1572, do ano 1935, a qual apresenta a história intitulada “Um túnel formidável”, sendo que o desenho que representava essa narrativa era a de uma mulher tocando uma harpa. Outro exemplo que pode ser citado na presente pesquisa é a história “Teimosia”, presente na edição 1575, também do ano 1935, que era representada por um galináceo. Um terceiro exemplo é o da edição 1632, do ano 1937, com a história “Castigo”, representada por um gato. Sabemos que imagens e palavras, quando se juntam, carregam sentido e, dessa forma, é preciso serem interpretadas. Estaríamos lendo esses signos de maneira diferente dos objetivos propostos por seus criadores?

Tal inquietação nos aproxima de Hall (2016) quando afirma que:

À medida que a relação entre o signo e o seu referente se torna menos clara, o sentido começa a deslizar e a escapar de nós, caminhando para a incerteza. O sentido já não está passando de uma pessoa à outra (Hall, 2016, p. 39).

É relevante esclarecer que os desenhos os quais faziam parte das histórias, às vezes, estavam antes do título, depois do título, no meio da história ou depois do nome do autor. Com relação ao tamanho, os desenhos contidos na seção “Meu Jornal” não tinham um tamanho específico.

Já as histórias quadrinizadas nessa seção da revista **O Tico-Tico** surgiram pela primeira vez em 1939 e foi na edição 1741. Apesar de terem título, algumas apresentavam apenas o nome do autor como nas edições 1767 e 1774 do ano 1939; já outras apresentam somente o nome do desenhista, tal como a edição 1753, do ano 1939, sendo que, às vezes, ambos, tal como na edição 1790, do ano 1940. Mas nenhuma das histórias quadrinizadas continha a idade de quem as produziu; portanto, não podemos afirmar que, na seção “Meu Jornal”, as histórias quadrinizadas eram vinculadas às crianças.

O tema das histórias quadrinizadas eram diversos, por exemplo, a história apresentada na edição 1741, do ano 1939, tem como título “Uma Pescaria” e era sobre uma pessoa que ia pescar e pescou uma bota. Já a história quadrinizada da edição 1774, do ano 1939, tem como título “O azar do Romão”. Este era um gato, que, ao puxar a toalha da mesa com suas patas, acabou derrubando e quebrando um objeto que estava em cima dela.

Vale lembrar que outro elemento observado na seção “Meu Jornal” foram os anúncios. Sua composição não era fixa, às vezes, aparece na parte inferior antes do rodapé; já em outras edições, é apresentada em duas colunas no canto inferior e nos lados direito e esquerdo, em forma de uma coluna no lado direito, entre outros.

Os temas dos anúncios eram variados, alguns narravam quanto custava a assinatura anual da revista **O Tico-Tico**, quais eram os melhores livros de contos infantis, entre outros. Em alguns anúncios, os desenhos faziam parte deles.

Não havia, nas edições, uma quantidade mínima de anúncios. Por exemplo, a edição 1560, do ano 1935, contém 11 anúncios; já a edição 1544, do mesmo ano, apresenta apenas 8 anúncios. Apesar de se ter uma página exclusiva de anúncios na revista **O Tico-Tico**, eles também estavam presentes na seção “Meu Jornal”. Às

vezes, os anúncios vinham identificados com a palavra “Anúncio”; já outras vezes, eles estavam soltos no texto, então, para identificá-los, foi necessário ler todos os textos da seção “Meu Jornal”.

Todas as edições do ano de 1935 da seção “Meu Jornal” apresentam anúncios, com exceção da edição 1564 desse ano, que não apresentou essa seção. Assim, dos 36 exemplares de 1936, apenas as edições 1600, 1604, 1605, 1613, 1616, 1618 e 1622 possuem anúncios. Das 52 edições do ano 1937, apenas as edições 1640, 1646 e 1664 contêm anúncios. Das 50 edições do ano 1938 da seção “Meu Jornal”, nenhuma apresenta anúncios, bem como as 23 edições do ano 1939, que também não apresentam anúncios. Já no ano de 1940, das 7 edições da seção “Meu Jornal”, apenas a edição 1809 apresenta anúncio. No total, de 1935 a 1940, essa seção do periódico apresenta apenas 11 anúncios.

### 3.5 OS TEXTOS PUBLICADOS NA SEÇÃO “MEU JORNAL”

Antes de 1939, os textos publicados na seção “Meu Jornal”, com relação à quantidade de linhas a serem escritas, não obedeciam a um padrão e havia textos que ocupavam quase a página inteira. Na edição 1737, do ano 1939, ocorreu uma delimitação do número de linhas que deveriam ter os textos: no máximo 32 linhas.

Outra recomendação surge em 1939, com a edição 1750, página 19, na seção “Meu Jornal”, e, dessa vez, amplia-se a quantidade de linhas de 32 para 40 linhas. Outra novidade é que também os autores deveriam informar a idade, como deveriam ser escritos os textos, no caso com tinta Nankim, e ocuparem apenas o espaço de uma “banda” do papel.

Outra novidade: anterior ao ano de 1939, os textos eram enviados, diretamente, para a seção “Meu Jornal”, a partir daquele ano, no dia 10 de maio na edição 1753, a página 29 exibia a seção intitulada “Correspondência do ‘Dr. Sabe Tudo’”. Esse “personagem” passou a ser o responsável por selecionar os textos e os desenhos, que, se aprovados, posteriormente, seriam publicados. As regras permaneceram as mesmas: 40 linhas no máximo, escritos com tinta Nankin, texto identificado com nome e idade.

Os textos publicados na seção “Meu Jornal” não eram colocados por ordem alfabética e, às vezes, o nome do autor começado pela consoante D vinha antes do que era começado pela vogal A ou pelas consoantes B e C, entre outros. Em relação

às idades, há indícios de que não havia preocupação dos editores com uma cronologia linear para as publicações das crianças. Observa-se uma variedade de faixas etárias em cada número da seção “Meu Jornal”, inclusive textos sem a informação da idade do suposto autor.

### 3.6 OS COLABORADORES DA SEÇÃO “MEU JORNAL”: TEMAS E FAIXAS ETÁRIAS

Como informado anteriormente, não apenas as faixas etárias dos colaboradores variavam, mas também o número de publicações atribuídas a cada um deles, como pode ser conferido no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Idade e total de textos publicados na seção Meu Jornal – 1935-1940

<b>IDADE</b>	<b>TEXTOS PUBLICADOS – SUBTOTAL</b>	<b>TOTAL DE PUBLICAÇÕES</b>
<b>ANO DE 1935</b>		
Abaixo de 7 anos	0	<b>69</b>
7 anos	3	
8 anos	4	
9 anos	5	
10 anos	10	
11 anos	13	
12 anos	24	
13 anos	8	
14 anos	2	
Acima de 14 anos	0	
<b>ANO DE 1936</b>		
Abaixo de 7 anos	0	<b>139</b>
7 anos	5	
8 anos	4	
9 anos	13	
10 anos	28	
11 anos	18	
12 anos	28	
13 anos	21	
14 anos	17	
15 anos	5	
Acima de 15 anos	0	
<b>ANO DE 1937</b>		
Abaixo de 6 anos	0	
6 anos	2	
7 anos	7	



8 anos	11	
9 anos	6	
10 anos	21	
11 anos	25	
12 anos	28	
13 anos	21	
14 anos	9	
15 anos	6	
16 anos	1	
17 anos	1	
<b>ANO DE 1938</b>		
Abaixo de 8 anos	0	
8 anos	3	
9 anos	6	
10 anos	8	
11 anos	9	
12 anos	12	
13 anos	11	
14 anos	1	
15 anos	2	
Acima de 15 anos	0	
<b>ANO DE 1939</b>		
Abaixo de 8 anos	0	
8 anos	2	
9 anos	6	
10 anos	10	
11 anos	10	
12 anos	11	
13 anos	14	
14 anos	11	
15 anos	5	
Acima de 15 anos	0	
<b>ANO DE 1940</b>		
Abaixo de 7 anos	0	
7 anos	1	
8 anos	3	
9 anos	1	
10 anos	4	
11 anos	1	
12 anos	1	
13 anos	5	
14 anos	2	
15 anos	2	
Acima de 15 anos	0	
<b>TOTAL</b>		<b>487</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A seção “Meu Jornal”, de 1935 a 1940, teve um total de 487 textos publicados, cuja distribuição por faixa etária está informada no Quadro 3.

Durante a realização do mapeamento, observou-se que não houve publicações de crianças com textos abaixo de 6 anos tampouco acima de 17 anos na seção “Meu Jornal”. Os autores que mais escreveram textos para a seção “Meu Jornal”, conforme demonstrado, tinham 12 anos, com 104 publicações, seguida de 10 anos, com 81 textos, e a última foi de 11 anos, com 76 publicações.

Em se tratando da quantidade de textos publicados, observamos que os anos de 1936 e 1937 tiveram uma incidência maior de textos com 139 e 138, respectivamente, sendo que essa quantidade caiu, vertiginosamente, em 1938, chegando a apenas 51 publicações. Em 1939, ocorre um pequeno aumento de volume de publicações dos textos que totalizam 69 e, em 1940, mais uma vez, cai, drasticamente, com 20 publicações até a extinção da seção “Meu Jornal”, ocorrida em 1940.

Com a finalidade de deixar mais claro o perfil dos supostamente autores dos textos para essa seção da revista, decidimos caracterizar os escritores por sexo (Quadro 4).

Quadro 4 – Textos publicados na seção “Meu Jornal” de acordo com o sexo (1935-1940)

<b>MENINAS</b>	<b>MENINOS</b>
217 meninas	264 meninos
Total geral	481

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Conforme o Quadro 4, notamos que a maioria dos textos publicados são atribuídos às crianças e jovens do sexo masculino, ou seja, 264 textos; já os escritores do sexo feminino publicaram, no mesmo período, 217 textos.

Sobre o que escreviam? Quais as principais temáticas marcaram presença nas mais de 400 publicações identificadas na seção “Meu Jornal”? O que o levantamento feito demonstrou que foram aprovados para publicações, com temas os mais variados possíveis, inclusive receitas culinárias (Quadro 5).

Quadro 5 – Temáticas das publicações no encarte “Meu Jornal” (1935-1940)

<b>TEMÁTICAS</b>
Civismo
Descritivo com rima
Descritivo
Educação
Entretenimento
Ético
Expositivo
Informativo
Injutivo
Moralidade
Narrativo
Narrativo com trechos de música de ninar
Narrativo com trechos de receita culinária
Narrativo em forma de contos de fada
Narrativo em forma de fábula
Narrativo em forma de lenda
Narrativo em forma de poema rimado
Narrativo em forma de provérbio
Narrativo humorístico

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A revista **O Tico-Tico**, enquanto lugar de divulgar ideias, ações e projetos, ou seja, enquanto agência de cultura e, dessa forma, também objeto cultural, teve as práticas de escrita das crianças divulgadas na seção “Meu Jornal”. Observamos que, embora houvesse regras para que os textos fossem publicados, essas eram apenas de forma e não de conteúdo. Nesse sentido, estaríamos presenciando a liberdade

de expressão da criança diante da suposta não intervenção do adulto em seu momento criativo?

Tratando-se, especificamente, da educação pela arte, Ozinsky (2019) salienta que esse:

[...] é um movimento que vem desde o final do século XIX e que se intensificou ao longo da primeira metade do século XX, reunindo intelectuais interessados na defesa da liberdade de expressão da criança e no papel da arte no desenvolvimento infantil. A teria, de acordo com esse prisma, a função de contribuir para preservar a visão de mundo intuitiva da criança, favorecendo, por outro lado, seu desenvolvimento intelectual, emocional e afetivo (Osinski, 2019, p. 91).

Se consideramos a produção escrita das crianças como uma arte, então, torna-se necessário compreender os temas que foram escritos, bem como o gênero textual a que pertencem de acordo com a idade, como forma de entender quais foram os que mais se destacaram em relação às práticas de escrita vinculadas ao público infantil na seção citada. A análise desse robusto *corpus* documental apresentado no Quadro 5 fornece elementos para pensarmos que os objetivos de formar a criança por meio de preceitos éticos, cívicos e morais, como a intenção de seu editor, ao qual já fizemos referência anteriormente, fizeram-se presentes nas referidas práticas de escritas das crianças? Desenvolver essa reflexão é o objetivo do próximo capítulo.

#### 4 OS COLABORADORES DA SEÇÃO “MEU JORNAL”: PRESENÇA DA EDUCAÇÃO E DO CIVISMO (1935-1940)

Como discutido no capítulo 2, o processo de organização do Estado, especialmente, a partir de 1930, estabelece um movimento no campo da educação e da educação das crianças em termos de comportamentos e normas voltados para a produção da identidade nacional brasileira. Textos atribuídos às crianças, contendo tais objetivos, foram publicados na seção “Meu Jornal”, encartado na revista **O Tico-Tico**.

Buscamos arcabouço teórico em Darnton (1986), Foucault (2009), Lopes (2018) e Valdemir Miotello, entrevistado por Araújo e Dias (2019), cujos estudos contribuem para o desenvolvimento do presente capítulo.

Darnton (1986) está inserido na proposta da História Cultural, especialmente aquela na qual a escrita historiográfica é parte dos *exercícios interpretativos* em relação ao objeto.

Foucault (2009) mostra que uma certa temática pode ser capaz de ligar, de animar um conjunto de discursos. As temáticas e o gênero literário dos 487 textos publicados na seção em exame foram levantados no capítulo precedente<sup>12</sup>. Como selecionar, definir um sistema limitado de presenças de temáticas e de gêneros literários presentes no levantamento realizado e já descrito anteriormente?

Os autores Lopes (2018) e Valdemir Miotello, entrevistado por Araújo e Dias (2019), em seus estudos, apresentam o conceito de *encontro narrado* e o verbo “cotejar” e nos inspira para trazermos para esta pesquisa a longa citação a seguir: A edição do “Meu Jornal” de número 1672, do ano 1937, traz no quadrinho do centro da página o nome de parte de seus colaboradores. Naquele quadrinho, lê-se o seguinte:

O Tico-Tico e seus colaboradores  
A querida revistinha infantil – ‘O TICO-TICO’, com seus colaboradores, dá ideia de um céu, de um firmamento estrelado, pois seus colaboradores representam, em suas páginas, uns verdadeiros astros. Os astros de primeira grandeza são: Jupiter – Eustorgio Wanderley; Venus – Diva Paulo; Mercúrio – Ernani Fornari; Netuno – Carlos Manhães; Saturno – João Guimarães; Plutão – Galvão de Queiroz; Sol – João de Camargo; e, por fim, Marte – Henrique Gonzales.  
De segunda grandeza, figura a Via Láctea – que Agenôra de Carvalho;

<sup>12</sup> No Apêndice A, consta o levantamento das publicações na seção “Meu Jornal”, no período de circulação compreendido entre 1935 e 1940. As informações são as seguintes: título, temática, gênero textual, idade e sexo dos autores.

Hercules - A. Leita Teixeira; O Cruzeiro do Sul – Nelson R. Coutinho; e algumas nebulosas – Gina Araújo, Aristeu Leite; Oscar da Purificação, José e Wanda Foutenelle, Celso Tavares, Nideo Wanda, Iracema Palhas e muitas outras futuras esperanças literárias da nova geração brasileira. Notamos também alguns astros opacos, sem luz própria – estes são alguns plagiadores.

O caminho de Diva Paulo é seguro e promissor: sentimos em suas modestas crônicas o fulgor de uma futura escritora.

Meus amigos, se vocês continuarem pela predileção pela literatura, Brevemente não só serão colaboradores desta revista, mas também grandes astros no cenário literário de nossa querida terra.

Avante, pois, continuemos com essa brilhante ideia. Caminhemos sempre com os olhos fitos no mundo dos livros.

Antes de tudo, digo que a literatura é uma ingrata carreira, mas vocês, meus amigos, com coragem e força de vontade, vencerão todos os obstáculos e repousarão felizes na eternidade, deixando os seus nomes, vivos e imortais, plantados no coração da humanidade. Paulo Dantas (Revista **Tico-Tico**, edição 1672, p. 21, 1937)<sup>13</sup>.

O excerto supracitado é um convite para interrogarmos sobre as formas discursivas escolhidas por Paulo Dantas para apresentar ao leitor e à leitora do “Meu Jornal” os colaboradores daquela seção. O autor do texto publicado em 1937, na edição de 1672, p. 21, imprimiu na folha de papel a marca da diferença entre os colaboradores e as colaboradoras, ou seja, fez isso por meio de comparações com planetas pela ordem de grandeza. Essas formas discursivas relacionam-se com os diferentes modos de viver e perceber seus viventes neste planeta? O fato é que Paulo Dantas deixou impressas suas marcas. Que marcas são perceptíveis nos textos publicados na seção “Meu Jornal” por crianças e jovens? Como cotejá-las? Ou como relacioná-las? Estas são algumas das questões que pretendemos desenvolver no presente capítulo.

Compreendemos, de acordo com os estudos de Veiga (2007), que processo de escolarização não se resume à ação do Estado, à medida que houve e há a participação das famílias, e parcelas da população, seja por meio de criação de escolas, ou apoio aos professores particulares, seja pela demanda encaminhada aos Poderes Públicos, contendo queixas e reclamações das condições materiais das escolas, ou sobre os professores e seu trabalho docente (Veiga, 2007).

Partindo do entendimento de Veiga (2007), testamos a hipótese de a revista **O Tico-Tico** também ter contribuído, sobremaneira, para o processo de escolarização de parcela das crianças e jovens brasileiros. O que pensavam? Como interpretavam

---

<sup>13</sup> Informamos que, a partir daqui, será mantida a ortografia original de todos os textos presentes na revista **O Tico-Tico**.

sua época? Na seção, a seguir, buscaremos apresentar considerações sobre esse tema.

#### 4.1 OS COLABORADORES DA SEÇÃO “MEU JORNAL”: PRESENÇA DA EDUCAÇÃO E DO CIVISMO (1935-1940)

Lemos narrativas de textos escritos por crianças a todo momento; nós mesmos, enquanto professores, pedimos aos alunos para fazerem uma redação como, por exemplo, como foram as férias, para o Dia das Mães, entre outros, ou os pais, quando chegam do trabalho, e os filhos dizem: “Olha pai/mãe, veja o que eu escrevi hoje na escola”. Esses textos podem ser verdadeiros, haja vista podem ser um resumo de um texto do livro didático, inventados totalmente ou inventados, mas contendo um pouco de realidade.

Importa enfatizar, nesta pesquisa, que há inúmeras possibilidades para se analisar a escrita de um determinado público infantil. A lente que se escolhe para fazer essa análise vai direcionar os caminhos pelos quais a mesma será desenvolvida.

Nesta seção, apresentaremos a análise das escritas das crianças, buscando responder às questões levantadas no final do capítulo 3: Que marcas são perceptíveis nos textos publicados na seção “Meu Jornal” por crianças e jovens dos sexos feminino e masculino? Sobre o que as meninas escreviam? A mesma questão é válida para os meninos? Faz diferença nos preocuparmos sobre o que escrevem as crianças, independentemente, do sexo? Para responder a esses questionamentos, fizemos um mapeamento sobre quais temáticas foram mais escritas entre todas que foram encontradas de 1935 a 1940, recorte temporal da presente pesquisa pelas crianças e o resultado é apresentado no Quadro 6.

Para as análises, elegemos apenas as escritas que pudessem identificar o público-alvo, como nome e idade. Na ausência desses dados, colhemos imagens que identificassem se eram crianças.

Quadro 6 – Mapeamento de temáticas (1935-1940)

<b>TEMÁTICA</b>	<b>TOTAL</b>
Civismo	23 Edições
Educação	14 Edições
Entretenimento	217 Edições
Narrativa em forma de conto de fadas	7 Edições
Narrativa em forma de fábula	7 Edições
Narrativa em forma de provérbio	11 Edições

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Como esta investigação envolve preocupações com o debate acerca do civismo e a educação, destacamos, para a análise da escrita das crianças, essas duas temáticas e as que separamos de acordo com o Quadro 7, a seguir:

Quadro 7 – Mapeamento das temáticas civismo e educação (1935-1940)

<b>Ano</b>	<b>Edição/ Publicações</b>	<b>Temática</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Sexo</b>
1935	1567	Civismo	9 anos	Masculino
	1557	Civismo	11 anos	Masculino
	1568	Civismo	12 anos	Feminino
	1574	Educação	12 anos	Feminino
<b>SUBTOTAL</b>	<b>Civismo: 3 / Educação: 1</b>			
1936	1614	Civismo	7 anos	Masculino
	1618	Educação	10 anos	Feminino
	1603	Civismo	12 anos	Masculino
	1608	Civismo	12 anos	Feminino
	1608	Educação	13 anos	Masculino
	1609	Educação	13 anos	Masculino



	1621	Civismo	13 anos	Sem identificação do gênero identificação da escola
	1653	Civismo	11 anos	Masculino
	1646	Civismo	13 anos	Masculino
<b>SUBTOTAL</b>	<b>Civismo: 6 / Educação: 3</b>			
1937	1653	Educação	13 anos	Masculino
	1664	Educação	13 anos	Feminino
	1653	Educação	14 anos	Feminino
	1645	Civismo	15 anos	Feminino
	1633	Educação	16 anos	Masculino
<b>SUBTOTAL</b>	<b>Civismo: 1 / Educação: 4</b>			
1938	1720	Civismo	9 anos	Masculino
	1695	Civismo	12 anos	Masculino
	1701	Civismo	12 anos	Masculino
	1720	Civismo	12 anos	Masculino
	1727	Civismo	12 anos	Masculino
	1732	Educação	12 anos	Feminino
	1706	Educação	13 anos	Feminino
	1711	Civismo	13 anos	Feminino
	1733	Educação	15 anos	Feminino
<b>SUBTOTAL</b>	<b>Civismo: 6 / Educação: 3</b>			
1939	1736	Civismo	10 anos	Feminino
	1781	Civismo	10 anos	Masculino
	1762	Civismo	11 anos	Feminino
	1759	Educação	12 anos	Masculino
	1767	Educação	12 anos	Masculino

	1781	Civismo	14 anos	Masculino
<b>SUBTOTAL</b>	<b>Civismo: 4 / Educação: 2</b>			
1940	1792	Civismo	11 anos	Masculino
	1790	Educação	13 anos	Masculino
	1809	Civismo	13 anos	Masculino
	1809	Civismo	13 anos	Masculino
<b>SUBTOTAL</b>	<b>Civismo: 3 / Educação: 1</b>			
<b>TOTAL</b>	<b>Civismo: 23 / Educação: 14</b>			

Fonte: Elaboração da autora (2022).

Após fazer o mapeamento das temáticas civismo e educação, chegamos à conclusão de que faremos, no total, a análise de 37 escritas, sendo que 23 envolvem a temática do civismo e 14, a educação.

Nesse segundo momento da análise, percebemos que as crianças e jovens que mais escreveram sobre civismo foi a partir de 12 anos, com o total de 5 e abrangeu o sexo masculino. Vale lembrar que não houve nenhuma escrita de criança sobre o civismo abaixo de 7 anos, e também, nessa temática, nenhuma criança de 8 anos. Os adolescentes de 15 a 17 anos do sexo masculino não escreveram sobre civismo.

Em se tratando da temática da educação, o mapeamento apresentado revelou que as crianças do sexo masculino, de faixa etária de 13 anos, foram as que mais escreveram, totalizando 4 edições; já as crianças do sexo feminino, de faixa etária de 12 anos e 13 anos, foram as que mais escreveram, perfazendo um total de 2 publicações cada faixa etária.

Ressaltamos que o público masculino na temática da educação teve publicações também nas seguintes faixas etárias: 13 anos com 4 escritas, 12 anos com duas escritas e 16 anos com apenas 1. Não foi apresentada nenhuma publicação de crianças do sexo masculino abaixo de 12 anos na temática citada.

Com relação às crianças e jovens do sexo feminino, os que escreveram sobre o civismo foram aqueles cujas faixas etárias eram de 10, 11, 12, 13 e 15 anos, sendo que a faixa etária de 12 anos contribuiu com 2 publicações e o restante dessas idades contribuiu com apenas uma produção (Quadro 7). Ainda na temática da educação, o público feminino não tem escrita na faixa etária abaixo de 10 anos. O destaque é para as faixas de 10 anos com 1, 12 anos com 2, 13 anos, com 2, e 14 e 15 anos com uma,

respectivamente (Quadro 7).

Quadro 8 – Mapeamento dos principais títulos com a temática civismo (1935-1940)

<b>CIVISMO/TÍTULO</b>	<b>RECORRÊNCIA</b>
7 de setembro	2
Meu Brasil	2
A Bandeira Brasileira	6
Minha Pátria	1
O dia da Pátria	1
15 de novembro	1
O dia 4 de setembro	1
Amor à Pátria	1
Os Soldados	1
Brasil	1
<b>Total</b>	<b>17</b>

Fonte: Elaboração da autora (2022).

Quadro 9 – Mapeamento dos principais títulos com a temática educação (1935-1940)

<b>EDUCAÇÃO/TÍTULO</b>	<b>RECORRÊNCIA</b>
O livro	2
A instrução	1
A minha carreira	1
Véspera do exame	1
O velho mestre	1
A volta ao Colégio depois das férias	1
Na escola	2
Mestra	1
O estudante e o bicho da seda	1
Os estudos	1
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>

Fonte: Elaboração da autora (2022).

Para o procedimento das análises, foram elaborados os Quadros 8 e 9 para, em seguida, fazer a análise das escritas que foram procedidas, primeiramente, pela temática do civismo seguida pela educação.

#### 4.2 TRINFOU NO CÉU DA PÁTRIA NESSE INSTANTE<sup>14</sup>

Exploramos, nesta seção, mais uma vez, a presença cada vez mais marcante do discurso ideológico de Getúlio Vargas que fora colocado para as crianças e as mesmas, por meio de sua escrita, na forma de textos, para a seção “Meu Jornal”.

De acordo com Prado Júnior (1986):

O nacionalismo é um fenômeno histórico que surgiu na Europa do Século XVIII, como uma ideologia que combinava o patriotismo (sentimento muito mais antigo, envolvendo a devoção à terra natal e a disposição de defendê-la [...]) (Prado Júnior, 1986, p. 18).

Já no início do Brasil recém-independente, forjar essa nova concepção de Nação foi tarefa das autoridades constituídas, e a construção dessa Nação ocorreu *pari passu* com a necessidade de forjar uma concepção de educação com o objetivo precípua de colocar a Nação entre aquelas consideradas como civilizadas. O exemplo era, principalmente, a França. Para alcançá-lo, o Estado, a Igreja e a Sociedade Civil empreenderam uma cruzada rumo às “luzes civilizadoras” (Mattos, 1990).

Nacionalismo e exaltação aos feitos nacionais, essas eram as características que deveriam ter a identidade brasileira, e todas as crianças, à medida que iam crescendo para se tornarem adultas, deveriam adotar essa postura.

Batista (2022, p. 15) afirma que “[...] quanto mais jovem a criança fosse apresentada a tais visões de mundo mais eficaz seria a mensagem transmitida”. Em nosso entendimento, essa postura da criança não é um comportamento natural, mas adquirido por meio da cultura que é transmitida a ela, sobretudo, a partir da formação escolar com os professores e, posteriormente, seguida da família. Podemos deduzir esse pensamento na frase, a seguir, extraída da escrita infantil de Lygia Povoas:

---

<sup>14</sup> Ano: 1938, Edição 1695. Autor: Luiz Alves Soares.

A mestra é, por assim dizer, quem forma uma Nação: é ela quem ensina aos seus discípulos o amor à Pátria; às tradições nacionais; à Religião; à Família; à Moral e à Virtude (Revista **O Tico-Tico**, edição 1706, 1938a).

Desse modo, a partir dessa frase, ao voltarmos os nossos olhos para o Governo Vargas, quando ele almejou que sua política ideológica de formar a criança na ética, na moral, no respeito para com a família e o professor, percebemos, claramente, o seu controle no sistema de ensino, nesse caso, a escola. Isso significa que Vargas detém, por meio da figura do professor, um grande poder mental nas crianças, já que, através dos docentes, ele vai normatizando, no público infantil, sua verdade ideológica e, como consequência, por meio delas, vai galgando, aos poucos, normatizar os rumos que terá a sociedade.

Sabemos que o objetivo de Vargas é fazer do Brasil uma Nação próspera por meio das crianças, e os ensinamentos foram muito bem transmitidos a elas na escola, sendo que algumas assimilaram, como se pode verificar no trecho da escrita de Lygia Povoas:

As crianças brasileiras serão o Brasil glorioso de amanhã; o Brasil de amanhã que assombrará as nações universais com sua grandeza, com seus homens [...] (Revista **O Tico-Tico**, 1938, edição 1706, 1938a).

Manifestações singulares do patriotismo também estiveram presentes em eventos cívicos e em explicações sobre as cores da Bandeira Nacional.

#### O dia 4 de Setembro

– No dia 4, todos os colegios desfilaram pela Avenida. Foi um dia muito alegre!

A Avenida estava repleta de pessoas que, cheias de entusiasmo, davam vivas e batiam palmas quando passavam os alunos de cada colegio.

Eu fui formar e gostei muito do passeio.

Marchei por toda a Avenida, levando as bandeirinhas, e passei defronte ao palanque oficial, onde se achava o Senhor Presidente da Republica.

O nosso colégio, o Externato S. José Diocesano, foi um dos mais aplaudidos, pois estava muito bem organizado. Chegando em casa, contei a meus pais tudo o que eu tinha visto e também a alegria que foi para mim, um passeio muito agradável (Emir de Oliveira Silva (12 anos) (Revista **O Tico-Tico**, edição 1727, 1938b).

Outros exemplos de patriotismo estão presentes nas publicações da revista **O Tico-Tico** nos anos da chamada Era Vargas, em que o Presidente do Brasil impunha esses ensinamentos às crianças e aos jovens nas escolas.

Se existe uma Pátria, certamente, esta é para além de outros conceitos referentes a ela, ou seja, o país em que cada ser humano individual nasceu, sem possibilidade de escolha. Também é o país no qual costumamos viver, a não ser que razões internas ou externas nos obriguem a deixá-lo (Koselleck, 2020).

Se houver a contraposição entre um mau patriotismo e outro bom, o exemplo de Laerthe Moraes Abreu (11 anos) estaria localizado na classificação do patriotismo bom. Vejamos o que Laerthe escreve no ano de 1935:

Brasil, nosso paiz querido. Brasil, sempre elogiado.  
 Brasil, nosso paiz bondoso. Brasil, nosso paiz amado.  
 O nosso território brasileiro devia e deve estar cheio de patriotas,  
 para ser assim um prospero paiz.  
 Não despresem nunca sua querida Patria, o Brasil. Devemos amar a  
 Patria como se fosse nossa mãe, porque ella nos viu nascer. Lutemos  
 pela defesa da nossa Patria, e avancemos sem medo; enfrentemos  
 com toda confiança, ostentando emocionados a nossa querida  
 bandeira (Revista **O Tico-Tico**, edição 1557, 1935b).

A temática do civismo atravessa a educação e, por esse motivo, é preciso considerá-la quando a problemática é discutir o civismo. Vale enfatizar que a educação se constituiu, no Brasil, como privilégio de uma minoria, e os agraciados eram os filhos da elite, que enviava, após seus filhos concluírem os primeiros estudos, para a “cidade grande”, a fim de se formarem em Direito ou Medicina, conforme mostra o trecho atribuído à escrita da criança Olga:

Hoje, ultimo dia de aula, o professor indagou o que cada um queria ser. Arthur foi o primeiro a falar: queria ser medico; Almir, o esperto, tem vocação para advogado [...].  
 Em casa meus paes esperavam-me cheios de alegria, ao saberem que havia terminado o curso (Revista **O Tico-Tico**, edição 1574, 1935c).

A elite era composta, por exemplo, de grandes proprietários rurais, comerciantes e funcionários do Estado. Essa classe social concebia a educação como um mecanismo de ascensão social e, para ter acesso a ela, seus filhos precisavam ter o título de “doutor”. Com esse título, os filhos da elite conseguiam amealhar um bom capital financeiro quando estivessem no exercício da profissão

liberal. De posse desse capital, compravam mais fazendas e se mantinham no poder, como uma classe dominante, ou seja, essa instituição era usada para preparar os filhos da elite para assumirem, quando terminassem o Ensino Superior, postos de trabalho conforme as necessidades dessa classe dominante. Sobre o tema, Ferreira Júnior (2010) assevera:

A aristocracia agrária, a classe dominante brasileira desde a colônia, se caracterizava também por outro traço distintivo: muitos dos seus membros eram portadores do título de ‘doutor’, de preferência em Direito (Ferreira Júnior, 2010, p. 35).

Apesar de a educação ser uma ordem intelectual e moral de um país como o Brasil, por exemplo, sendo reconhecida por todos os segmentos da sociedade, ela foi utilizada como uma usina de mercado, e a criança, que iria ser o futuro indivíduo que levaria o país à prosperidade, seria modelada e aprimorada nas escolas para atender aos anseios de uma classe dominante e, posteriormente, disseminar o discurso ideológico de Vargas nas escolas. Ou seja, formar indivíduos para que as crianças e os jovens tivessem amor à Pátria por meio de uma consciência cívica e, conseqüentemente, quando estivessem adultos, elevar o Brasil ao patamar da prosperidade, como a criança Olga escreve muito bem em seu texto:

Nunca deixei de verificar com alegria, seu interesse pelas coisas do Brasil, principalmente no que tocou a grandeza da Pátria.  
[...] Oxalá todos os meninos compreendam que [...] milhares de brasileiros não de ser fortes pela sua consciência cívica. [...] Teremos realizado a aspiração de ser o povo maior da terra (Revista **O Tico-Tico**, edição 1574, 1935c).

Voltando para a revista **O Tico-Tico**, observamos que, apesar de se ver essa categoria de doutores lá no Período Colonial, Gonçalves (2019, p. 102) depunha que “a imagem deles”, nos discursos da revista, está presente quando a criança Olga, em sua escrita, afirma que “Arthur queria ser médico [...]; Almir tem vocação para advogado”.

Outro ponto sobre a escrita de Olga Pinto é o seguinte: a partir do momento em que ela escreve a frase: “[...] o que cada um queria ser”, a criança se torna uma espécie de investimento, o qual, no tocante à educação, significa que será investida nela uma formação que atenda ao interesse da Nação. A criança, nesse caso, não tem um vínculo apenas com a família, amando-a, respeitando seus genitores, ela

passará a amar também a Pátria. Ela deixa de ser esse ser social que somente pertenceria a seus pais e passa, como esclarece Hansen (2007, p. 31), “[...] a ser o futuro da nação, o cidadão, o soldado do amanhã”. Mas, para que ocorra essa formação, estará com ela, além da família, a escola.

A partir do momento em que se faz esse novo Brasil, em que o Presidente Vargas coloca valor sobre o que a criança deve ser, normatiza-se o seu modo de vida, mesmo que a intenção maior da educação seja a promoção da grandeza da Pátria. Essa situação está clara no texto de Olga, quando ela aponta o que cada um queria ser. Arthur foi o primeiro a falar: queria ser médico; Almir, o esperto, tem vocação para advogado. Dessa forma, a criança não era criança, ela seria a instância que iria promover um projeto político-ideológico de um governante.

Concluindo esta primeira análise, a escolha da profissão “correta” era também considerada um amor à Pátria, como a criança Olga escreveu:

Depois que aprendi que a riqueza do Brasil está na terra, resolvi estudar agricultura. ‘– Isso eu já esperava’ – respondeu o mestre. Nunca deixei de verificar com alegria, seu interesse pelas coisas do Brasil, principalmente no que tocou a grandeza da Patria. (Revista **O Tico-Tico**, edição 1574, 1935c).

Em se tratando da função da escola relacionada ao nacionalismo, acreditamos que essa primeira instituição ressaltava o espírito positivo da Pátria. Por meio dela, tem-se a tomada de consciência para a construção de um novo modelo de cidadão. Esse pensamento é reforçado na escrita de Sheyla Curtis, 15 anos, quando ela afirma: “É nela que se desenvolvem os grandes sábios e os mais celebres talentos”.

#### 4.3 FÉ PARA QUE POSSAMOS BEBER RESIGNADAMENTE O CÁLICE DA AMARGURA<sup>15</sup>

Rafael Chambouleryon (*apud* Lopes, 2021, p. 34) destaca que a aproximação entre criança e ensino, em terras brasileiras, ocorreu desde o processo de evangelização do Brasil pelos jesuítas da Companhia de Jesus ao longo do século XVI, sendo que, somente na segunda metade do século XIX, a educação teve o seu valor social reconhecido.

---

<sup>15</sup>Ano: 1937; Edição: 1653. Maria da Conceição de Magalhães – 14 anos.



A partir do momento em que se almejava construir um novo tipo de Brasil, com um povo instruído por meio dos preceitos morais, éticos, a infância passou a ter um lugar de destaque nesse novo mundo, ou seja, o mundo da construção do Estado Nacional.

Nesse percurso do tempo, o Brasil percebeu a instrução da sociedade como uma ferramenta que ajudaria os indivíduos a saírem da “ignorância” e torná-los verdadeiros cidadãos aptos a ajudar o progresso da Nação brasileira. Por conseguinte, a educação seria considerada um gerador de riquezas, visto que levaria as crianças a terem amor não apenas aos estudos, mas também à Pátria e ao trabalho.

Além de instruir as crianças nos preceitos morais, a escola também seria responsável pela formação religiosa do público infantil. Lopes (2021) defende que:

[...] a escola é, nesse sentido, uma instituição republicana, projetada para ser a imagem e a referência dos novos tempos que se anunciavam. [...] República e educação escolar estavam então associadas à crença na civilização e no progresso, que com toda certeza seriam alcançados, a despeito das dificuldades do caminho. A escola era o meio pelo qual se formaria o novo tipo de cidadão, refeito com novos costumes e ideias herdeiros do discurso republicano (Lopes, 2021, p. 40).

Os livros, no tocante à educação das crianças, para atender aos anseios do novo cidadão que estava se formando, deveriam estar imbuídos de sentimentos em suas páginas que levassem a criança a despertar o amor à Pátria, como retrata a escrita do menino Paulo Dantas: “[...] o amor aos livros é o amor mais seguro da terra”. O livro, portanto, seria um porta-voz, um meio pelo qual “[...] se construiria uma cultura moral e intelectual do indivíduo” (Lopes, 2021, p. 42) que nos aproxima da escrita do menino Paulo Dantas, quando afirma que: “[...] “A leitura é o caminho de toda cultura humana”.

Gonçalves (2011, p. 40) esclarece que “a ignorância”, portanto, deveria ser solucionada com o investimento na instrução escolar. Esse investimento na instrução escolar para que a criança seja um cidadão instruído, letrado, está na escrita da frase do menino Paulo Dantas: “[...] é preciso desde a infância criar o gosto e o hábito da leitura tão necessária a qualquer instrução e educação”.

O Presidente Getúlio Vargas acreditou que seria a educação das crianças que iria cumprir esse papel. Para tanto, defendia a educação como o elemento

fundamental na preparação dos cidadãos para que o Brasil se desenvolvesse e se tornasse uma Nação próspera. Era por meio da educação que o ser humano seria útil à Pátria e desenvolveria a cultura brasileira, conforme podemos verificar no seguinte trecho da escrita atribuída à criança Paulo Dantas:

Por meio da instrução nós podemos ser uteis à Pátria, à família, à humanidade. A instrução aumenta e desenvolve a nossa cultura. Com a instrução fortificamos a nossa vontade e enriquecemos o nosso caráter (Revista **O Tico-Tico**, edição 1609, 1936a).

Entendemos, com essa frase, o modo como o governo quer que a criança veja como pode se tornar um cidadão para levar o Brasil à prosperidade. Essa transformação da criança em uma pessoa útil à Pátria não é algo natural da criança, pois foi-lhe ensinado, ela iria aprender a ser útil. Por conseguinte, ser útil à Pátria dependia de aprendizado, e a escola teria também essa função a ser transmitida à criança.

É também com a educação que a criança iria desenvolver qualidades morais, culturais, sendo, ainda, por meio da educação, que as crianças se tornariam adultos aptos a agirem em prol da transformação do país, sempre colocando o bem da Pátria acima de tudo (Hansen, 2007, p. 40). Esse pensamento fica evidente no excerto, a seguir, escrito por Paulo Dantas:

[...] A instrução é o guia do belo e do bom, aumenta e desenvolve a nossa cultura.  
Com a instrução enriquecemos o nosso caráter.  
Se nós crianças, desejamos ser um bom cidadão é preciso sermos instruídos [...] (Revista **O Tico-Tico**, edição 1609, 1936a).

No Governo de Getúlio Vargas, as qualidades individuais eram desenvolvidas nas crianças de modo que lhes despertasse o sentimento cívico-patriótico, a fim de contribuir para a construção do futuro da Nação. Desse modo, o investimento nos estudos era condição para que a criança colaborasse para que o Brasil fosse um país de riquezas, como mostra o trecho escrito por Adail Cardoso, de 13 anos de idade, mas percebemos se tratar de uma escrita das memórias de infância desse jovem:

Na escola eu conseguia sempre as melhores notas. Quando eu acabei o curso primário, fui estudar com um professor particular [...] (Revista **O Tico-Tico**, edição 1653, 1937a).

Vejamos mais um fragmento de Adail, agora já adulto, mostrando o que aprendeu na escola, ou seja, as oportunidades que surgem na vida por meio dos estudos:

Fui para a faculdade de medicina. Hoje, ando bem folgado, enquanto os meus colegas vivem se sujeitando a um emprego hoje, e outro, amanhã (Revista **O Tico-Tico**, edição 1653, 1937a).

A escrita supracitada apresenta importantes indícios de que as publicações atribuídas às crianças são parte de memórias de infância. Esse é o exemplo de Adail Cardoso da Fonseca. O exemplo do texto de Adail, cuja memória remete aos seus tempos de frequência à escola até os 13 anos de idade, é o que chamaríamos de “os sentimentos e as opiniões que se forjaram sobre a escola” (Nunes, 1996, p. 160).

Dessa forma, entendemos que, enquanto na revista **O Tico-Tico** havia publicações sobre comportamentos éticos e morais a serem seguidos pelas crianças, existem outros tipos de comportamentos que são publicados na seção “Meu Jornal”, provavelmente, para servirem como fonte inspiradora de pequenos leitores e futuros escritores.

Nesse sentido, a respeito do começo do Período Republicano, Gonçalves (2011) assinala que:

Neste primeiro momento, grande parte dos empreendimentos educacionais esteve direcionada à formação das elites que comporiam os quadros políticos do Estado. O investimento na criação de escolas superiores e secundárias, quer pelo caráter elitizado que assumiam não se destinavam a todos os grupos sociais, demonstram que o interesse principal era a preparação das classes mais abastadas [...] (Gonçalves, 2011, p. 83).

Como exemplo de uma escola elitizada da época, temos o Colégio Pedro II, que funcionava como uma espécie de escola preparatória para os Cursos Superiores. A publicação de Adail Cardoso evidencia essa questão:

Quando acabei o curso primário [...] fui estudar para entrar para o Pedro II. [...] Quando acabei o curso do Pedro II fui para a faculdade de medicina [...] (Revista **O Tico-Tico**, edição 1653, 1937a).

O Ensino Superior era visto como ascensão social, conforme aponta Adail Cardoso “hoje ando bem folgado”, sendo que estava muito longe a possibilidade de as camadas mais pobres terem acesso a esse nível escolar.

Outra finalidade da escola ou sobre o que se espera dessa instituição, ou seja, que ela forme na criança um pensamento para que seja condutora do progresso no Brasil, é também um certo sentido de liderança para conseguir algo. Vejamos onde está esse espírito de liderança na escrita da criança Adail Cardoso: “[...] Na escola *eu conseguia sempre as melhores notas; Eu sempre dava as lições orais bem sabidas*” (Revista **O Tico-Tico**, edição 1653, 1937a, grifos nossos).

Essa atitude de Adail Cardoso mostra que a escola daquela época tinha como objetivo um processo de socialização e também um certo sentido de incentivar um sentimento de superioridade de uma camada social sobre outra. Essa superioridade está na seguinte frase: “fui estudar com um professor particular; fui para a faculdade de medicina; hoje, ando bem folgado, enquanto os meus colegas vivem se sujeitando a um emprego hoje, e outro, amanhã”.

Segundo Hansen (2007, p. 132), “[...] o projeto cívico sugeria uma determinada vocação e ainda reforçava o papel da criança na realização da grandeza futura da pátria”. A revista **O Tico-Tico** aconselhava, em suas páginas, que a escolha das carreiras que convinhassem à criança seguir não eram aquelas que davam a titulação de “doutor” e, sim, aquelas que davam maior lucro e possibilitavam a grandeza do Brasil.

Enfatizamos que não se trata de desprezar o direito de ir para faculdade de Medicina como uma profissão para ganhar a vida, conforme o adulto/criança rememora (fui para a Faculdade de Medicina), mas é a hombridade em escolher uma profissão que ajudaria o Brasil a ser, futuramente, um país rico e, nesse caso, a indústria relacionada à mecânica e à eletricidade estavam se desenvolvendo rapidamente e eram promessas para gerarem grandes lucros para o Brasil.

No Governo de Getúlio Vargas, o discurso predominante era que, no Brasil, tudo ainda estava por fazer: era fazer um novo cidadão para levar o país à prosperidade, era “fazer” o sentimento da nacionalidade, entre outros, e essas profissões eram fundamentais para se reconstruir o Brasil.

O modelo ideal de educação para que o Brasil fosse engrandecido no período do Governo de Vargas deveria ser materializado em todo o ensino, e isso se configura desde o mobiliário que compõe as salas de aula até a escolha dos saberes que comporiam o Plano de Ensino daquele governo. Entre os conteúdos indispensáveis, podem ser citados a História e a Geografia. Este último saber ressaltava, nos livros didáticos, as belezas das terras brasileiras (Gonçalves, 2011, p. 87).

Nesse sentido, a escrita infantil de Cenaire Moraes, 13 anos, é exemplar:

[...] Das matérias para mim, a principal é a Geografia porque estuda as terras e as águas, principalmente, por estudar o Brasil, a minha muito amada Pátria (Revista **O Tico-Tico**, edição 1664, 1937b).

Gonçalves (2011, p. 127) salienta que o ensino de Geografia contribuiria para que as crianças conhecessem melhor o seu país, afirmando suas riquezas e seu potencial de crescimento. A afirmativa supracitada aproxima-se do entendimento de Cenaire Moraes acerca da Geografia, qual seja: “das matérias para mim, a principal é a Geografia porque estuda as terras e as águas, mas, principalmente, por estudar o Brasil”. Em nosso entendimento, isso significa que, para que a criança ame o seu país incondicionalmente, ela precisava conhecê-lo. “Fazer a Pátria conhecida daqueles que a devem amar” (Hansen, 2007, p. 22). No caso em tela, o ensino de Geografia iria proporcionar essa descoberta.

Outro destaque também seria a prática da Língua Portuguesa, que fazia parte do comportamento do novo modelo de cidadão a ser seguido. Dessa forma, essa não era apenas mais uma disciplina a que os alunos teriam acesso na escola, pois:

A padronização da língua através da escrita e da leitura era essencial na formação da nacionalidade. A afirmação da língua portuguesa era um dos fatores primordiais para a consolidação da modernidade nacional (Gonçalves, 2019, p. 197).

A presença do ensino da Língua Portuguesa na sala de aula indicava que ela fazia parte do projeto de construção do futuro cidadão brasileiro, e a revista **O Tico-Tico** contribuía, sobremaneira, para esse projeto por meio de publicações na seção “Lições de Vovô”. Nessa seção, os conselhos sobre atitudes que as crianças deviam praticar no seu dia a dia estavam presentes, como, por exemplo: respeitar os pais, os professores, entre outros.

Importa ressaltar que também houve, nesse periódico, publicações com exemplos de traquinagem realizada com os professores pelos alunos, desafiando, totalmente, o modelo de respeito que deveria ser seguido. Nascimento (2018, p. 37) alerta que “Certas coisas ditas ou exploradas fora do terreno do cômico causariam grandes problemas”. Talvez, em função desse alerta, a publicação de Maria da Conceição, a seguir, seja exemplar:

[...] um estudante muito garoto, querendo gracejar, levou de casa um chapéu de jornal, de copa alta e, levantando-se sorrateiramente, chegou por detraz do mestre e, zás! Colocou-lhe o chapéu á cabeça e, muito depressa, voltou ao seu lugar. Os companheiros caíram na gargalhada (Revista **O Tico-Tico**, edição 1653, 1937a).

Qual seria o sentido do humor nesse caso? Acreditamos que o humor, na escrita de Maria da Conceição, seria para aliviar a imagem de uma escola rígida, cheia de regras de comportamento a serem seguidos. Nessa linha de pensamento, os estudos de Gonçalves (2019) concluíram que:

Histórias como essas, em que o humor oferece um contraponto ao ambiente rígido dos moralismos cotidianos eram frequentes na revista. E que as histórias de humor pareciam oferecer uma pausa aos deveres da educação moral infantil (Gonçalves, 2019, p. 101).

Outro ponto que podemos observar na escrita de Maria da Conceição é a exposição ao defeito humano. Essa exposição está no desrespeito que fizeram com o professor ao colocarem um chapéu em sua cabeça enquanto dormia. Segundo Nascimento (2018, p. 39), no que se refere à exposição dos “defeitos humanos, sejam eles morais (internos) ou externos, é o princípio que produz o humor”.

Podemos perceber, também, que Maria da Conceição, embora quisesse transmitir uma história de humor, retratou em seu texto, de forma sutil, a temática da morte:

[...] E o diretor vendo que o professor dormia demais, chegou-se à mesa do velho, pegou-lhe o rosto, mas recuou, tremendo e aterrado: o velho mestre estava morto! (Revista **O Tico-Tico**, edição 1653, 1937a).

Diante desse trecho da escrita de Maria da Conceição, recorreremos, novamente, a Nascimento (2018, p. 50), quando ele afirma que “podemos rir de tudo, mas não em qualquer lugar, nem a qualquer hora, nem com qualquer pessoa”, o que nos leva à seguinte indagação diante do excerto de Maria da Conceição: o tema da morte pode ser tratado como humor dentro de uma revista voltada para o público infantil?. Para esclarecermos o nosso pensamento, Gonçalves (2019) defende que: “Finais trágicos eram comuns nas histórias de **O Tico-Tico** e representavam a maneira mais pedagógica de mostrar às crianças o resultado de comportamentos inconvenientes.

Há indícios de que a morte do professor, um final chocante a ser transmitido ao público leitor infantil, representada na escrita da criança e publicada na seção “Meu Jornal”, seria uma continuidade de uma Literatura Infantil que procurava explorar visões de mundo pautadas no medo.

Vejamos, é na escola que acontecem as relações sociais através das interações que são estabelecidas entre o professor e a criança e entre criança com outra criança, o que, conseqüentemente, é construído na escola com as crianças, e isso vai orientando as ações delas e assegurando que ocorra a reprodução das ações por parte das mesmas na sociedade.

O Governo de Getúlio Vargas, por meio da educação, aspirava formar os brasileiros e, em se tratando de um veículo que tinha essa característica além da educação, nas salas de aula, a revista **O Tico-Tico** desempenhou o papel de uma revista “disfarçada de escola”.

A criança Lygia Povoas teria internalizado o discurso defendido pela revista? Qual seja, contribuir para construir os futuros formadores do país. Vejamos como esse objetivo foi transmitido por essa criança:

Não há uma criança que não tenha um ideal. Umas aspiram ser um grande advogado, um cientista; outros aspiram ser um poeta, um grande general, como Napoleão, Anibal, etc., enfim, em cada um desses pequeninos peitos, repousa um ideal, um doce e sublime anseio [...] (Revista **O Tico-Tico**, edição 1706, 1938a).

O trecho, cuja autoria é atribuída a Lygia Povoas, revela consciência do seu dever para levar o Brasil a ser um país próspero. Ora, o Brasil, quando Vargas assumiu o poder, possuía um significativo número de pessoas analfabetas. Por conseguinte, era necessário investir na educação, formar as pessoas para serem cidadãos “completos”. A criança iria ter essa responsabilidade, ela precisava se realizar na vida, “ser alguém” e, dessa forma, realizar “o destino grandioso que se acreditava caber ao Brasil” (Hansen, 2007, p. 15).

Configura-se, com isso, um novo “*status* de criança”: “Umas aspiram ser um grande advogado, um cientista; outros aspiram ser um poeta, um grande general”, que objetivava levar o Brasil a ser um novo país, longe do analfabetismo e do atraso econômico.

Para que a criança se tornasse esse modelo de futuro cidadão, ela deveria sofrer uma ação pedagógica que a levaria a esse patamar, como tão bem demonstra

a escrita de Sheyla Curtis:

O mestre desempenha o principal papel na escola, pois, é dele que nos vêm todos os conhecimentos que procuramos. É ele que nos deve introduzir no caminho justo da vida, por meio de conselhos ou ensinamentos.

É na escola que estão todas as nossas aspirações, toda a nossa esperança no futuro.

E qual é o nosso ideal senão chegarmos a ser uteis á Pátria? [...] Expandindo nossos conhecimentos contribuimos para maior orgulho da nossa terra, e maior gloria do Brasil. Não há civilização e muito menos instrução, onde não há escolas. O nosso Brasil seria ainda um país selvagem, se nele não houvesse escolas [...] (Revista **O Tico-Tico**, edição 1733, 1938c).

Se, em algum momento, surgisse algum obstáculo para a criança de modo que ela se sentisse desanimada para seguir em frente, seja nos estudos ou não, e, conseqüentemente, não conseguisse se tornar o cidadão que levaria o Brasil a ser um país próspero, para incentivá-la a atingir seus objetivos, a revista **O Tico-Tico** fazia uso da seção “Lições de Vovô” para publicar lições exemplares de pessoas que superam obstáculos. Nesse sentido, a mensagem transmitida era a seguinte: nenhum obstáculo poderia ser uma desculpa para que a criança desistisse de buscar atingir seus objetivos durante sua trajetória de vida.

Vejamos como a superação diante dos obstáculos impostos à criança é defendida na escrita da criança Sheylla Curtis:

Muitas vezes entretanto, ao invés de vermos coroadas de êxito todas as nossas ambições, vemos ruir por terra todo o triunfo que dela esperávamos. E, justamente por isso, ao frequentarmos uma escola, necessitamos além de força de vontade, um desejo louco de vencer. Fé para que possamos beber resignadamente o cálice da amargura que muitas vezes nos é oferecido pelo destino [...] quando num momento desesperado, sentimos o desanimo invadir-nos a alma. Da esperança precisamos, para termos nela uma arma com a qual poderemos lutar contra os obstáculos de existência (Revista **O Tico-Tico**, edição 1733, 1938c).

Portanto, a revista sempre incentiva para que a criança, mesmo diante de qualquer obstáculo, seguisse em frente e nunca desistisse, em qualquer situação. Segundo Gonçalves (2011, p. 142), a escola apresentada com frequência na revista **O Tico-Tico** é aquela do trabalho árduo e difícil, mas que traz recompensas importantes. Sheyla Curtis, identificada na seção “Meu Jornal”, passa a seguinte informação:



A escola nos dá também momentos de amargura. Quando, porém, atravessamos um destes momentos, devemos lembrar-nos de que Jesus caminhou sobre espinhos para alcançar o Céu. Assim nós, os mortais, devemos passar pelo caminho do Sofrimento para, finalmente alcançarmos o nosso Ideal (Revista **O Tico-Tico**, edição 1733, 1938c).

A educação era um requisito necessário para a formação de um novo cidadão e trabalhador em potencial: “[...] uma representação social do país na qual a ascensão social dependia exclusivamente do esforço pessoal” (Hansen, 2007, p. 125).

Se há, efetivamente, recompensa pelo esforço pessoal, ele está contido no texto de João Bosco:

Um estudante encontrou um bicho da seda. Parou, ficou olhando e depois exclamou:  
 Como és tolo!  
 – Sim, trabalho agora, mas sei que depois desse afan sairei borboleta; serei livre.  
 O bicho da seda trabalha para no futuro voar feliz, transformado em borboleta (Revista **O Tico-Tico**, edição 1759, 1939a).

O gosto pelo trabalho, que está presente na escrita da criança João Bosco, que fora representado na figura do bicho-da-seda, compõe o caráter da criança, que, futuramente, estaria apta a agir com ética, seja no trabalho, seja na sua relação com outros indivíduos.

Salienta-se que o Brasil, para se destacar como uma Nação rica e próspera, suas crianças deveriam adotar determinadas posturas “consideradas aceitáveis”.

Segundo Gonçalves (2011):

As crianças nunca são apresentadas como um caso perdido, como indivíduos sem futuro. A ideia propagada em **O Tico-Tico** é a possibilidade de superação daquele que estuda com afinco e trabalha arduamente (Gonçalves, 2011, p. 139, grifos nossos).

A importância do estudo e do trabalho defendida nas páginas da revista **O Tico-Tico** fica patente ao comentar a publicação de João Bosco: “O estudante compreendeu que se não estudasse nunca poderia ser livre e feliz; O bicho da seda trabalha para no futuro voar feliz”. Isso caracteriza que o trabalho é um momento decisivo na vida de uma criança.

Sobre a questão de o trabalho ser importante na vida, dentro da revista **O Tico-Tico**, Gonçalves (2011, p. 143) chama atenção para a seção “Lições de Vovô”, em que o personagem Tio José escreve, claramente, sobre o trabalho ser decisivo na vida de crianças e de jovens. Esse personagem, nas palavras da autora, “[...] ressalta que nenhuma profissão é melhor do que a outra e que o importante é que cada cidadão encontre o trabalho que lhe faça bem”.

Relacionado a essa crítica que o personagem do Tio José faz, temos o trecho da escrita de João Bosco, em texto narrativo intitulado “O estudante e o bicho da seda”. Ao finalizar o seu texto sobre a exaltação do trabalho, tomando aquele inseto como exemplo, João Bosco é taxativo: “Tolo! Fias a tua própria prisão. Como és tolo!”

A finalização da escrita de João Bosco nos leva a refletir sobre uma categoria importante em Bakhtin, presente em entrevista com o professor Valdemir Miotello, realizada por Araújo e Dias (2019), ou seja, cotejar. Mas o que é cotejar? É compreender uma palavra com outra palavra, um texto com outro texto, para, desse modo, ser possível fazer a reflexão sobre si na relação consigo mesmo e com o contexto no qual se vive, segundo Miotello, na entrevista citada. Não se pode negar que João Bosco problematiza a mensagem positiva da experiência trabalhadora, que, de alguma forma, foi-lhe passada por meio de um outro texto ou de uma outra palavra.

A questão da importância da leitura, que cumpria uma função fundamental no período estudado: ultrapassar a aquisição de habilidades da Língua Portuguesa para priorizar a disseminação de valores morais (Gonçalves, 2019, p. 199). Conforme destaca o menino Roberto Bittencourt:

Eles [os livros] trazem o bem e a virtude; Quem não gosta de boa leitura não poderá alcançar a vitória do espírito; Francisco só lia o que elevava a moral. Quem não gosta de boa leitura nunca poderá ocupar um cargo de destaque (Revista **O Tico-Tico**, edição 1767, 1939c).

A escrita da criança Roberto é exemplo da prioridade da seção “Meu Jornal” no sentido de selecionar textos que tratavam mais de condutas do que do ensino da Língua Portuguesa. Quais exemplos de comportamentos a criança deveria seguir e quais deveriam ser rejeitados?

Roberto nos auxilia para respondermos a essa questão do seguinte modo:

Francisco só lia o que elevava a moral, [...] Paulo só se distraia com novelas e contos que fossem mentirosos e maus...; Paulo nunca passou de um esperto aproveitador [...] (Revista **O Tico-Tico**, edição 1767, 1939c).

Patroclo (2019, p. 744) assevera que “[...] os novos hábitos e costumes estão inseridos em uma dimensão pedagógica”, assim, entendemos que essa dimensão pedagógica está representada na escrita da criança Roberto Bittencourt pela figura do livro “O livro é um dos nossos melhores amigos, isto é, os bons, pois estes trazem o bem, a virtude” (Revista **O Tico-Tico**, edição 1767, 1939c).

As escritas atribuídas às crianças na revista **O Tico-Tico** tinham o propósito, em muitos casos, de expor os tipos de comportamento que deveriam ser adotados pelas crianças de acordo com o projeto de sociedade que estava sendo formado, como, por exemplo, quando, na escrita de Roberto Bittencourt, ele afirma que: “Francisco se tornou um respeitável cidadão” ou que “Francisco só lia o que elevava a moral”.

Se, por um lado, o livro tinha como objetivo proporcionar educação à criança e, também, instruí-la nos preceitos éticos, morais e cívicos, o que acarretaria a sua má utilização? Para responder a essa pergunta, buscamos as reflexões de Gonçalves (2019, p. 207), quando a autora afirma que essa má utilização acarretaria “[...] o comportamento de gente incivilizada, sem cultura”.

A firmeza da reflexão da autora nos faz entender que o livro deveria:

Funcionar como um incentivo para que meninos e meninas leitoras se dedicassem ao seu estudo, demonstrando como o mal uso poderia ser humilhante para a criança (Gonçalves, 2019, p. 207).

Na escrita de Roberto Bittencourt, o mal uso do livro é descrito na seguinte frase: “A má leitura atrasa a mocidade, leva para o caminho do mal, é um livro das pessoas sem moral”. As pessoas sem moral, na época de circulação da revista **O Tico-Tico**, não eram o tipo de pessoa ideal almejado para ser o cidadão de uma nova Nação. Um exemplo de pessoa sem moral é descrito na escrita de Roberto Bittencourt:

Paulo nunca passou de um esperto aproveitador da bondade alheia, enganava e explorava tudo enquanto se aproximava dele (Revista **O Tico-Tico**, edição 1767, 1939c).

Por fim, o tipo de cidadão que era defendido pela revista era o cidadão educado para seguir os padrões de ser um homem ético, com amor à sua Pátria, aos estudos e ao trabalho. Então, para que o desenvolvimento econômico do Brasil crescesse, tornando-o uma grande riqueza mundial, era preciso homogeneizar as referências sociais do país. Isso significa que deveria uniformizar comportamentos e valores a serem seguidos pelas crianças. Para desempenhar essa tarefa, coube à educação esse árduo trabalho, ou seja, mudar a mentalidade da criança e ser um espaço de padronização dos valores morais, éticos, entre outros, para “civilizar” o Brasil.

Entendemos que a educação é tratada como algo vitorioso, e esse espírito é evidenciado no trecho da narrativa de Roberto Bittencourt, quando ele evidencia que:

Todos nós devemos estudar, pois quem não aproveita a mocidade para estudar, quando ficar mais velho terá o arrependimento e ficará envergonhado de apresentar-se no meio de jovens que estudam. Devemos deixar os divertimentos, por um certo tempo, e estudarmos o mais que pudermos para sermos amanhã um segundo Ruy Barbosa. (Revista **O Tico-Tico**, edição 1790, 1940).

Mas, para que a educação seja algo vitorioso, era preciso também “animar”, incentivar o gosto da criança pelos estudos. Para tanto, era necessário sempre enxergar na criança o novo habitante formador da nova Nação.

Em muitos casos, quando há um sistema com base na meritocracia, por exemplo, o estudo e o trabalho eram instrumentos para a ascensão social, o que não acontece no discurso propagado pela revista **O Tico-Tico**. Esse periódico defendia o discurso que o trabalho não era fruto da sorte e que era um dever de todo cidadão levar o Brasil a se tornar um país desenvolvido.

Pensar no futuro do Brasil como sendo essa Nação próspera é pensar o trabalho quando Hansen (2007, p. 131) pondera que ele é “[...] a principal fonte de riqueza e do progresso do país. Trabalhar é ser útil”.

Vale lembrar que era comum, na revista **O Tico-Tico**, falar sobre o caráter ou os feitos de uma determinada pessoa, de modo a mostrar às crianças as situações que esse indivíduo teve de enfrentar e superar para ser um vitorioso.

Privilegiavam-se elementos do caráter do personagem, que servissem de exemplos de comportamento aos leitores. Construía-se uma narrativa de superação que mostrasse que durante a sua vida o personagem precisou ultrapassar seus limites, geralmente socioculturais e econômicos, para construir a sua trajetória vitoriosa. Essas narrativas eram, então, formas de justificar a disseminação de determinados valores e comportamentos morais desejados às crianças (Gonçalves, 2019, p. 159).

Sabemos que a revista **O Tico-Tico** pregava a “boa conduta” que a criança deveria seguir, e isso se dava por meio do estudo, da higiene com o corpo, entre outros. Mas o que seria essa “boa conduta” através da instrução? E a “má conduta” relacionada a essa instituição, o que seria também? Acreditamos que a “boa conduta” através da instrução era aquela que fosse adequada aos interesses da Nação. Vejamos o trecho da escrita da criança Roberto Bittencourt:

Devemos deixar os divertimentos, por um certo tempo, e estudarmos o mais que pudermos para sermos amanhã um segundo Ruy Barbosa. Até lá seremos homens instruídos. Quando estivermos em aula devemos prestar atenção às explicações, porque são frutos que reproduzirão na nossa inteligência e formarão o nosso caráter (Revista **O Tico-Tico**, edição 1790, 1940).

Quanto à “má conduta” relacionada à educação, compreendemos que era todo tipo de comportamento da criança que impossibilitava que ocorresse o melhoramento da sociedade. Vejamos o que escreveu Roberto Bittencourt para ilustrar esse entendimento sobre essa “má conduta”: “Devemos deixar os divertimentos, por um certo tempo; [...] quando estivermos em aula não devemos importunar aos mestres com perguntas fúteis” (Revista **O Tico-Tico**, edição 1790, 1940).

A partir do momento em que a criança se divertia e não estudava, ela estava exercendo má conduta, e isso era totalmente contrário ao projeto de construir uma nova raça humana.

Outro valor que também observamos na escrita de Roberto Bittencourt e que está muito claro é a penalização. A punição, no trecho da criança referenciada, está relacionada à educação: “[...] quem não aproveita a mocidade para estudar, [...] ficará envergonhado de apresentar-se no meio de jovens que estudam [...]” (Revista **O Tico-Tico**, edição 1790, 1940). Quando Roberto Bittencourt escreve sobre a penalização

para quem não estuda, em nosso entendimento, isso significa que ele internalizou, na compreensão de Almeida e Costa (2015, p. 59), “[...] conhecimentos acerca de práticas sociais que, ao serem transgredidas, acarretam penalizações por seu descumprimento”. Nota-se, na escrita de Roberto, que não é um comportamento devido à criança, ou seja, que não deve ser praticado por elas, ou seja, não estudar.

A título de ilustração, serão apresentadas, no Anexo A, amostras dos textos das crianças publicados na seção “Meu Jornal”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta caminhada, ao longo da pesquisa, muitos foram os *encontros narrados*. Encontrar-me como uma aprendiz de historiadora e me reconhecer como tal. Quantas inquietações durante esse período formativo! Aprendi com Lopes (2018, p. 104), um estudioso de Bakhtin, que o “desenvolvimento humano não se dá como evolução, mas sim como revolução”.

Aventurar-me na investigação da revista **O Tico-Tico** significou localizá-la em dois campos de conhecimentos diferentes, porém relacionais: i) na Literatura Infantil, em um momento no qual outras formas de expressão cultural desse campo emergiam em formato de Histórias em Quadrinhos. Foi necessário escrever parte da história da Literatura Infantil para, nela, localizar essas outras formas de expressão cultural. Em outras palavras, refiro-me às Histórias em Quadrinhos e às publicações na seção “Meu Jornal” da revista **O Tico-Tico** com essas outras formas, bem como enquanto espaços complementares da educação escolar; e ii) como fonte privilegiada no campo da História da Educação, cujas pesquisas têm se avolumado desde a década de 1980, indicativo de consolidação desse campo específico (Gondra; Nery, 2018).

Dessa forma, o trabalho com a revista **O Tico-Tico** me permitiu investigar as questões da educação no momento político conturbado da História do Brasil, ou seja, período sob o Governo de Getúlio Vargas, em um recorte preciso: 1935-1940. A diversidade de textos lidos e que, supostamente, seriam de autoria de crianças e de jovens, são fortes indícios de que a interpretação daqueles escritos pode ser entendida como resultante da participação daquele conjunto de pessoas no meio social que o forjou, logo, forças que emergiram com intenções de produção de um “pensamento único” com forte tendência nacionalista.

Refiro-me, especificamente, ao recorte da presente pesquisa: o nacionalismo, que, exacerbado e fortemente difuso pela política do Governo Vargas, pode ter sido motivador para que os editores da revista **O Tico-Tico** fomentassem ou selecionassem para publicarem, em suas páginas encartadas, temáticas que tivessem relação direta com esse debate. Outras variáveis poderiam estar presentes nesse lugar de forjamento quente, com outros cortes precisos. Fiz a minha escolha por trazer os cenários político e educacional como o pano de fundo desse periódico, o qual fez parte da vida nacional turbulenta de tensões sociais: migrações, racismos, guerra, reformas da educação.

Narrar essa aventura significa retomar a hipótese de que a revista **O Tico-Tico** também contribuiu, sobremaneira, para o processo de escolarização de parcela de crianças e jovens brasileiros. O que pensavam e como interpretavam sua época? Com segurança, posso afirmar que o processo de escolarização foi parte desse forjamento contínuo do qual as publicações da seção “Meu Jornal” tiveram uma contribuição expressiva.

Nesse sentido, ocorreu um segundo encontro: no caso desta investigação com a temática do “nacionalismo” pelo olhar daquele imenso formigamento de vestígios verbais (palavras e textos) que crianças de diferentes faixas etárias eternizaram na referida seção. Nacionalismo forjado nas altas temperaturas das políticas do Governo Vargas, que incluiu, naquele forno, a forte presença da educação moral e cívica.

Se não é possível afirmar, com segurança, que os propositores da revista **O Tico-Tico** mantiveram proximidade com os objetivos educacionais de Vargas, ou seja, de que a noção de formação penetrasse, profundamente, em todos os setores da vida pública e privada e, dessa forma, a formação seria abrangente. Nesse sentido, a educação cívica, moral e patriótica teria uma forte presença.

É possível afirmar que essa formação, por meio desses saberes, fez parte das estratégias editoriais da revista em exame: desenvolver novas atitudes em crianças e jovens pela força da educação. Internalização do que se entendia como nacionalismo e civismo. O que justifica a presença de pequenos textos na seção “Meu Jornal” que versavam sobre os símbolos nacionais, como a Bandeira Nacional; presença de datas cívicas, como o dia 7 de Setembro, valorização do trabalhador, entre outros, ou seja, uma quase “perfeita comunidade de destinos” ou uma ação transformadora de crianças e jovens. O combo de novos valores que devem ser praticados pelas crianças e jovens, para se tornarem adultos éticos, praticantes da moralidade e instruídos, incluía a educação e esta os formava para serem os futuros “salvadores” da Pátria.

Por conseguinte, como pessoas são profusões de muitas vidas (Lopes, 2018) e o imenso formigamento de vestígios verbais que as crianças e os jovens deixaram publicados na seção “Meu Jornal”, “falaram” tantas linguagens que nos possibilitaram vivenciar múltiplos *encontros narrados*. Não para extrair desses *encontros narrados* ou desses discursos a verdade, mas para cotejar, no sentido bakhtiniano, ainda que de forma tímida, feixes de relações entre os escritos aqui selecionados e publicados na seção “Meu Jornal”. Exemplos dessa análise foi a finalização da escrita da criança



João Bosco. Não se pode negar que João Bosco problematiza a mensagem positiva da experiência trabalhadora do bicho-da-seda, ao afirmar que aquele inseto tecia sua própria prisão. Infere-se que, de alguma forma, foi-lhe passado, por meio de um outro texto ou de uma outra palavra, que o trabalho é dignificante, mas, ainda assim, João Bosco reagia a essa mensagem.

O estudo demonstrou que as publicações das crianças e dos jovens confrontavam com o cenário político de base ufanista por meio de metáforas, como o caso da história do bicho-da-seda e as narrativas de humor ácido, com a morte do professor em sala de aula. Este último recurso foi utilizado pelas crianças e pelos jovens para conseguirem criticar a dura disciplina a que eram submetidos nas escolas. Ou ainda, a frase expressiva de Maria da Conceição: “Fé para que possamos beber resignadamente o cálice da amargura”<sup>16</sup>.

Nesse sentido, posso afirmar que a pesquisa cumpriu o objetivo geral, ou seja, que a revista **O Tico-Tico** foi parte de uma teia de relações políticas e culturais, bem como uma unidade da Literatura. Para alcançar tal intento, busquei identificar as faixas etárias das crianças e dos jovens que publicavam textos no encarte “Meu Jornal”. Assim, foi possível apontar os recursos (poesias, rimas, entre outros) que as crianças usaram para enviar suas escritas para o encarte da revista, possibilitando, dessa forma, identificar e analisar as temáticas presentes nas publicações das crianças e dos jovens.

Reconheço que outras investigações seriam possíveis; no entanto, toda pesquisa é marcada pela necessidade de um ponto final constrangida pelo tempo e pelos próprios limites da investigação. Esses limites me levaram a refletir sobre as fracas luzes que iluminaram os editores e ilustradores da revista em análise. Que outras relações aqueles intelectuais editores e ilustradores seriam possíveis de investigar? Este novo investimento investigativo demonstraria tensões nas aproximações daqueles sujeitos com o projeto de construção nacional preconizado por Vargas? O capitalismo tipográfico que se encontrava em pleno desenvolvimento à época trazia vanguardas estéticas, como as histórias coloridas da revista **O Tico-Tico** desde o seu primeiro número, em 1905. Nesse sentido, quais *outros encontros de vidas* seriam possíveis de virem a lume que escapassem daquele *ideal varguista* de formação de crianças e jovens?

---

<sup>16</sup> Ano: 1937; Edição: 1653. Maria da Conceição de Magalhães – 14 anos.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. **A revista “O Tico-Tico” e a escrita infantil em circulação no encarte “Meu Jornal”**: seus autores e leitores (1935-1940). 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.
- ALMEIDA Cíntia Borges de; COSTA, Aline Santos. Para a Petizada Innocente: encanto, diversão e lições de conduta na revista *O Tico-Tico* (1905-1910). **Revista Teias**, v. 16, n. 41, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br>. Acesso em: 18 abr. 2023.
- AMICIS, Edmond. **Cuore**. Tradução: Maria Valéria Rezende. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- ARAÚJO, Michell Pedruzzi Mendes; DIAS, Israel Rocha. Entrevista com o professor Valdemir Miotello sobre Bakhtin e as perspectivas para as pesquisas na área da educação. **Textura – Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 21, n. 46, abr./jun. 2019.
- ARENDDT, Hannah. **O Que é política?** 3. ed. Organização: Ursula Ludz. Prefácio: Kurt Sontheimer. Tradução: Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- AZEVEDO, Ezequiel de. **O Tico-Tico**: cem anos de revista. 1. ed. São Paulo: Via Lettera, 2005.
- BARROS, José D’Assunção. **O campo da História**: especialidades e abordagens. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BARROS, Manuel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. Antologia.
- BATISTA, Marllon Sérgio Soares. **História e Educação**: o papel do professor na Era Vargas (1930-1945). Disponível em: <https://ri.ufs.br>. Acesso em: 24 set. 2022.
- BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro; SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (org.). 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos, v. 20).
- BRUNO, G. **Le tour de la France par deux enfants devoir et patrie**. Paris: Librairie Classique Eugène Belin et Fils, 1884.

CARDOSO, Athos Eichler. **J. Carlos e os primeiros personagens infantis das HQs Brasileiras**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br › pdfs>. PDF. Acesso em: 3 out. 2022.

COELHO, Gilberto. **Poema**. Disponível em: <https://www.trabalhosfeitos.com>. Acesso em: 22 mar. 2022.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. São Paulo: Paz & Terra, 1986.

DEMO, Pedro. **Metodologia da investigação em educação**. Curitiba: Ibepex, 2005.

DIAS, Gonçalves. **“Canção do exílio”**. Belo Horizonte: Dimensão, 2011.

DONATELLI, Dante Donato Filho. O sentido da memória. **Revista Cidade**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 104-108, maio, 1996.

ENDRICA, Geraldo. **“O perigo Alienígena”**: Política Imigratória e pensamento racial no Governo Vargas (1930-1945). 2007. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br>. Acesso em: 22 ago. 2023.

FABRIZIO, M.; MORAES, V.; MOREA, G.; TOQUINHO. **Aquarela**. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004. (Coleção Mundo da Criança).

FARIA FILHO, Luciano; LOPES, Eliane (org.). **500 Anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FERREIRA Júnior, Amarílio. **História da Educação Brasileira**: da Colônia ao século XX. São Carlos: EdUFSCar, 2010. (Coleção UAB-UFSCar).

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. 4. ed. rev. São Paulo: Moraes, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GONÇALVES, Roberta Ferreira. **A escola disfarçada em brincadeiras**: intelectuais e ideias na criação da revista *O Tico-Tico*. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>. Acesso em: 20 fev. 2022.

- GONÇALVES, Roberta Ferreira. **As aventuras d'O Tico-Tico: formação infantil no Brasil Republicano (1905-1962)**. 2019. 360 f. Tese (Doutorado em História). Disponível em: <http://www.historia.uff.br>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- GONDRA, José Gonçalves; NERY, Ana Clara Bortoleto (org.). **Imprensa Pedagógica na Iberoamérica: local, nacional e transnacional**. São Paulo: Alameda, 2018.
- GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca Básica da História da Educação Brasileira).
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Mirando e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. da PUC-Rio, 2016.
- HANSEN, Patrícia Santos. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**. 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. (Coleção Documentos Brasileiros).
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- INSTITUTO ANTARES. **Almanaque do Tico-Tico**. Rio de Janeiro: Consultor, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. **História dos conceitos**. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. v. 29. Série I.
- LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados**. Porto Alegre: Mediação, 2018.
- LOPES, Luciana Gomes. **O Tico-Tico, o nacional e os quadrinhos durante a Primeira República (1905-1910)**. 2021. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://tede.ufrj.br>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- MATTOS, Ilmar R. de. **O Tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo**. 1. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2020. 176 p.

NASCIMENTO, Maria Cristina Perigo do. **Aventuras do Magistério**: a revista do professor, Porto Alegre/RS, e as representações na seção “humor” (1985-2011). 2018. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br>. Acesso em: 24 mar. 2023.

NUNES, Clarice. Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca. *In*: HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. **Missionários do progresso**: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1937. 10. ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 155-224.

ORICO, Oswaldo. **Contos da Mãe Preta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Infantil d’O Tico- Tico, 1933. v. 1. Série I.

ORICO, Oswaldo. **Historias de Pae João**. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Infantil d’O Tico-Tico, 1934. v. 11. Série I.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. As ideias dos intelectuais vinculados à UNESCO expressas na obra *Art et éducation* (1951-1954). *In*: VIEIRA, Carlos Eduardo; OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda; OSINSKI, Dulce Regina Baggio (org.). **História intelectual e educação**: artes, artistas e projetos estéticos. Jundiaí, SP: Paco, 2019. p. 91-118.

PAIVA, Fábio da Silva. **Histórias em Quadrinhos na educação**: memórias, resultados e dados. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/.../Histórias%20em%20Quadrinhos%20na%20Ed>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PATROCLO, Luciana Borges. As mães de famílias futuras: a revista *O Tico-Tico* e a formação das meninas brasileiras (1905-1925). **Cadernos de História da Educação**, v. 18, n. 3, p. 731-748, set./dez. 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br> > scielo. Acesso em: 24 jun. 2023.

PRADO Júnior, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1942.

REGO, José Lins do. **Histórias da Velha Totônia**. 21. ed. São Paulo: José Olympio, 2010.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 01, Editora O Malho, 1905. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br>tico>. Acesso em: 21 maio, 2022.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 67, Editora O Malho, 1907a. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br>tico>. Acesso em: 21 maio, 2022.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 85, Editora O Malho, 1907b. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br>tico>. Acesso em: 21 maio, 2022.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 433, Editora O Malho, 1914.  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2022.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1216, Editora O Malho, 1929  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2022.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1538, Editora O Malho, 1935a  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2022.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1557, Editora O Malho, 1935b  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2022.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1574, Editora O Malho, 1935c  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2022.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1609, Editora O Malho, 1936a  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1616, Editora O Malho, 1936b  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1653, Editora O Malho, 1937a  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1664, Editora O Malho, 1937b  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1672, Editora O Malho, 1937c  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1706, Editora O Malho, 1938a  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1727, Editora O Malho, 1938b  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1733, Editora O Malho, 1938c  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1739, Editora O Malho, 1939a  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1759, Editora O Malho, 1939b  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1767, Editora O Malho, 1939c  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVISTA O TICO-TICO. Rio de Janeiro. Edição 1790, Editora O Malho, 1940  
Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/tico>. Acesso em: 21 maio, 2023.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. *In*: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SALEM, Nazina. **História da Literatura Infantil**. [S. l.]: Mestre Jou, 1959.

SANTOS, Roberto Elísio; VERGUEIRO, Waldomiro. **O Tico-Tico**: Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil. 1. ed. Vinhedo, SP: Opera, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Aline Luiza da. Trajetória da Literatura Infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. **REGRAD** – Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM, Marília, São Paulo, v. 2, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br>. Acesso em: 1 jun. 2022.

TEIXEIRA, Anísio S. **A educação e a crise brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série 3ª, Atualidades Pedagógicas, v. 64).

TROVÃO, Lopes. Discurso do Senador Lopes Trovão. [Brasil. Lei n. 104, de 11 de setembro de 1896]. *In*: HANSEN, Patrícia Santos. **Brasil um país novo**: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República. Disponível em: <https://www.teses.usp.br>. Acesso em: 20 jun. 2023.

VEIGA, Cynthia Greive. A escolarização como projeto de civilização. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 21, p. 90-103, set./out./nov./dez. 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VEIGA, Cynthia Greive. Pensando com Elias as relações entre Sociologia e História da Educação. *In*: FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Pensadores sociais e história da educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 145-172.

**APÊNDICE A – Levantamento das publicações na seção “Meu  
Jornal”(1935-1940)**

Quadro 10 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1935

<b>ANO DE 1935</b>			
<b>TÍTULO</b>	<b>TEMÁTICA</b>	<b>TIPO TEXTUAL</b>	<b>IDADE/ SEXO</b>
VIRTUDES DIVINAS	Moralidade	Injuntivo	7 anos/ feminino
A FEIRA DE AMOSTRAS	Informativo	Descritivo	7 anos/ feminino
O GATO PIRATA	Entretenimento	Narrativo	7 anos/ feminino
O TEIMOSO	Ético	Descritivo	7 anos/ masculino
FLÁVIA	Ético	Narrativo com trecho de provérbio	7 anos/ masculino
AS TRAVESSURAS DA ZEZÉ	Entretenimento	Descritivo	8 anos/ masculino
UM CASTELO	Entretenimento	Descritivo	8 anos/ feminino
A MÃE E O FILHO	Ético	Narrativo	8 anos/ feminino
A DESOBEDIENTE	Ético	Narrativo	8 anos/ feminino
O CACHORRINHO	Entretenimento	Descritivo	9 anos/ feminino
A MOÇA ROMÂNTICA	Entretenimento	Descritivo	9 anos/ feminino
O MURUCUTUTU	Entretenimento	Descritivo	9 anos/ feminino
AS MÁIS COMPANHIAS	Ético	Narrativo	9 anos/ feminino



7 DE SETEMBRO DE 1822	Civismo	Expositivo	9 anos/ masculino
O CONSERTADOR DE NARIZ	Entretenimento	Narrativo	9 anos/ masculino
O MAMÃO	Entretenimento	Descritivo	9 anos/ masculino
PAISAGEM CAMPESTRE	Informativo	Narrativo	10 anos/ feminino
O BEBÊ	Entretenimento	Narrativo na forma de poema com partes rimadas	10 anos/ feminino
O TICO-TICO	Informativo	Expositivo	10 anos/ feminino
A VINGANÇA DO PEQUENO CHAPÉU	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
O ÁLCOOL	Informativo	Expositivo	10 anos/ masculino
A JUSTIÇA	Entretenimento	Descritivo com um trecho de provérbio	10 anos/ masculino
O MARANHÃO E OS FRANCESES	Informativo	Expositivo	10 anos/ masculino
O MENINO POBRE	Ético	Descritivo	10 anos/ masculino
SERMÃO A LADRÕES	Ético	Descritivo	10 anos/ masculino
AS TRÊS MARIAS	Informativo	Descritivo	10 anos/ masculino
O BARQUEIRO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino

ANEDOTA	Entretenimento	Narrativo humorístico	11 anos/ masculino
A BOA MENINA	Ético	Narrativo	11 anos/ feminino
O CASTIGO DA MALDADE	Ético	Narrativo com trecho contendo um provérbio	11 anos/ feminino
A FIRME RESOLUÇÃO	Ético	Descritivo	11 anos/ masculino
MEU BRASIL	Civismo	Narrativo na forma de poema com partes rimadas	11 anos/ masculino
O CASTIGO BEM MERECIDO	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino
DEUS LHE PAGUE	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
A TRISTE MORTE DE PLUTÃO	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
ANEDOTAS	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
O POVO FENÍCIO	Informativo	Expositivo	11 anos/ masculino
O GATO E O RATO	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
A ROSEIRA	Entretenimento	Descritivo com rima	11 anos/ feminino
FEIOSA	Ético	Narrativo	11 anos/ feminino
AS TRÊS CRIADAS	Ético	Narrativo na forma de fábula	11 anos/ feminino

A PRINCESA E A MENDIGA	Ético	Narrativo na forma de fábula	11 anos/ masculino
O BODE	Entretenimento	Narrativo com o uso de rima	12 anos/ masculino
A PULSEIRA ROUBADA	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ feminino
COMO UM POBRE TORNA-SE RICO	Ético	Narrativo com trecho de provérbio	12 anos/ feminino
A BANDEIRA BRASILEIRA	Civismo	Expositivo	12 anos/ feminino
A BAIA DE GUANABARA	Informativo	Expositivo	12 anos/ feminino
A FAZENDA BOA ESPERANÇA	Ético	Descritivo	12 anos/ feminino
A FAZENDA	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ feminino
A DESOBEDIÊNCIA	Ético	Narrativo	12 anos/ masculino
O ESPIRRO DO BICHO HOMEM	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
O CHOPIM E OS FILHOS	Informativo	Narrativo	12 anos/ masculino
QUEM MUITO QUER	Ético	Descritivo com trecho contendo um provérbio	12 anos/ masculino
A MALDADE DA VELHA	Ético	Narrativo	12 anos/ feminino
O BOM E O MAU CORAÇÃO	Ético	Descritivo	12 anos/ feminino
O MACACO E O COELHO	Entretenimento	Narrativo com o uso de rima	12 anos/ masculino

A ORIGEM DA EXPRESSÃO ERA OUTRA VEZ	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO	Ético	Descritivo	12 anos/ feminino
A ROSEIRA	Entretenimento	Descritivo com rima	12 anos/ feminino
O GURI NÃO É DA MÚSICA	Entretenimento	Narrativo com trechos de música de ninar	12 anos/ feminino
A JUSTIÇA	Entretenimento	Narrativo com trecho de provérbio	12 anos/ feminino
ÚLTIMO DIA	Educação	Descritivo	12 anos/ feminino
A MALDADE CASTIGADA	Ético	Narrativo Conto de fadas	12 anos/ feminino
AS DUAS IRMÃS	Ético	Descritivo	12 anos/ feminino
MINAS	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ masculino
O JORNALEIRO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
O MENINO ESTUDIOSO	Ético	Narrativo	12 anos/ masculino
O RATINHO	Ético	Narrativo	13 anos/ masculino
VERSOS	Entretenimento	Narrativo versos em forma de rima	13 anos/ masculino
HISTORIA DO GATO	Informativo	Expositivo	13 anos/ masculino

HISTÓRIA DO MACACO E A VIOLA	Entretenimento	Narrativo com trechos de música na forma de rima	13 anos/ masculino
O FLAUTISTA	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
O RIO	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
BELEZAS EM DUAS FESTAS	Entretenimento	Narrativo Conto de fadas	13 anos/ feminino
O LADRÃO	Ético	Narrativo	13 anos/ feminino
SURPRESA	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ feminino
O CAFÉ	Informativo	Expositivo	13 anos/ feminino
O DIA DA AMÉRICA	Informativo	Descritivo	13 anos/ feminino
O MENINO BEM-EDUCADO	Moralidade	Narrativo	14 anos/ masculino
O CINEMA	Informativo	Expositivo	14 anos/ feminino
INOCÊNCIA	Entretenimento	Narrativo na forma de poema rimado	15 anos/ feminino

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 11 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1936

<b>ANO DE 1936</b>			
<b>TÍTULO</b>	<b>TEMÁTICA</b>	<b>TIPO TEXTUAL</b>	<b>IDADE/ SEXO</b>
UM MENINO MAU	Ético	Narrativo	7 anos/ feminino
O MALVADO	Ético	Narrativo	7 anos/ feminino
HISTÓRIA DOS BONEQUINHOS	Entretenimento	Narrativo	7 anos/ feminino
A CEGONHA E A RAPOSA	Entretenimento	Narrativo	7 anos/ feminino
A BANDEIRA	Cívico	Descritivo	7 anos/ masculino
O TEMPO	Entretenimento	Narrativo contendo apenas um trecho em forma de rima	7 anos/ masculino
O cão	Entretenimento	Descritivo	8 anos/ feminino
O DESOBEDIENTE	Ético	Narrativo	8 anos/ feminino
HISTÓRIA DE NATAL	Ético	Narrativo	8 anos/ feminino
O POBRE CEGO	Ético	Narrativo na forma de fábula	8 anos/ feminino
AS DUAS MENINAS	Ético	Descritivo Fábula	9 anos/ feminino
ORGULHOSO CASTIGO	Ético	Narrativo Fábula	9 anos/ feminino

A LENDA DA BANDEIRA	Ético	Narrativo na forma de lenda	9 anos/ feminino
A EMPREGADA MALUCA	Entretenimento	Narrativo com trecho de receita culinária	9 anos/ masculino
VELHICE AMPARADA	Entretenimento	Narrativo	9 anos/ masculino
O VALENTÃO	Entretenimento	Narrativo	9 anos/ masculino
O MENDIGO	Entretenimento	Narrativo	9 anos/ masculino
O ORGULHOSO	Ético	Narrativo	9 anos/ masculino
MENINO DESOBEDIENTE	Ético	Narrativo	9 anos/ masculino
O MENINO ORGULHOSO	Ético	Narrativo	9 anos/ masculino
OS FAQUINHAS	Informativo	Expositivo	9 anos/ masculino
OS GRILINHOS	Informativo	Expositivo	9 anos/ masculino
CRISTÓVÃO COLOMBO	Informativo	Expositivo	10 anos/ masculino
ESTADOS FÍSICOS DOS CORPOS	Informativo	Expositivo	10 anos/ masculino
O COELHO E O JABOTI	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino
ANEDOTA	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino
A NOITE DE SÃO JOÃO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino

UMA VISITA INESPERADA	Entretenimento	Descritivo	10 anos/ masculino
ESCOCESES	Informativo	Narrativo	10 anos/ masculino
FÉRIAS DE INVERNO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino
ENTRE JUDEUS	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino
TARDE	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino
UMA CARTA AO PAPAI	Entretenimento	Narrativo com trechos na forma de carta	10 anos/ masculino
A DESOBEDIÊNCIA	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
O TEIMOSO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
A GALINHA RUIVA	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
POMBA AZUL	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
JIMBAÚBA	Educação	Descritivo	10 anos/ feminino
A MINA DE PETRÓLEO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
SAUDADES	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
ANEDOTAS	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
A BOLA DE SABÃO	Entretenimento	Descritivo	10 anos/ feminino
O VENTO	Entretenimento	Descritivo	10 anos/ feminino



CASTRO ALVES	Informativo	Expositivo	10 anos/ feminino
GIOTTO	Informativo	Expositivo	10 anos/ feminino
AS FRUTAS	Informativo	Descritivo com estrofes na forma de rima	10 anos/ feminino
ERA NOITE DE SÃO JOÃO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
A CASA DAS ANDORINHAS	Informativo	Expositivo	10 anos/ feminino
O CAIR DA TARDE	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
TEATRO NO BRASIL	Informativo	Expositivo	11 anos/ masculino
GRANDE SURPRESA	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
O MEDO	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
INGRATIDÃO	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino
CONTO	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino
A VIAGEM DE SEU CHICO	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ masculino
HISTÓRIA DE UM SABIÁ	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ masculino
NOITE DE TROVOADA	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ masculino
MEU JARDIM	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ feminino

O BEM-TE-VI	Entretenimento	Descritivo com estrofe na forma de rima	11 anos/ feminino
UM DESASTRE	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ feminino
NOITES TRADICIONAIS	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ feminino
TODO SERVIÇO MERECE RECOMPENSA	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ feminino
SANTOS DUMOND	Informativo	Expositivo	11 anos/ feminino
A ÁRVORE	Ético	Descritivo	11 anos/ feminino
AS ÁRVORES	Informativo	Descritivo	11 anos/ feminino
O ORGULHOSO	Ético	Narrativo	11 anos/ feminino
A ÁGUA DA FONTE DE GUARACHÚ	Ético	Narrativo Conto de fada	11 anos/ feminino
A CARIDADE	Ético	Narrativo	11 anos/ feminino
GUERRA E PAZ	Moralidade	Narrativo	12 anos/ masculino
NA RUA	Informativo	Narrativo	
AS ÁRVORES	Informativo	Expositivo	12 anos/ masculino
O RATO DA DISPENSA	Informativo	Narrativo com um trecho de um provérbio	12 anos/ masculino
HUMORISMO	Entretenimento	Narrativo na forma de piada	12 anos/ masculino

O POBRE JORNALEIRO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
A RAPOSA E O VEADO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
DOIS AMIGOS	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
O MATUTO MINEIRO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
HOJE E AMANHÃ	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
O CASTIGO	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ masculino
O BOM MENINO	Ético	Descritivo	12 anos/ masculino
A BANDEIRA BRASILEIRA	Cívico	Descritivo	12 anos/ masculino
UM CASTIGO	Ético	Narrativo	12 anos/ masculino
PAISAGEM	Informativo	Descritivo	12 anos/ feminino
DIA DE VERÃO	Informativo	Descritivo	12 anos/ feminino
LIA	Ético	Narrativo	12 anos/ feminino
MEU BRASIL	Civismo	Narrativo com estrofes em forma de rimas	12 anos/ feminino
IMPRESSÃO SOBRE CORRIDAS EM SÃO PAULO	Informativo	Narrativo	12 anos/ feminino

A MANDIOCA	Informativo	Narrativo . Lenda	12 anos/ feminino
NATAL	Informativo	Expositivo	12 anos/ feminino
O BURRO	Informativo	Expositivo	12 anos/ feminino
A ESTRADA DE FERRO	Informativo	Expositivo	12 anos/ feminino
SONHO	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ feminino
O PÔR-DO-SOL	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ feminino
PRIMEIRO ANO NO COLÉGIO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ feminino
A CARIDADE	Ético	Narrativo	13 anos/ masculino
O LIVRO	Educação	Narrativo	13 anos/ masculino
ESTRELA DE NATAL	Entretenimento	Descritivo	13 anos/ masculino
A INSTRUÇÃO	Educação	Descritivo	13 anos/ masculino
DEUS	Ético	Narrativo	13 anos/ masculino
MINHA PÁTRIA	Cívico	Descritivo com estrofes em forma de rimas	13 anos/ masculino
JUVENAL	Entretenimento	Descritivo	13 anos/ masculino
O GRILO	Entretenimento	Descritivo	13 anos/ masculino
O REGENERADO	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino

UM CASTIGO	Ético	Narrativo	13 anos/ masculino
FÁBULA RUSSA	Ético	Narrativo	13 anos/ masculino
O ÁLCOOL	Informativo	Expositivo	13 anos/ masculino
UMA PAISAGEM PAULISTA	Informativo	Expositivo	13 anos/ feminino
O PRESEPE	Informativo	Expositivo	13 anos/ feminino
UM PIQUENIQUE NO ALTO DA BOA VISTA	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ feminino
PRESENÇA DE ESPÍRITO	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ feminino
AS TRÊS BOLAS	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ feminino
TUDO QUE DEUS FAZ ESTÁ BEM FEITO	Entretenimento	Descritivo	13 anos/ feminino
A CASINHA DOS ANÕES	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ feminino
MENDIGO	Ético	Narrativo	13 anos/ feminino
O CASTIGO DO PRÍNCIPE	Ético	Narrativo	13 anos/ feminino
AS ARANHAS	Informativo	Descritivo Conto de fadas com trecho de provérbio	14 anos/ masculino
CIDADE DO RIO DE JANEIRO	Informativo	Expositivo	14 anos/ masculino

O CAFÉ	Informativo	Expositivo	14 anos/ masculino
AVENTURAS DO BURRO BOFETADA	Entretenimento	Narrativo com poema em forma de rima	14 anos/ masculino
A LIBERDADE	Moralidade	Narrativo	14 anos/ masculino
A MÁ COMPANHIA	Ético	Descritivo	14 anos/ masculino
A FESTA DOS POMBOS BRANCOS	Entretenimento	Narrativo	14 anos/ masculino
A BONDADE	Ético	Narrativo	14 anos/ feminino
O BONDOSO	Entretenimento	Descritivo com estrofe na forma de rima	14 anos/ feminino
O DESOBEDIENTE	Ético	Descritivo	14 anos/ feminino
SÃO JOÃO	Informativo	Narrativo com trecho de música de festa junina	14 anos/ feminino
GENEROSA AÇÃO	Ético	Descritivo	14 anos/ masculino
CARLOS E A BICICLETA	Entretenimento	Narrativo	14 anos/ masculino
A CAÇADA	Entretenimento	Narrativo	14 anos/ masculino
UM EGOÍSTA	Ético	Narrativo	14 anos/ masculino
A MADRINHA DO ANÃO	Entretenimento	Descritivo	15 anos/ feminino

FESTA DE SÃO JOÃO	Entretenimento	Descritivo	15 anos/ masculino
VERSIINHOS	Entretenimento	Narrativo com estrofes na forma de rima	15 anos/ masculino
A DOR DO VOVÔ	Entretenimento	Narrativo com estrofes na forma de rima	15 anos/ masculino
JESUS	Ético	Narrativo	15 anos/ masculino
O TICO-TICO	Informativo	Expositivo	6 anos/ feminino

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 12 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1937

<b>ANO DE 1937</b>			
<b>TÍTULO</b>	<b>TEMÁTICA</b>	<b>TIPO TEXTUAL</b>	<b>IDADE/ SEXO</b>
A ONÇA E O URSO	Ético	Narrativo	6 anos/ feminino
O CAÇADOR	Entretenimento	Narrativo	7 anos/ masculino
O CASTIGO DA DESOBEDIÊNCIA	Ético	Narrativo	7 anos/ feminino
RIO DE JANEIRO	Informativo	Expositivo	7 anos/ feminino
NERO	Informativo	Expositivo	7 anos/ feminino
A MENINA PREGUIÇOSA	Ético	Narrativo	7 anos/ feminino
O GULOSO	Ético	Narrativo	7 anos/ feminino
NOITE DE SÃO JOÃO	Entretenimento	Narrativo	7 anos/ feminino
7 DE SETEMBRO	Informativo	Narrativo	8 anos/ masculino
O CASEBRE ABANDONADO	Entretenimento	Narrativo	8 anos/ masculino
O SAPO E A RÃ	Entretenimento	Narrativo	8 anos/ masculino
JUCA E TITA	Entretenimento	Descritivo	8 anos/ masculino
MANECO O MENTIROSO	Ético	Narrativo	8 anos/ masculino



O TEIMOSO	Ético	Narrativo	8 anos/ masculino
O POBRE MENTIROSO	Ético	Narrativo	8 anos/ masculino
A BOA MENINA	Ético	Narrativo	8 anos/ feminino
A GALINHA E OS OVOS DE OURO	Ético	Narrativa na forma de fábula	8 anos/ feminino
ANOITECENDO	Informativo	Narrativo	8 anos/ feminino
O CASTIGO DA GULODICE	Ético	Narrativo	8 anos/ feminino
RAFAEL	Informativo	Expositivo	9 anos/ masculino
O CASTIGO	Ético	Narrativo	9 anos/ feminino
UM PASSEIO	Informativo	Narrativo	9 anos/ feminino
HISTÓRIA DA FORMIGUINHA	Informativo	Narrativo	9 anos/ feminino
UM PASSEIO A NITERÓI	Informativo	Narrativo	9 anos/ feminino
MARIO	Ético	Narrativo	9 anos/ feminino
PAZES	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino
A HISTÓRIA DO TICO- TICO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino
OS DOIS BURROS	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino

O PRÍNCIPE ENCANTADO	Entretenimento	Narrativo Conto de fadas	10 anos/ masculino
UMA VIAGEM NO TREM ELÉTRICO	Entretenimento	Descritivo	10 anos/ masculino
UM BOM FILHO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
O MENINO MALVADO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
A MENINA CARIDOSA	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
O AVARENTO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
O MENINO MALCRIADO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
MALDADE CASTIGADA	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
O GULOSO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
A GULOSA	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
BOM CORAÇÃO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
A PREGUIÇOSA	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
UMA BOA AÇÃO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
GENEROSIDADE RECOMPENSADA	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
O BOTÃO DE ROSA E A CRIANÇA	Informativo	Descritivo	10 anos/ masculino

O MESTRE E O JARDINEIRO	Entretenimento	Descritivo	10 anos/ feminino
CONTO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
ELES SE DEFENDEM	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
O MISTÉRIO DA MONTANHA	Entretenimento	Narrativo Conto de fadas	11 anos/ masculino
MANOEL ESTAVA TRISTE	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
O PRÊMIO DA VALENTIA	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
DE MANHÃ	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
OS MISTERIOSOS BANDIDOS E VITORIOSO KIT	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
MINHA CASA	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ masculino
O AMANHECER	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ masculino
OS DOIS MENINOS	Ético	Descritivo	11 anos/ masculino
OS BANDEIRANTES	Informativo	Expositivo	11 anos/ masculino
BANDEIRA BRASILEIRA	Civismo	Descritivo	11 anos/ masculino
UMA LIÇÃO DE FÍSICA	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino
O GATINHO GULOSO	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino

MÁRIO O VENDEDOR DE FÓSFORO	Ético	Narrativo	11 anos/ feminino
O CASTIGO	Ético	Narrativo	11 anos/ feminino
O MENINO MALCRIADO	Ético	Narrativo	11 anos/ feminino
DONA OLGA	Informativo	Descritivo	11 anos/ feminino
DESEJO INFANTIL	Entretenimento	Narrativo com estrofe na forma de rima	11 anos/ feminino
A MENINA PERDIDA	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ feminino
EU TENHO UMA BONECA ASSIM	Entretenimento	Narrativo com um trecho de canção de ninar	11 anos/ feminino
CORNÉLIA, MÃE DOS GRACHOS	Informativo	Descritivo	11 anos/ feminino
A ABELHINHA DO BOSQUE	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ feminino
MENTIRAS	Entretenimento	Narrativo com estrofe na forma de rima	12 anos/ masculino
TEATRINHO DE CRIANÇAS	Entretenimento	Narrativo na forma de peça de teatro	12 anos/ masculino
SÃO JOÃO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
A BRAVURA DOS CÃES	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino

DEVE-SE TER HORA PRA TUDO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
TRISTE NATAL MÃE E FILHO	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ masculino
ELAZINHA	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ masculino
O MENINO DESOBEDIENTE	Ético	Narrativo	12 anos/ masculino
OS PÊSSEGOS	Ético	Narrativo	12 anos/ masculino
CORAGEM E COVARDA	Ético	Narrativo	12 anos/ masculino
A RIQUEZA DAS MONTANHAS	Ético	Descritivo	12 anos/ masculino
NASCIMENTO DE JESUS	Informativo	Expositivo	12 anos/ masculino
A BALEIA	Informativo	Expositivo	12 anos/ masculino
CONTESTANDO A CRENÇA POPULAR	Informativo	Expositivo	12 anos/ masculino
MORTE DE ESTÁCIO DE SÁ	Informativo	Expositivo	12 anos/ masculino
AERONAUTICA	Informativo	Expositivo	12 anos/ masculino
TARDE DE OUTONO	Informativo	Expositivo	12 anos/ masculino
A CURIOSA	Ético	Narrativo	12 anos/ feminino
AS TRÊS CRIADAS	Ético	Narrativo Fábula	12 anos/ feminino

A IGNORÂNCIA	Moralidade	Narrativo	12 anos/ feminino
A IRMÃ DA CARIDADE	Informativo	Expositivo	12 anos/ feminino
COMPOSIÇÃO	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ feminino
SAÚNA	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ feminino
25 DE DEZEMBRO	Entretenimento	Descritivo	12 anos/ feminino
O MENINO E O BICHO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ feminino
A MENINA E O LOBO	Entretenimento	Narrativo Conto de fadas	12 anos/ feminino
UM PASSEIO MARÍTIMO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
IBICUÍ	Informativo	Expositivo	13 anos/ masculino
UM ALAGOANO NOTÁVEL	Informativo	Expositivo	13 anos/ masculino
O DERRADEIRO BABILÔNIO	Informativo	Expositivo	13 anos/ masculino
RIO E SÃO PAULO	Informativo	Expositivo com estrofe na forma de rima	13 anos/ masculino
O DESCUIDADO	Informativo	Narrativo	13 anos/ masculino
A MINHA CARREIRA	Educação	Narrativo	13 anos/ masculino

A ECONOMIA	Ético	Narrativo Fábula	13 anos/ masculino
TARDE A BEIRA MAR	Entretenimento	Descritivo com estrofe na forma de rima	13 anos/ masculino
SEGREDOS QUE O AMOR ESCONDE	Entretenimento	Descritivo com estrofe de canção sobre o mar	13 anos/ masculino
PINTOR	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
O LEÃO E O RATO	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
O MENINO BOBO	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
7 DE SETEMBRO	Cívico	Narrativo	13 anos/ masculino
AVE MARIA	Moralidade	Descritivo	13 anos/ feminino
O VELHO REI	Ético	Descritivo	13 anos/ feminino
ALELUIA	Informativo	Expositivo	13 anos/ feminino
O PALHAÇO	Entretenimento	Narrativo com trecho do poema de Raimundo Correia	13 anos/ feminino
A RECOMPENSA DE UM BOM FILHO	Ético	Narrativo .Conto de fadas	13 anos/ feminino
VÉSPERA DE EXAME	Educação	Descritivo	13 anos/ feminino

MÃE E FILHO	Entretenimento	Narrativo	14 anos/ masculino
COELHO NETO	Informativo	Expositivo	14 anos/ masculino
AMOR DE MÃE	Ético	Narrativo com um trecho de provérbio	14 anos/ masculino
FELICIDADE MERECEIDA	Ético	Narrativo	14 anos/ masculino
A MINHA CASA	Entretenimento	Descritivo	14 anos/ feminino
A INVEJA DAS MÁIS COLEGAS	Ético	Descritivo	14 anos/ feminino
O CARVALHO E O BEIJA-FLOR	Ético	Descritivo	14 anos/ feminino
O VELHO MESTRE	Entretenimento	Narrativo	14 anos/ feminino
AS FLORES	Informativo	Expositivo	14 anos/ feminino
O DIA DA PÁTRIA	Cívico	Narrativo com trechos da música do Hino Nacional brasileiro	15 anos/ masculino
O SABIÁ	Entretenimento	Narrativo com estrofe na forma de rima	15 anos/ masculino
HISTÓRIA DOS TRÊS URSOS DE UMA MENINA	Entretenimento	Narrativo	15 anos/ masculino



ESPANTO GALINÁCEO	Entretenimento	Narrativo	15 anos/ feminino
O ORGULHO DO PATO	Entretenimento	Narrativo	15 anos/ feminino
O CARRO MAL- ASSOMBRADO	Entretenimento	Narrativo	15 anos/ feminino
BELO PASSEIO	Entretenimento	Descritivo	15 anos/ feminino
NA ESCOLA	Entretenimento	Narrativo	16 anos/ masculino
ANIMAIS DE PURO SANGUE	Informativo	Expositivo	17 anos/ masculino
UM MENINO CURIOSO	Ético	Narrativo	8 anos/ masculino

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 13 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1938

<b>ANO DE 1938</b>			
<b>TÍTULO</b>	<b>TEMÁTICA</b>	<b>TIPO TEXTUAL</b>	<b>IDADE/ SEXO</b>
O TIGRE	Informativo	Expositivo	8 anos/ feminino
A GLUTONA	Ético	Narrativo	8 anos/ feminino
UM DIA DE SOL NO CAMPO	Entretenimento	Narrativo	9 anos/ masculino
A BANDEIRA DO BRASIL	Cívico	Descritivo com estrofe na forma de rima	9 anos/ masculino
HISTÓRIA DE UM MENINO MAU	Ético	Narrativo	9 anos/ feminino
UM ANIVERSÁRIO	Entretenimento	Narrativo	9 anos/ feminino
A SOPA MARAVILHOSA	Entretenimento	Narrativo Conto de fadas	9 anos/ feminino
UMA HISTÓRIA	Entretenimento	Narrativo com trecho de carta	10 anos/ masculino
UM DIA DE CHUVA	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
CIDADE DE SANTO AMARO	Informativo	Expositivo	10 anos/ feminino
UM CURIOSO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino
A PRIMAVERA	Entretenimento	Descritivo	10 anos/ masculino

A HISTÓRIA DA FLOR	Informativo	Descritivo com estrofe na forma de rima	10 anos/ feminino
O PÔR-DO-SOL	Entretenimnto	Descritivo	10 anos/ feminino
O AMOR FILIAL	Ético	Narrativo	10 anos/ feminino
VÍCIOS	Informativo	Expositivo	11 anos/ masculino
UMA TARDE CHUVOSA	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ masculino
O MENINO TRAVESSO	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ masculino
CARLOS, O ESCOTEIRO VALENTE	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino
A MENINA CARIDOSA	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino
A CAÇADA	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ feminino
NA ROÇA	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ feminino
UM BATIZADO	Entretenimento	Descritivo	11 anos/ feminino
BOA NOITE	Informativo	Descritivo	11 anos/ feminino
15 DE NOVEMBRO	Cívico	Descritivo	12 anos/ masculino
JOÃO ANTÔNIO RIBEIRO	Cívico	Descritivo	12 anos/ masculino
O DIA DA RAÇA	Cívico	Descritivo	12 anos/ masculino

O DIA 4 DE SETEMBRO	Cívico	Narrativo	12 anos/ masculino
O GATINHO DE MARIA	Ético	Narrativo	12 anos/ masculino
A BRAVURA DE UM SOLDADO DE FOGO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
SEDUÇÃO DOS FILMES	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
UMA VIAGEM ACIDENTADA	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
GUERRA	Moralidade	Narrativo	12 anos/ masculino
UM CORAÇÃO QUE VALE POR MIL	Ético	Narrativo	12 anos/ feminino
CATARATA	Entretenimento	Descritivo com estrofe na forma de rima	12 anos/ feminino
A VOLTA AO COLÉGIO DEPOIS DAS FÉRIAS	Educação	Narrativo	12 anos/ feminino
O SERTANISTA	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
DESCRIÇÃO	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
QUE SONHO	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
O CEGO	Entretenimento	Descritivo	13 anos/ masculino
DIA DE CHUVA	Entretenimento	Descritivo	13 anos/ feminino
MESTRA	Educação	Descritivo	13 anos/ feminino

SÃO PAULO, GLÓRIA E PROGRESSO	Cívico	Descritivo	13 anos/ feminino
CREPÚSCULO	Entretenimento	Descritivo	13 anos/ feminino
MINHA MÃE	Entretenimento	Descritivo	13 anos/ feminino
DE UMA LEITORA	Entretenimento	Narrativo com texto no formato de carta	13 anos/ feminino
APRENDEMOS E FAÇAMOS SEMPRE	Ético	Narrativo. Religioso com livro da Bíblia, Eclesiastes	13 anos/ feminino
O ANO NOVO	Informativo	Expositivo	14 anos/ masculino
TIA MARIA	Entretenimento	Descritivo com trecho de canção de ninar	15 anos/ masculino
A ESCOLA	Educação	Descritivo	15 anos/ feminino

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 14 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1939

<b>ANO DE 1939</b>			
<b>TÍTULO</b>	<b>TEMÁTICA</b>	<b>TIPO TEXTUAL</b>	<b>IDADE/ SEXO</b>
A GRATIDÃO DE LULU	Entretenimento	Narrativo	8 anos/ masculino
O MENINO GULOSO	Ético	Narrativo	8 anos/ feminino
FELICIDADE	Ético	Narrativo	9 anos/ masculino
AS TESOURAS	Entretenimento	Narrativo	9 anos/ masculino
O SONHO	Entretenimento	Descritivo	9 anos/ feminino
O COELHO E A LEBRE	Entretenimento	Narrativo	9 anos/ feminino
O BOLINHA	Entretenimento	Narrativo	9 anos/ feminino
O VADIO	Ético	Narrativo	9 anos/ feminino
QUE BONITA AÇÃO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
HISTÓRIA DO MARRECO E DO COELHO	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
OS SOLDADOS	Cívico	Descritivo	10 anos/ masculino

A TEMPESTADE	Entretenimento	Descritivo	10 anos/ masculino
DESCOBERTA DO BRASIL	Cívico	Narrativo	10 anos/ feminino
A NOSSA MÃE	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
O AMOLADOR	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
CONTO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
AS DUAS MENINAS	Ético	Narrativo	10 anos/ feminino
O MILAGRE DE NOSSA SENHORA	Ético	Narrativo Religioso	10 anos/ feminino
UMA BOA AÇÃO NUNCA É PERDIDA	Ético	Narrativo com um trecho de provérbio	11 anos/ masculino
DESOBEDIENTE	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino
O POBRE	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino
O MENDIGO	Ético	Narrativo	11 anos/ masculino
CARAMURU E RAMALHO	Informativo	Expositivo	11 anos/ masculino
A CARIDADE	Ético	Narrativo	11 anos/ feminino
UM PIQUENIQUE	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ feminino

A GALINHA E OS PINTINHOS	Entretenimento	Narrativo	11 anos/ feminino
AMOR À PÁTRIA	Cívico	Narrativo	11 anos/ feminino
MINHA MÃE DO CÉU	Entretenimento	Descritivo Religioso	11 anos/ feminino
AVES	Informativo	Expositivo com estrofe na forma de rima	11 anos/ feminino
A DISTRAÇÃO DE PEDRO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
RI MELHOR QUEM RI POR ÚLTIMO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
UMA COMPOSIÇÃO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
UM DIA CHUVOSO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
MILAGRE	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ masculino
O ESTUDANTE E O BICHO DA SEDA	Educação	Narrativo	12 anos/ masculino
O LIVRO	Educação	Descritivo	12 anos/ masculino
O SONHO DO COELHINHO	Ético	Narrativo com um trecho de provérbio	12 anos/ masculino
COM PERSEVERANÇA TUDO SE ALCANÇA	Ético	Narrativo	12 anos/ masculino
O PRINCÍPIO DE LAVOISIER	Informativo	Expositivo	12 anos/ masculino



A LENDA DO VAGALUME	Entretenimento	Narrativo Religioso	12 anos/ feminino
ANIBAL	Informativo	Expositivo	13 anos/ masculino
O CAVALO	Informativo	Expositivo	13 anos/ masculino
O NAVIO DOS ESCRAVOS	Informativo	Descritivo	13 anos/ masculino
SILÊNCIO	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
UM DE MEUS SONHOS	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ masculino
O CANTAR DAS PALMEIRAS	Entretenimento	Descritivo com estrofe na forma de rima	13 anos/ masculino
A LÍNGUA	Ético	Narrativo	13 anos/ masculino
MÁRIO, O MENINO POBRE	Ético	Narrativo	13 anos/ masculino
O DESOBEDIENTE	Ético	Narrativo	13 anos/ masculino
O GULOSO	Ético	Narrativo	13 anos/ masculino
MEIOS DE TRANSPORTE	Informativo	Expositivo	13 anos/ feminino
SERENIDADE	Entretenimento	Descritivo. Religioso com estrofe na forma de rima	13 anos/ feminino
O OURO E O FERRO	Entretenimento	Narrativo	13 anos/ feminino

O ESPERTALHÃO	Entretenimento	Narrativo	14 anos/ masculino
NOS SERTÕES AFRICANOS	Entretenimento	Narrativo	14 anos/ masculino
O HERÓI	Entretenimento	Descritivo	14 anos/ masculino
O MALVADO	Ético	Narrativo	14 anos/ masculino
A FAZENDA DAS RIQUEZAS	Ético	Descritivo	14 anos/ masculino
BRASIL	Cívico	Descritivo	14 anos/ masculino
UMA VERDADE	Informativo	Expositivo	14 anos/ feminino
A MENINA A LA MODA	Entretenimento	Narrativo	14 anos/ feminino
MINHA MÃE	Entretenimento	Narrativo	14 anos/ feminino
CARTA CINEMATOGRÁ- FICA	Entretenimento	Narrativo com texto no formato de carta	14 anos/ feminino
O MENDIGO	Ético	Narrativo	14 anos/ feminino
PÔR-DO-SOL	Entretenimento	Descritivo	15 anos/ masculino
A VOLTA	Ético	Descritivo	15 anos/ masculino
O ÍNDIO CIVILIZADO	Informativo	Expositivo	15 anos/ masculino

O CEGO DE MINHA RUA	Entretimento	Descritivo com um trecho de canção	15 anos/ masculino
ALVORADA	Entretimento	Descritivo	15 anos/ feminino

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Quadro 15 – Levantamento das publicações na seção “Meu Jornal” de 1940

<b>ANO DE 1940</b>			
<b>TÍTULO</b>	<b>TEMÁTICA</b>	<b>TIPO TEXTUAL</b>	<b>IDADE/ SEXO</b>
A MENINA DESOBEDIENTE	Ético	Narrativo	7 anos/ feminino
UMA HISTÓRIA	Ético	Narrativo	8 anos/ masculino
O MENTIROSO	Entretenimento	Narrativo	8 anos/ masculino
A ONÇA E O COELHO	Entretenimento	Narrativo	8 anos/ masculino
AS MENINAS DESOBEDIENTES	Ético	Narrativo	9 anos/ feminino
O CORDEIRO E O LOBO	Ético	Narrativo Fábula	10 anos/ masculino
O MENINO MAU	Ético	Narrativo	10 anos/ masculino
O MACACO E A ONÇA	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ masculino
O MEU PAIZINHO	Entretenimento	Narrativo	10 anos/ feminino
O PASTOR	Cívico	Narrativo	11 anos/ masculino
O POMBO CORREIO	Entretenimento	Narrativo	12 anos/ feminino
OS ESTUDOS	Educação	Narrativo	13 anos/ masculino
A BANDEIRA BRASILEIRA	Cívico	Descritivo com estrofe na forma de rima	13 anos/ masculino
O TRABALHO	Cívico	Descritivo	13 anos/ masculino

A FACA E O REVÓLVER	Moralidade	Descritivo	13anos/ masculino
A FLORESTA	Entretenimento	Narrativo em forma de carta	13anos/ feminino
UMA GRANDE CAÇADA	Entretenimento	Narrativo	14anos/ masculino
A VIDA	Entretenimento	Narrativo em forma de poema com estrofe rimada	14 anos/ feminino
CANÇÃO DA LUA CHEIA	Entretenimento	Narrativo em forma de poema com estrofe rimada	15anos/ masculino
A VINGANÇA DO ÁRABE	Entretenimento	Narrativo	15anos/ masculino

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

## ANEXO A: Amostras dos textos das crianças publicados na seção "Meu Jornal"

## A) TEMÁTICA EDUCAÇÃO

## MESTRA!

A Mestra - soldado valente que luta contra as hostes escuras do analfabetismo.

Mestra! Santa e bendita palavra! Ela encerra: abnegação, amor às sciencias, amor aos pequeninos que, refugiando-se no seu seio bendito e fecundo, recebem dela, da Mestra, o saber, a grande luz que os conduzirá gloriosamente na senda terrena!

A Mestra é, por assim dizer, quem forma uma Nação: é ela quem ensina aos seus discípulos o amor à Patria; às tradições nacionais; a Religião; a Família; a Moral e a Virtude.

As crianças brasileiras serão o Brasil glorioso de amanhã; o Brasil de amanhã que assombrará as nações universais com sua grandeza, com seus homens, com seus sábios, com sua fecundidade.

Assim sendo, eles devem desde hoje, amar o estudo, porque, amando o estudo, eles prestarão uma homenagem às Mestras e formarão esse Brasil que assombrará a Humanidade.

Não ha uma criança que não tenha um ideal. Umias aspiram ser um grande advogado, um sabio, um geografo, um cientista; outros aspiram ser um poeta, um grande general, como Napoleão, Anibal, etc., enfim, em cada um desses pequeninos peitos, repousa um ideal, um doce e sublime anseio para a realização desse anelo é necessário que as crianças tenham uma admiração profunda pelas Mestras e procurem, por todos os meios, seguirem seus sábios ensinamentos.

Que as crianças brasileiras entoem um hino de amor e reconhecimento às Mestras e esse hino abrange todo o espaço e se transforme numa dulcissima Ave-Maria!

Ave-Maria!!!

Eu guardo uma afeição sincera pela minha Mestra do 5.º ano do Grupo.

Esta humilde pagina é um átomo de minha gratidão para com ela.

Que estas linhas cheguem até nos Pampas gaúchos e leve á America Achutt a minha obscura admiração.

Que assim seja.

LYGIA POVOAS DIAS (13 ANOS)

## ULTIMO DIA

Hoje, ultimo dia de aula, o professor indagou o que cada um queria ser. Arthur foi o primeiro a falar: queria ser medico; Almir, o esperto, tem vocação para advogado; Pedro vai estudar engenharia. De todas as profissões o professor fazia um elogio e apontava as dificuldades.

Quando tocou a minha vez eu lhe disse:

Depois que aprendi que a riqueza do Brasil está na terra, resolvi estudar agricultura.

— Isto já eu esperava! — respondeu o mestre!

Nunca deixei de verificar, com alegria, seu interesse pelas coisas do Brasil, principalmente no que tocou á grandeza da Patria.

Você faz muito bem, Carlinhos. Oxalá todos os meninos compreendam que é da terra que ha de surgir nossa grandeza; milhares de brasileiros hão de ser fortes.

Despeti-me de meu professor e dos collegas, bem commovido. Em casa meus paes esperavam-me cheios de alegria, ao saberem que havia terminado o curso. Esperava ansioso a hora do meu presente prometido por papae. Quem sabe se não era um "Almanach d'O Tico-Tico"? Aposto.

Olga Pinto Coelho (12 anos de idade).

## O LIVRO

O livro é um verdadeiro amigo, conselheiro leal e sincero, companheiro sempre prompto, nunca nos recusa o auxilio e nunca se cansa de nos attender. Por isso merece a nossa consideração e a nossa estima.

Devemos amar os livros e os conservar sempre limpos como vitras das livrarias.

O amor aos livros é o amor mais seguro da terra, e a leitura é o caminho de toda cultura humana.

É preciso desde a infancia crear o gosto e o habito da leitura, tão necessaria a qualquer instrucção e educação.

Paulo Dantas Netto (13 anos).

## A INSTRUCÇÃO

A instrucção é a faculdade de conhecer e comprehender as cousas.

Por meio da instrucção nós podemos ser uteis á Patria, á familia, á humanidade. A instrucção nos alegra o horizonte da vida, é o guia do bello e do bom, augmenta e desenvolve a nossa cultura e nos guia para um caminho feliz.

Com a instrucção fortificamos a nossa vontade e enriquecemos o nosso caracter.

Se nós, crianças, desejamos ser um bom cidadão, homem verdadeiramente livre, é preciso sermos instruidos, e a instrucção obtemos com os nossos proprios esforços.

Paulo Dantas Netto  
(13 annos)

## A MINHA CARREIRA

Entrei para a escola com 7 annos, no dia 1.º de Janeiro de 1930. No primeiro dia, a professora me ensinou a primeira lição.

Ella pediu-me um lapis, um caderno e uma borraça e uma cartilha do autor Lima e Silva. Na escola eu conseguia sempre as melhores notas. Quando chegava a hora do recreio eu comia a minha merenda dentro da escola. Quando acabava, ia estudar a minha lição do dia seguinte. A professora ensinava-me muito, porque eu sempre dava as lições oraes bem sabidas.

Quando eu acabei o curso primario, fui estudar com um professor particular para entrar para o Pedro II.

Entrei com boas notas. Quando acabei a curso do Pedro II, fui para a Faculdade de Medicina. Hoje, ando bem folgado, enquanto que os meus collegas vivem se sujeitando a um emprego hoje, e outro, amanhã.

ADAIL CARDOSO DA FONSECA  
(13 annos)

## Vespera de examio

*Em volta de uma mesa estão sentados, estudando, Lucio, Lucilia e Lidia.*

LUCIO — Das materias, para mim, a principal é a Geographia, porque estuda as terras e as aguas, principalmente, por estudar o Brasil, a minha muito amada Patria.

LIDIA — Qual a materia que Você aprecia mais ?

LUCILIA — Geographia, Historia do Brasil, Sciencias Physicas e Naturaes, Portuguez ou Mathematica ?

LUCILIA — Eu aprecio mais a Mathematica, porque nella se estuda as grandezas, mensuraveis e immensuraveis.

LUCILIA — E Você, Lidia ?

LIDIA — Eu, prefiro a Historia do Brasil, porque nella estão narrados os feitos de Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brasil; a Inconfidencia mineira, na qual foi imolado o Tiradentes; Bartholomeu Bueno, o Anhanguera, e suas Bandeiras; os tres primeiros governadores; as Capitancias hereditarias; a vinda de D. João VI e consequente desenvolvimento da antiga Colonia em um futuro Imperio promissor.

CENAURA MORAES  
— LACERDA —  
(13 annos)

## O VELHO MESTRE

Era um professor já idoso, que tinha mais de 30 annos de trabalho. Não pedia aposentadoria porque gostava de ensinar e não queria viver á custa do Estado.

Como já estava muito velho, nas horas de menos serviço, sua cabeça pendia sobre a mesa e adormecia. Um estudante muito garoto, querendo gracejar, levou de casa um chapéo de jornal, de copa alta e, levantando-se sorrateiramente, chegou por detraz do mestre e, zás! collocou-lhe o chapéo á cabeça e, muito depressa, voltou ao seu lugar. Os companheiros cahiram na gargalhada. O director ouvindo as risadas, dirigiu-se á aula do velho mestre e, lá vendo o occorrido, perguntou:

“Quem ousou fazer isso com um pobre velho? Quem desrespeitou as cans desta velhice? Sejam sinceros: digam quem foi”.

Nenhum accusou o companheiro. E o director, vendo que o professor dormia de mais, chegou-se á mesa do velho, pegou-lhe o rosto, mas recuou, tremendo e aterrado: o velho mestre estava morto!

MARIA DA CONCEIÇÃO Q. DE  
— MAGALHÃES —  
(14 annos)

## A ESCOLA

A escola é o berço da civilização dos povos. E' nela que se desenvolvem os grandes sabios e os mais celebres talentos.

Não ha civilização e muito menos instrução, onde não ha escolas. O nosso Brasil seria, ainda, um paiz selvagem, se nele não houvesse escolas e mestres.

O mestre desempenha o principal papel na escola, pois, é dele que nos vêm todos os conhecimentos que procuramos. E' ele que nos deve introduzir no caminho justo da vida, por meio de conselhos ou ensinamentos. Para isso é preciso, entretanto, que exista mutua amizade entre mestres e alunos. Geralmente, só são atendidos os conselhos e pedidos de um amigo; por essa causa, é necessario que mestres e alunos se traem como amigos, e nunca como superiores e inferiores.

E' na escola que estão todas as nossas aspirações, toda a nossa esperança no futuro. Nela sentimos uma vontade forte de lutar, de vencer, enfim, de sairmos vitoriosos na vida.

Muitas vezes, entretanto, ao em vez de vermos coroadas de exito todas as nossas ambições, vemos ruir por terra todo o triunfo que delas esperavamos. E, justamente por isso, ao frequentarmos uma escola, necessitamos além de força de vontade, um desejo louco de vencer. Para não desanimar, nunca, um estudante deve ter por lema: "Fé em Deus e Esperança no futuro". Fé, para que possamos beber resignadamente o calix da amargura que muitas vezes nos é oferecido pelo Destino. Fé, a Fé pura em Deus, para que tenhamos o consolo nas Orações, quando, num momento desesperado, sentirmos o desanimo invadir-nos a alma.

E não é difficil encontrarmos barreiras desoladoras em nossa vida de estudante. Para isso tudo necessitamos da Fé.

Da Esperança, precisamos, para termos nela uma arma com a qual poderemos lutar contra os obstaculos de existencia. Uma mulher ou um homem sem Esperança, é um perdido na vida. Não deseja lutar porque não tem esperança de vencer, portanto, necessi-

tamos da Esperança para sermos algumas cousa nesta vida.

A escola nos traz muitos prazeres, mas nos dá, tambem, momentos de amargura. Quando, porém, atravessamos um destes momentos, devemos lembrarnos de que Jesus caminhou sobre espinhos para alcançar o Céu. Assim, nós, os mortais, devemos passar pelo caminho do Sofrimento para, finalmente, alcançarmos o nosso Ideal.

E qual é o nosso Ideal se não chegarmos a ser uteis á Patria? Para sermos uteis é necessario sermos mestres, pois, ensinando, expandindo nossos conhecimentos contribuímos para maior orgulho da nossa terra, e maior gloria do Brasil.

Nada mais belo do que um paiz que se destaca pela é a base, e, só a escola é a base da civilização mundial.

SHEYLA CURTIS (15 anos)

## O ESTUDANTE E O BICHO DA SEDA

Ha um estudante pelo caminho, de volta da escola quando viu uma linda borboleta, e numa voz triste, falou:

— Como és feliz, borboleta! Podes voar, alegre, e eu sempre escrevendo, lendo e estudando.

Continuou a andar e mais adiante encontrou um bicho da seda.

Parou, ficou cihando e depois exclamou:

— Tolo! Fies a tua propria prisão?

Como és tolo!

O verme respondeu:

— Sim, trabalho agora, mas sei que depois desse afan sairei borboleta; terei livre.

O estudante ficou a meditar nas palavras do bicho da seda, e compreendeu que si não estudasse nunca poderia ser livre e feliz.

O bicho da seda trabalha para no futuro voar feliz, transformado em borboleta.

JOÃO BOSCO LEMOS FERREIRA  
12 anos



## OS ESTUDOS

*Carijs coiegas, todos nós devemos estudar, pois quem não aproveita a mocidade para estudar, quando ficar mais velho terá o arrependimento, mas aí será tarde, porque não terá aquela ventade de pegar no livro e ficará envergonhado de apresentar-se no meio de jovens que estudou com prazer.*

*Devemos deixar os divertimentos, por um certo tempo, e estudarmos o mais que pudermos, para sermos amanhã um segundo Ruy Barbosa, pois, quando crescermos teremos muito tempo para divertir, e até lá seremos homens instruídos e poderemos ensinar quanto é bom estudar.*

*Quando estivermos em aula não devemos importunar aos mestres com perguntas fúteis, mas sim prestarmos atenção às explicações, porque são frutos que reproduzirão na nossa intelligencia e formarão o nosso caráter.*

ROBERTO BITTENCOURT PEREIRA DE SOUZA (13 anos)

### B) TEMÁTICA CIVISMO

## A BANDEIRA BRASILEIRA

Sabem o que representa uma bandeira?  
 A bandeira representa a nossa patria,  
 A imagem do nosso país,  
 Representa tudo que nele existe,  
 Até nós estamos representados na bandeira!  
 Portanto o Brasil pende dela!  
 Mas ela também pende!  
 Sim! Do mastro!!!  
 O mastro é o nosso amado presidente  
 Que tudo faz para conservá-la presa em si!  
 O mastro pende também!  
 De nós, o povo patrieta, que não o deixamos caído!  
 Porque não pode haver no Brasil uma bandeira,  
 Presa ao mastro, mas este caído.  
 A bandeira representa o nosso amado Brasil!  
 O mastro, o nosso querido presidente!  
 A terra em que está preso é o povo,  
 A juventude brasileira que pela patria darão a vida!!!

J O R G E   A B D A L L A  
 (13 anos)

## O dia 4 de Setembro

—No dia 4, todos os collegios desfilaram pela Avenida. Foi um dia muito alegre!

A Avenida estava repleta de pessoas que, cheias de entusiasmo, davam vivas e batiam palmas quando passavam os alunos de cada collegio.

Eu fui formar e gostei muito do passeio.

Marchei por toda a Avenida, levando as bandeirinhas, e passei defronte ao palanque official, onde se achava o Senhor Presidente da Republica.

O nosso collegio, o Externato S. José Diocesano, foi um dos mais applaudidos, pois estava muito bem organizado. Chegando em casa, contei a meus paes tudo o que eu tinha visto e tambem a alegria que foi para mim, um passeio muito agradavel.

*Emir de Oliveira Silva*  
(12 annos)

## MEU BRASIL

Brasil, nosso paiz querido.

Brasil, sempre elogiado.

Brasil, nosso paiz bondoso.

Brasil, nosso paiz amado.

O nosso territorio brasileiro devia e deve estar cheio de patriotas, para ser assim um prospero paiz.

Não desprezem nunca sua querida Patria, o Brasil. Devemos amar a Patria como se fosse nossa mãe, porque ella nos viu nascer. Lutemos pela defeza de nossa Patria, e avancemos sem medo; enfrentemos com toda confiança, ostentando emociosados a nossa querida bandeira.

*Laerthe Moraes Abreu* (11 annos).

—:0:—

## 7 de Setembro de 1822

Depois da retirada de D. João VI para Portugal ficou herdeiro do throno D. Pedro I.

D. João VI quiz levar Pedro I consigo.

Os brasileiros muito se desgostaram com isso. Por fim, Pedro I ficou (9 de Janeiro é commemorado o dia do "Fico").

Em S. Paulo, havia certas desharmonias e D. Pedro foi para lá.

Pouco depois apresentou-se um official trazendo um decreto de Lisboa. D. Pedro ficou com furia, e gritou ás margens do Rio Ypiranga, desembainhando a espada:

— Pelo meu sangue, pela minha honra, pelo meu Deus, juro em fazer a independencia do Brasil!

E tirando do chapéo o laço portuez, gritou:

— Independencia ou morte!

E dahi por deante, ficou o Brasil independente de Portugal. Isso aconteceu no dia 7 de Setembro de 1822.

*Sylvio Reim Vianna* (9 annos).

## 7 DE SETEMBRO

Foi em 7 de Setembro  
Que, com um garboso porte,  
Pedro I bradou:  
*A Independencia ou Morte!*



Foi na margem do Ypiranga,  
Que surgiu o grito forte  
E cheio de heroismo  
*Da Independencia ou Morte!*



*JOSÉ E. M. MARTOS*  
(13 annos)

## A BANDEIRA BRASILEIRA

Não tenho palavras para descrever a belleza de nossa bandeira.

Não tenho porque tudo o que disser ficará aquem do que sinto vibrar em minh'alma.

Como é linda! As côres que a formam são rutilantes.

*Verde* — a côr de nossos mares, de nossas florestas, de nossos campos.

*Amarello* — a côr do sol, o mais bello astro, a côr do ouro que é guardado no seio de nossa terra.

*Azul* — a côr de um lindo céu da primavera, sob o qual estão as lindas mattas.

*Branco* — a côr mais simples! a côr das noivas, a côr das nuvens.

As vinte duas estrellas que ornam o globo azul parecem os vinte dois Estados do Brasil. O que lembram as palavras de seu lemma?

*Ordem* — paz e harmonia.

*Progresso* — desenvolvimento e cultura.

Como são bonitos os versos que Olavo Bilac escreveu para saudal-a.

Salvé lindo pendão da esperanza

Salvé symbolo augusto da paz,

Tua sobre presença a lembrança,

A grandeza da patria nos traz.

Devemos, como patriotas, orgulharmo-nos do nosso lindo symbolo.

*Dinah Vieira Machado* (12 annos).

## O DIA DA PATRIA

O sol dardejava seus raios de luz benéfica sobre os montes, rios, lagos e campinas. Tudo era bello e magestoso . . . Em tudo se notavam alegria e festa . . .

Era o dia da Patria.

Logo que acordei, fiz um acto de agradecimento a esse Deus generoso, que nos fez liberto do jugo estrangeiro. Depois, tomei o café e fui envergar meu uniforme de gala para ir ao gymnasio, aonde os alumnos tomariam parte na parada collegial.

Lá chegando, fomos recolhidos ao salão do auditorio, a que chamamos — *nobre* — e a voz do veneral director se fez ouvir como um clarim festivo.

Falou-nos da gloriosa data que transcorria; do grito sublime de D. Pedro, ás margens do Ypiranga e, finalmente, dos martyres da Independência, salientando Tiradentes — o heroe mineiro.

Fiquei commovido ante suas palavras que pareciam encerrar sua alma bondosa e seu coração fremente de enthusiasmo, e, naquele momento, que não esquecerei jámais, senti meu coração de creança opprimido á lembrança que se os patriotas que morreram pela liberdade vissem as commemorações desse dia, sentir-se-hiam felizes.

Não pude deter-me mais tempo nestas meditações porque batera o signal para formarmos.

Marchamos muito, e com muito garbo.

Em nosso collegio havia banda marcial, composta de corneteiros e tamboristas; havia tambem o pelotão dos cyclistas.

Por onde passavamos, recebiamos flôres, palmas e risos enthusiasmados.

Quando, terminado o desfile, fomos para casa, era quasi meio-dia . . .

Mamãe me esperava de braços abertos, e, ao abraçá-la, com os olhos semicerrados, repell, baixinho, só para mim, os versos benedictos:

*E o sol da liberdade em  
raios fulgidos,*

## BANDEIRA BRASILEIRA

De todas as bandeiras que conheço, a que acho mais bonita, é a bandeira brasileira.

Ella compõe-se de um rectangulo verde; dentro, um angulo amarello; sobre este uma esphera azul celeste, cortada por uma zona branca, na qual vemos escripto: **ORDEM E PROGRESSO.**

Todas as côres de nossa bandeira são significativas. O verde representa as nossas mattas exuberantes, as nossas florestas povoadas de passaros multicôres; o amarello, a nossa riqueza, que é o ouro.

A esphera azul representa a abobada celeste. A esphera é pontuada de 21 estrellas, das quaes, 20 representam os 20 Estados do Brasil; e uma estrella maior, o Districto Federal.

Devemos honrar, respeitar e venerar a nossa Bandeira; pois ella é a imagem da nossa Patria.

WILSON MACIEL (11 annos)

## MEU BRASIL

Brasil, meu paiz querido,  
Tu és meu torrão natal,  
Procuro te enriquecer  
Fazendo o que não é mal.

A ti, minha patria querida,  
Dedico a minha amizade  
Nestes versos pequenos  
Que são para a minha idade.

Porém é o unico meio  
Que tenho para te honrar  
Dizendo que de ti eu gosto  
E sempre hei de te amar.

Termino aqui estes versos  
Pedindo a meus amiguinhos  
Que dêem um vivo bem  
grande

A esta terra querida  
Que é toda a nossa vida.

*Zita Maria da Motta e Albuquerque (12 annos).*

## A Bandeira do Brasil

A nossa linda bandeira,  
Retrato do nosso Brasil,  
Representando o seu verde  
As nossas florestas mil

Falando sôbre nossa terra,  
Que é o querido Brasil,  
O nosso ouro representa-se  
Com o amarello varonil.

Agora, vou dizendo,  
A côr branca, expressiva,  
Nos manda fortificar o Brasil,  
Na sua parte progressiva.

Nas nossas pelejas renhidas,  
Figura sempre, altaneira,  
Na frente dos nossos exércitos,  
A nossa querida Bandeira.

Como todo brasileiro  
Eu amo o meu Brasil,  
Um amor sem igual,  
Um amor viril.

ELMO COUTINHO DA SILVA  
--(9 anos)--

## Descoberta do Brasil

O Brasil foi descoberto no dia 22 de Abril de 1500, pelo Almirante português, Pedro Alvares Cabral.

No dia 9 de Março de 1500 partiu do porto do Tejo, em Portugal, a esquadra de Cabral.

La ella a caminho das Indias, para assegurar o seu commercio. Como Vasco da Gama havia informado á Cabral que reinava a calmaria nas costas da Africa e que elle devia afastar-se delas, aconteceu que, dèsses afastamento foi levado para oeste pelas correntes maritimas, que não eram conhecidas naquella época.

Depois de haver navegado um mês sem ver vestigios de terra próxima, avistou Cabral, ao longe, no dia 22 de Abril de 1500, o monte Pasqual, ao qual dera esse nome por haver sido descoberto no domingo da Pasqua.

Procurando um bom ancoradouro para a sua esquadra o Almirante lusitano encontrou aquêlle a que deu o nome de Porto Seguro. Este porto fica situado no Estado da Baía.

A primeira missa que se rezou foi num ilhéu, o da Corôa Vermelha, no dia 26 de Abril daquêlle anno, sendo officiante o Frei Henrique de Coimbra.

A segunda missa foi rezada no continente, pelo mesmo sacerdote.

O escrivão de bordo, Pero Vaz Caminha, escreveu uma carta ao Rei de Portugal, D. Manoel, dizendo que Cabral havia descoberto *uma ilha de setenta leguas*.

No dia 2 de Maio do referido anno, a esquadra partiu para as Indias e uma não

## BRASIL

Brasil!

Tu és o maior país sul americano e um dos maiores do globo.

O teu solo encerra riquezas que ainda não vieram à superfície; porém, que não tardarão a atravessar a tua crosta afim de constituírem a riqueza do teu povo.

As tuas matas virgens escondem em seu seio indios que ainda não chegaram à civilização, mas que não tardarão a encontrá-la.

Os teus rios esperam que as suas forças hydraulicas sejam um dia aproveitadas na industria, como as dos musculos de um homem que trabalha, na lavoura, nas oficinas, etc.

Brasil!

Tu que já tens sido o berço de grandes homens, és e serás o de outros grandes vultos.

Brasil!

Crê no patriotismo de teus filhos que ainda te farão ser a maior potencia da America ou do proprio globo.

ANIBAL CARDOSO Jr.

(14 anos)

## A B A N D E I R A

Vocês já viram a nossa bandeira? tra que separa as estrellas de um lado com uma do outro.

O verde della mostra as nossas florestas.

O amarello mostra o nosso ouro. Por dentro tem uma bola azul que é o nosso céu.

Dentro da bola ha uma lis-

tra que separa as estrellas de um lado com uma do outro. Como é bonita a bandeira do Brasil!

Claudio Marinho Lins (7 annos).